

MOTYRUM-POTIGUARA
SEMANA INDÍGENA no MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN

Pereira, Levy - PREFEITURA DO RIO GRANDE - A PRESENÇA INDÍGENA NOS ENTES GEOGRÁFICOS DO MAPA DE GEORGE MARCGRAVE, palestra no MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN, Natal, RN, 22/04/2010.

MOTYRUM-POTIGUARA SEMANA INDÍGENA

NO MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN

PALESTRA:

PREFEITURA DO RIO GRANDE - A PRESENÇA INDÍGENA NOS ENTES GEOGRÁFICOS DO MAPA DE GEORGE MARCGRAVE.

Palestrante: **LEVY PEREIRA**

(Engenheiro Aeronáutico - ITA. Especialista em Engenharia de Sistemas - UFRN.)

O mapa BRASÍLIA QUA PARTE PARET BELGIS, de George Marcgrave, desenhado entre 1640 e 1643 e publicado a partir de 1647, contém um retrato do Rio Grande do Norte após quatro décadas de colonização europeia e uma de domínio holandês, e mostra muitos elementos geográficos associados à presença indígena. Tomando-se por base uma interpretação desse mapa com a localização probabilística de seus elementos, aponta-se a possível localização de onze aldeias de brasileiros, seis das quais já abandonadas naquela época, de um acampamento tapuia, dos caminhos até elas, e de outros elementos com toponímia de origem indígena contidos nesse mapa.

22 DE ABRIL ÀS 14h

LOCAL: Museu Câmara Cascudo/UFRN

Av. Hermes da Fonseca, 1398, Tirol - Natal, RN

mcc
50 anos
Museu Câmara Cascudo/UFRN



ÍNDICE

PÁGINA	ITEM
2	Cartaz para divulgação com o resumo da palestra (cortesia do Museu Câmara Cascudo)
4	INTRODUÇÃO
5	BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS - COBERTURA GEOGRÁFICA
7	A INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DO MAPA
8	A PRECISÃO GEOGRÁFICA DO BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS
9	CENÁRIO HISTÓRICO - RIO GRANDE <i>circa</i> 1641
11	A PRESENÇA INDÍGENA NO MAPA DE MARGRAVE DO RIO GRANDE
15	IMAGENS NO GOOGLE EARTH DAS POSIÇÕES PROBABILÍSTICAS DAS ALDEIAS BRASILIANAS E DO ACAMPAMENTO TAPUIA
ANEXOS	
21	ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)
52	ANEXO 2 - TOPÔNIMOS DA CAPITANIA DO RIO GRANDE NO MAPA <i>MARITIMA BRASILIAE UNIVERSAE</i> (MBU).
64	ANEXO 3 - ONDE VER E OBTER IMAGENS DOS MAPAS DE JORGE MARGRAVE
67	ANEXO 4 - GLOSSÁRIO
71	ANEXO 5 - IMAGEM DOS MAPAS
76	ANEXO 6 - BIBLIOGRAFIA
80	ANEXO 6- O MAPA DO BRASIL DE MARCGRAF Peter J. Whitehead
TABELAS	
11	Tabela 1 - Contagem dos topônimos na Capitania do Rio Grande pela origem do termo
13	Tabela 2 - Aldeias de brasileiros e Acampamento Tapuia na Capitânicas do Rio Grande Mapas BRA e MBU
IMAGENS	
4	Imagem 1 - Mapa <i>BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS</i> .
5	Imagem 2 - Mapa <i>MARITIMA BRASILIAE UNIVERSAE</i>
6	Imagem 3 - Secção do MBU mostrando a Capitania do Rio Grande
7	Imagem 4 - A Capitania do Rio Grande no BRA e no PB-RG
8	Imagem 5 - DE → PARA: A interpretação dos mapas de Margrave no Google Earth
10	Imagem 6 - Relevo do Rio Grande do Norte (Cortesia do geógrafo Erivaldo de Souza)
11	Imagem 7 - O quadro <i>NOTULARUM EXPLICATIO</i>
IMAGENS no GOOGLE EARTH - LOCALIZAÇÃO PROBABILÍSTICA	
15	Imagem 8 - Aldeia <i>Apua</i>
15	Imagem 9 - Aldeia <i>Apuâ</i>
16	Imagem 10 - Aldeia <i>Araunu</i>
16	Imagem 11 - Aldeia <i>Guaiana</i>
17	Imagem 12 - Aldeia <i>Guaratiba</i>
17	Imagem 13 - Aldeia <i>Iaragoa</i>
18	Imagem 14 - Aldeia <i>Icatû</i>
18	Imagem 15 - Aldeia <i>Mopebi</i>
19	Imagem 16 - Aldeia <i>Paragoaçu</i>
19	Imagem 17 - Aldeia <i>Pirari</i>
20	Imagem 18 - Aldeia <i>Vrubuuguaba</i>
20	Imagem 19 - <i>Aldea Vewaßou</i> , acampamento tapuia
IMAGENS DOS MAPAS DAS PREFEITURAS	
72	Imagem 20 - Mapa <i>PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE</i> (PB-RG)
73	Imagem 21 - Mapa <i>PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÂ</i> (PE-IT)
74	Imagem 22 - Mapa <i>PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS</i> (PE-M)
75	Imagem 23 - Mapa <i>PRÆFECTURA DE CIRÍÏÏ vel SERE GIPE DEL REY cum Itápuâma</i> (SE).

PREFEITURA DO RIO GRANDE - A PRESENÇA INDÍGENA NOS ENTES GEOGRÁFICOS DO MAPA DE GEORGE MARCGRAVE.

Levy Pereira.

INTRODUÇÃO:

O mapa *BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS*, de Jorge Margrave¹, publicado em 1648 por Joan Blaeu, representa o estado da arte de se fazer mapas na primeira metade do século XVII - nele, estão representados elementos geográficos propriamente ditos, tanto os relativamente perenes, como a costa oceânica, ilhas, rios, lagoas, montes, como aqueles mais dinâmicos, relacionados com a presença do homem, cidades, vilas, engenhos, currais, salinas, igrejas, aldeias de brasileiros, acampamentos tapuias, portos e caminhos.

E, como era costumeiro então, está vastamente decorado com elementos adicionais informativos de uma realidade do que era, à época, a nova terra, o novo mundo: vinhetas de Frans Post, de extraordinária beleza, dos frutos, plantas e animais nativos, do cotidiano dos colonos, indígenas e escravos, e de cenas de cunho marcial, batalhas, armas, deslocamento de tropa.

Este mapa não recebeu atualizações, preservando uma imagem daquele mundo congelada no tempo, qualidade esta, aliada à sua extrema fidelidade, tanto geográfica quanto pictórica, que o transforma numa fonte histórica primária sem par.



Imagem 1 - Mapa *BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS*. Há textos sobre o Brasil, baseados (Barleus, 1647) não mostrados nesta imagem, em três línguas, abaixo do mapa ou na sua lateral.

¹ Vide nota I sobre a grafia do nome de Margrave em (Whitehead, 1987) pg. 6.

BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS - COBERTURA GEOGRÁFICA:

Este mapa mural, de grandes dimensões², doravante referido neste trabalho pela sigla BQPPB, contém duas cartas geográficas de partes do Brasil em escalas diferentes:

- ▶ Carta em escala maior, desenhada no seu canto esquerdo inferior, intitulada *MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ*, doravante referida como MBU, que representa toda a costa do Brasil entre São Francisco do Sul-SC e Fortaleza-CE;
- ▶ Carta mais detalhada, escala 1 : 2.600.000 (± 100.000), cobrindo do rio Vasa Barris, em Sergipe, ao rio Ceará Mirim, no Rio Grande. Esta carta, neste trabalho tratada como *BRASÍLIA* ou com a sigla *BRA*, é a mais conhecida, pois ela foi fracionada em quatro partes para facilitar sua publicação, partes estas conhecidas como os quatro mapas das Prefeituras (SE, PE-M, PE-IT e PB-RG)³.

Face à pouca disponibilidade de imagens do *BRA* e do *MBU*, ao contrário da relativa facilidade de acesso às dos SE, PE-M, PE-IT e PB-RG, fato pouco divulgado é a existência no *MBU* de alguns elementos geográficos no Ceará, na região das salinas e litoral norte do Rio Grande, do sul do rio Vasa Barris, até *R. de S Francisco* (atual Rio São Francisco do Sul-SC), e de caminhos praticamente contínuos de Touros-RN a Salvador-BA, antecedendo o traçado da BR-101.



Imagem 2 - Mapa *MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ* (Universe Marítimo do Brasil), destacando a região *BRASILIA SUB REGIMINE BATAVORUM* (Brasil sob regime Batavo). O carimbo identifica que este mapa específico pertence à Biblioteca do Itamarati.

² (Whitehead, 1987) pg. 3 : "O mapa em si tinha 163,7 cm de largura e 102,0 cm de altura (ou 148,8 cm de altura incluindo o texto sobre o Brasil). Na versão Klenck as bordas são coloridas a mão em verde, rosa e amarelo."

³ vide GLOSSÁRIO, pg. 1-3.

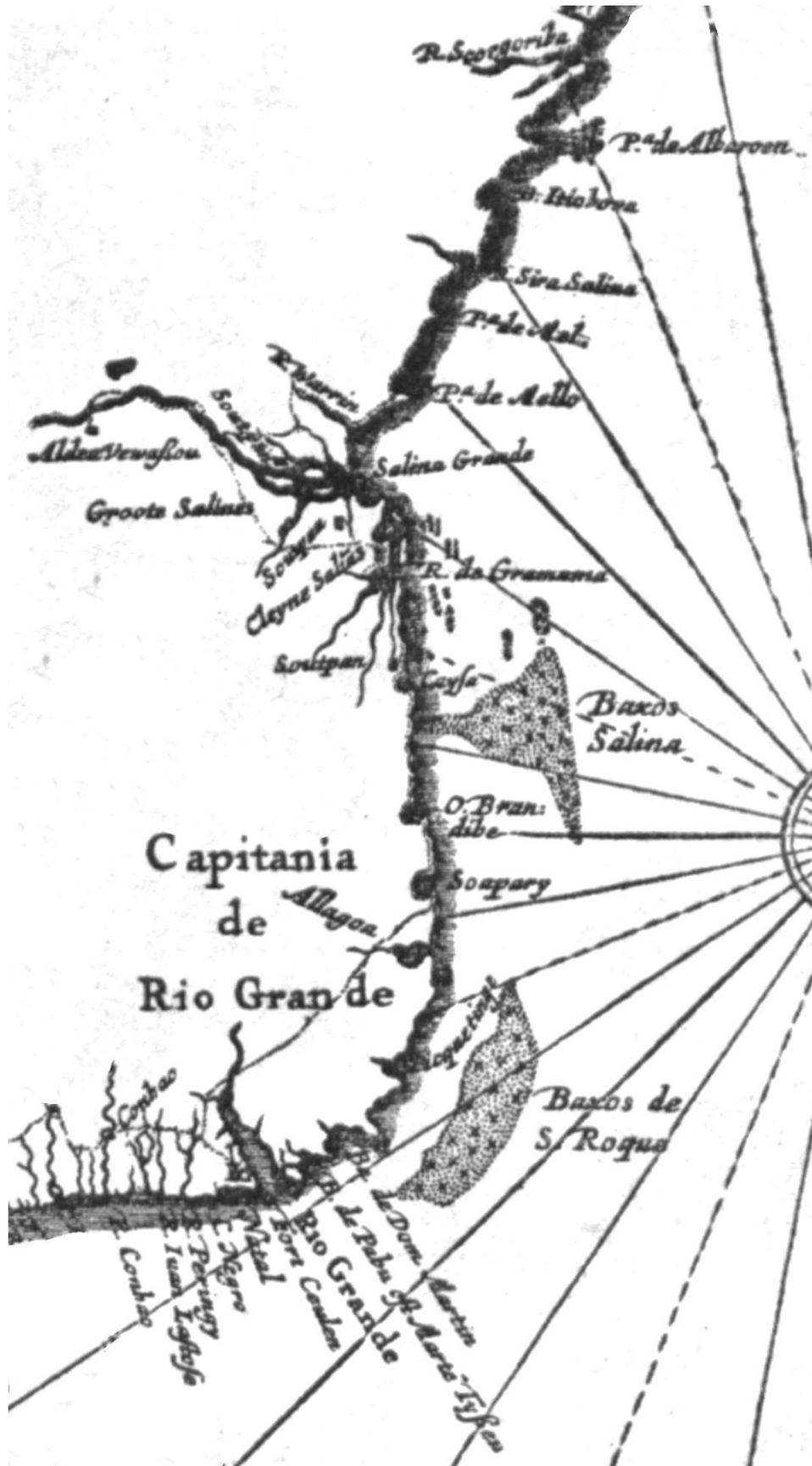


Imagem 3 - Secção do MBU mostrando a Capitania do Rio Grande - observar o caminho contínuo de Soapary (Cabo Goapari, atual Ponta do Calcanhar), passando pelo *Conhao* (Engenho Nossa Senhora das Candeias, atual Fazenda Cunhau, em Canguaretama-RN) e o detalhamento da região salineira no delta do rio Açú.

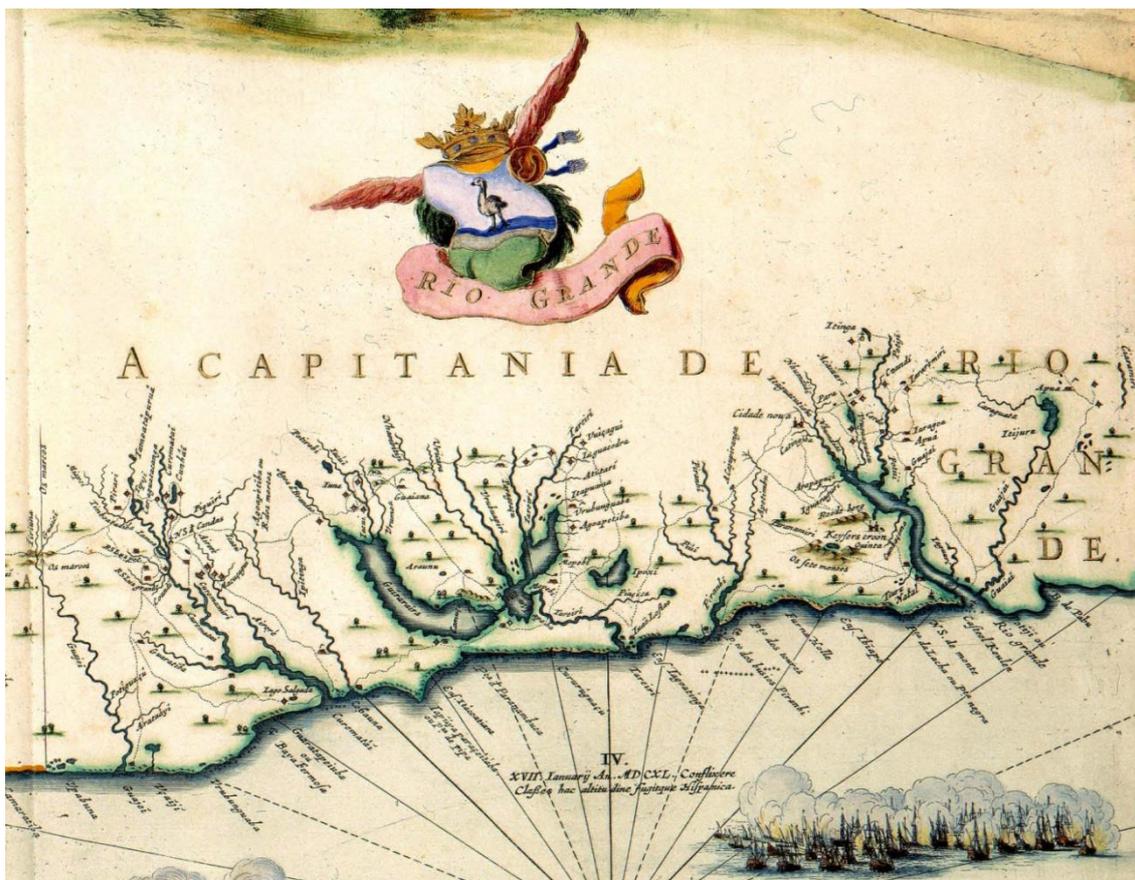


Imagem 4 - A Capitania do Rio Grande no BRA e no PB-RG está representada parcialmente, desde o limite com a Capitania da Paraíba, em *Os marcos*, até o rio *Ciaramirĩ* (Rio Ceará Mirim).

A INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DO MAPA:

O escopo do nosso trabalho constitui-se no reconhecimento dos elementos geográficos dos mapas MBU e BRA (SE + PE-M + PE-IT + PB-RG) e a sua representação numa tecnologia geográfica atualizada, associando-os aos fatos históricos coevos. Ou seja, a utilização de uma ferramenta atual da geografia para dar suporte e popularizar essa interpretação. A metodologia e as ferramentas adotadas estão descritas sinteticamente em (Pereira & Spencer, 2008)⁴.

Resumidamente, todos os elementos geográficos desse mapa histórico, estão representados num arquivo do Google Earth⁵, tornando possível a sua localização, visualização da área do entorno, inclusive relevo, e acesso a informações históricas coevas contidas em comentários associados aos seus entes (pastas, caminhos, marcadores e imagens).

Presentemente temos as interpretações de todos os elementos dos mapas MBU, SE, PB-RG, PE-M e 80% do PE-IT, do qual já contamos com a Capitania de Itamaracá totalmente interpretada e 80% da *Præfecturæ Paranambucae pars Borealis*.

Os topônimos, nomeados ou representados apenas com o símbolo, nessa interpretação têm duas cores, verde e vermelho, significando, respectivamente, localização verdadeira e localização probabilística. Localização verdadeira é o posicionamento do marcador na posição geográfica correta, por exemplo, as do *Casteel Keulen* (Forte do Reis Magos), do engenho de roda d'água com igreja *N S d Candas* (Engenho Cunhaú). Posição probabilística é a melhor estimativa, no momento, da localização geográfica do topônimo, baseada em informações históricas, análise de mapas históricos e atuais, bom senso, etc. A metodologia utilizada tem como finalidade a progressivamente relocalar a posição desses topônimos para um local cada vez mais próximo ao verdadeiro, reduzindo a área de incerteza geográfica, esperando, pelo acúmulo de informações, esverdeá-lo.

⁴ Nessa referência, o item 3 "A Transposição dos mapas de Margrave para ferramentas do Século XXI" às pg. 9-11 descreve detalhadamente as ferramentas utilizadas e a metodologia que continuamos a utilizar para interpretar o BRA e o MBU. Veja o anexo BIBLIOGRAFIA para obter na web uma cópia desse *paper*.

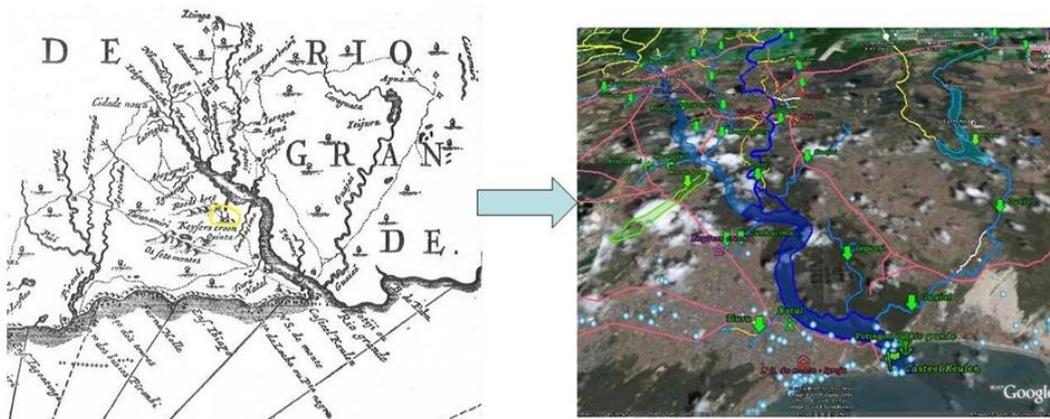


Imagem 5 - DE → PARA: A interpretação dos mapas de Margrave no Google Earth não só disponibiliza uma ferramenta poderosa para a história do Brasil Holandês, como também permite o estudo da evolução das bacias hidrográficas, da reutilização na ocupação territorial, da degradação ambiental (localização de matas e campos), entre muitos outros campos de interesse.

A PRECISÃO GEOGRÁFICA DO BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS:

O BRA, e seus derivados, SE, PE-M, PE-IT e PB-RG, podem ser considerados os melhores mapas do nordeste brasileiro até o século XX. São suficientemente precisos para se poder identificar todos os seus entes, sem exceções, tanto no litoral quanto no interior.

Quando se leva em conta as fases de construção de um mapa geográfico, nota-se a magnitude do esforço despendido para criá-lo. A primeira dela, alicerce para a precisão, é o levantamento em campo, feito, como se lê nas explanações técnicas no BQPPB, com longas e cansativas jornadas, percorrendo todo o território, cobrindo o litoral, rios e, caminhos, anotando distâncias, rumos e nomes para os entes que foram representados, mais de 2.000 entes, dos quais cerca de 945 no BRA e 180 no MBU têm nome. Os rumos certamente foram obtidos com bússolas magnéticas, contudo, para as distâncias, relativamente precisas no mapa, pouco ou nada sabemos, no momento, dos instrumentos ou métodos utilizados para sua determinação. Tal hercúleo esforço certamente foi fruto de trabalho em equipe, supervisionado por Margrave ou a ele disponibilizado.

O litoral, levando-se em consideração a grande escala, cerca de 1: 2.600.000, está perfeitamente delineado, podendo-se nele localizar entes pela sequência das enseadas. A escala mantém-se relativamente constante ao longo do litoral. A região do interior, à medida em se adentra, afastando-se do litoral, tem variações de escalas, diminuindo a confiabilidade nas distâncias nele obtidas com relação às distâncias reais.

As direções, ou rumos, estão fieis à declinação magnética da época, tendo um viés no sentido horário médio em torno de 9° em relação ao norte verdadeiro - o Nordeste do Brasil é uma região comprovadamente com acentuadas variações do rumo magnético. A declinação magnética varia de região a região, como se pode constatar nas legendas das cartas geográficas do IBGE⁵, e estas também informam a taxa anual de evolução magnética em relação ao ano de sua edição. Usando esta informação, calculamos a correção magnética para 1640, estimando a declinação magnética neste ano, para várias regiões do Nordeste, encontrando diferenças aceitáveis.

O efeito da declinação magnética no mapa, que afeta o BRA como um todo, fica destacado na inclinação das linhas *Os marcos* entre as capitanias de Pernambuco e Paraíba, e Paraíba e Rio Grande.

⁵ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, órgão federal responsável, entre outras atribuições, a produzir mapas geográficos oficiais no Brasil. Os mapas referidos são os de escala 1:100.000, e também são produzidos pela SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e pelo MEX - Ministério do Exército-Diretoria de Serviço Geográfico-Departamento de Engenharia e Comunicações.

Sites:

IBGE - mapas: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/>

MEX : http://www.dsg.eb.mil.br/imagens/Mapa_Produtos_Digitais.pdf

SUDENE: <http://www.sudene.gov.br/mapoteca> .

Esta mesma avaliação da precisão do BQPPB já estava comentada. Affonso de Escragolle de Taunay, no JORGE MARCGRAVE DE LIEBSTAD - ESCORÇO BIOGRÁFICO in (Margrave, 1648) pg. XXXIV cita:

"Tinha RIO BRANCO⁶ na mais alta conta o saber geográfico e a proficiência cartográfica de MARCGRAVE. Assim em suas *Efemérides brasileiras* (31 de julho), observa: "Os preciosos documentos geográficos, vulgarmente chamados de BARLAEUS são devidos a GEORGE MARCGRAFF e não passam de fragmentos incompletos de magnífica carta, hoje raríssima, ornada de cartuchos brasões, troféus e paisagens na qual se lê o seguinte: *Brasilia Geographica et Hydrographica Tabula Nova, Continens Praefecturas de Ciriji, cum Itapuama, de Paranambuco, Itaparica, Prayba et Potigi vel Rio Grande Quam propriis observationibus ac dimensionibus, diuturna peregrinationi a se habitis, fundamentaliter superstruebat et delineabat Georgius Marggraphius, Germanus, anno Christi 1643*".

Comenta o insigne Paranhos: "Triste é dizê-lo: ainda hoje quem quer estudar a zona marítima desde o Rio Grande do Norte até Sergipe, encontra no mapa do ilustre MARCGRAFF valiosas indicações geográficas, que de balde procuraria nas cartas brasileiras mesmo as mais recentes, todas levantadas em muito menor escala".

Diversas referências faz Rio Branco à inspeção por êle levada a cabo na cartografia marcgraviana para localizar o teatro de combates entre portugueses e holandeses.'

Erros - há pouquíssimos, e até o momento, segundo a nossa interpretação, em todo BRA, apenas podemos relacionar os seguintes:

1. A foz do rio *Nhĩacoca* (Rio Boa Água) está no rio *Guaramama* (Rio Gramame) a montante da foz do rio *Poĩmimbaba* (Rio Mumbaba) - Capitania da Paraíba, no BRA e PB-RG;
2. Os rios *Tambáarĩrĩy* (Riacho Cacimba), *Capiĩnaguaba* e *Tuĩnandĩba* (Riacho Cacimba) estão no BRA ou PB-RG como afluentes do *Camaratĩba* (Rio Camaratuba), que seriam efetivamente afluentes do *R. de Canafistola* (Riacho Tananduba também chamado de Riacho Bananeiras) - Capitania da Paraíba - esse possível engano debito a Elias Herckmans;
3. Riacho sem nome no mapa BRA e PE-M, atual Riacho Bom Jardim, que desagua ao norte da cidade de Japaratinga-AL. O interpretamos como sendo um rio, mas no mapa está desenhado com a simbologia de CAMINHO, mas, se for caminho, não está levando a parte alguma. O Riacho Bom Jardim é relativamente importante e ele não estaria omitido numa área no mapa bastante detalhada por Margrave, onde inclusive foram utilizadas notações numeradas para nomear topônimos de pequena monta - esse possível engano debito ao entalhador do original, primeira versão.

CENÁRIO HISTÓRICO - RIO GRANDE *circa* 1641:

O Rio Grande estava sob domínio neerlandês desde a tomada do Fortaleza dos Reis Magos em 12 de dezembro de 1633. O domínio holandês no Brasil atingia o zênite de sua expansão, sob Maurício de Nassau.

A colonização ibérica, iniciada após a fundação da cidade de Natal no apagar das luzes de 1597, imediatamente seguida da construção do Forte dos Reis Magos, e a pacificação dos nativos Potiguaras, tinha iniciado a ocupação do território e em apenas quarenta anos já estava estabelecida numa estreita faixa litorânea. O neerlandês, após estabelecer a primazia política e econômica, dava os passos iniciais para absorver o processo de produção na colônia, completando o ciclo de dominação, visando efetivamente substituir Portugal no BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS.

Os povos nativos do Rio Grande, duas nações, potiguaras e tarairiús, inimigos entre si, aliaram-se ao neerlandês. A primeira, invadida e contida a oeste pelos Tarairiú, ficando literalmente entre a cruz e a borduna, adotou a estratégia da convivência, a segunda, indômita, liderada por Janduí, desta forma priorizava a luta contra os ibéricos, considerando-os a principal ameaça à sua sobrevivência.

O território da nação potiguara, a mesma faixa do litoral que vinha sendo intensamente ocupada pelos europeus, estendia-se da Capitania da Paraíba, margem esquerda do rio Paraíba, para o norte, possivelmente até o vale do rio Punaú. A oeste era delimitado pelos contrafortes da *COPAIBA*, entendida aqui como a atual Chapada da Borborema e a leste, pelo Oceano Atlântico.

⁶ RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), barão do Rio Branco, diplomata.

Mais informações em:

http://www.mre.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1032&Itemid=368

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/BaraoRBr.html> acesso em 21/04/2010.

A nação Tarairiú, liderada por Janduí, constituía-se de tribos que costumavam receber o nome do seu principal, segundo (Barbosa, 2000):

- Os jandufis, localizados Seridó, Piranhas, Sabugi, Curimataú e em torno de Santa Luzia-PB e Patos-PB;
- Os ariús, na região dos rios Piranhas, Sabugi e Seridó (quase tudo na mesma região, com pequenas separações);
- Os panatis, em Pombal-PB, rios Piranhas e Espinharas;
- Os sucurus, em Bananeiras-PB, Cuité-PB, rios Curimataú e Trairi;
- Os paiaacus, nas fronteiras do Rio Grande do Norte com o Ceará, na região do Apodi e Ribeira do Patu;
- Os canindés, nas fronteiras do Rio Grande do Norte e Ceará, na região do rio Jaguaribe;
- Os genipapis, nas fronteiras com o Rio Grande do Norte e Ceará.

O território Tarairiú constituía-se na área da Chapada da Borborema, e as das bacias hidrográficas do rio Açu, também conhecido como rio Piranhas, do rio Mossoró e do rio Jaguaribe.

Extensas regiões no litoral norte eram compartilhadas litigiosamente pelos Tarairiú e nações tupis, possivelmente por serem territórios ainda em disputa quando o europeu aqui chegou. A região das salinas, no litoral norte, é um exemplo dessa situação. A Imagem 6 - Relevo do Rio Grande do Norte facilita o entendimento da localização da população indígena, assim como das razões de ordem ambiental para isso.

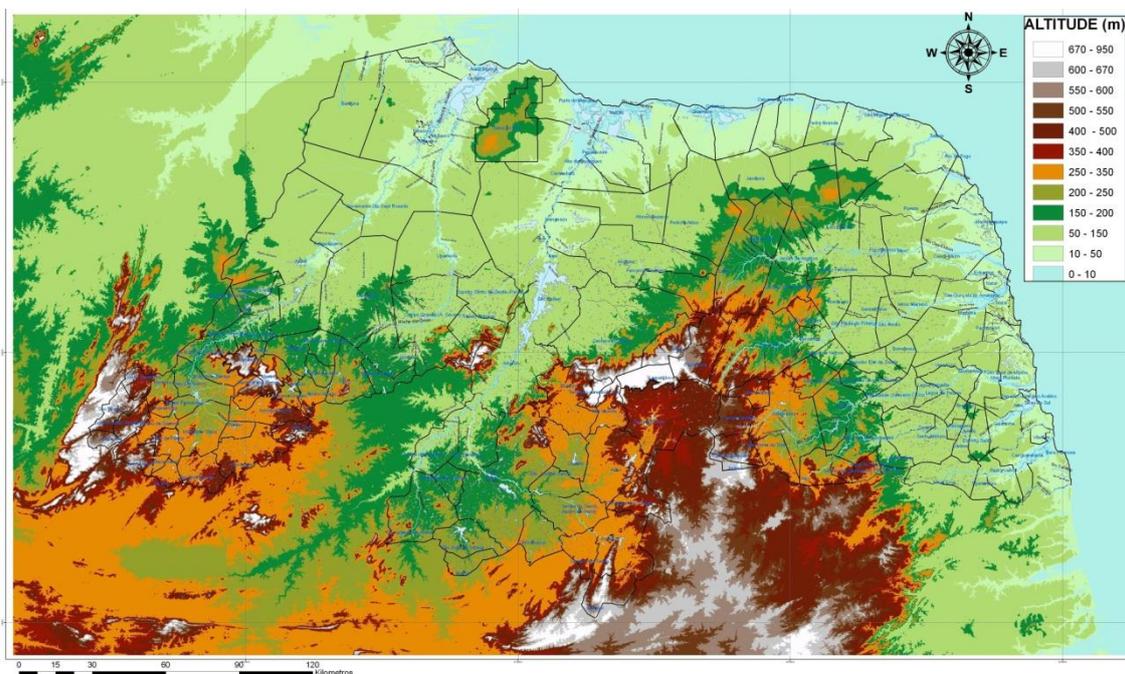


Imagem 6 - Relevo do Rio Grande do Norte - a orografia, o clima e os recursos naturais condicionavam a área de ocupação: Potiguaras no litoral leste, na área da Mata Atlântica, a mesma área de interesse do colonizador europeu, Tarairiús na Chapada da Borborema e na zona norte. No litoral norte, as salinas eram o principal atrativo para os europeus, e, para as populações nativas, riachos e lagoas de água doce e a fartura em moluscos e cajueiros. (Cortesia do geógrafo Erivaldo de Souza).

Fonte para imagens SRTM do relevo:

<http://www.relevo.br/cnpm.embrapa.br/download/index.htm>

acesso em 15/04/2010.

A PRESENÇA INDÍGENA NO MAPA DE MARGRAVE DO RIO GRANDE:

Nos concentraremos na presença indígena na Capitania do Rio Grande, avaliando cada ente geográfico contido nos mapas MBU e BRA, ou PB-RG, especialmente aqueles com topônimos indígenas ou com eles diretamente relacionados, tais como aldeias e acampamentos tapuias.

Todos os topônimos desses mapas estão relacionados nos Anexos 1 e 2:

1. TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS, com 138 topônimos;
2. TOPONIMOS RIO GRANDE - MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ, com 31 topônimos.

Os topônimos destas tabelas contêm uma avaliação da língua que lhes dão origem, e um estudo simplificado de sua etimologia. Para dar um parâmetro da influência indígena no nome desses topônimos, fizemos uma contagem, cujo resultado é:

Contagem etimológica dos Topônimos						
Capitania do Rio Grande	língua de origem					TOTAL
	tupi	português	neerlandês	P-T	P-N	
Mapa						
BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS	76	14	3	13	1	107
MARITIMA BRASILIAE UNIVERSAE	5	11	4	11	2	31
TOTAIS	81	25	7	24	3	138
%	58,7	18,1	5,1	17,4	2,2	100,0

Tabela 1 - Contagem dos topônimos na Capitania do Rio Grande pela origem do termo.

Podemos ver que o tupi estava em 76,1 % (58,7+17,4) dos topônimos, sendo ainda a língua dominante na designação de lugares. Cumpre-nos observar que a nomenclatura difere no BRA (e seus derivados) do MBU. Neste último, a etimologia parece ser derivada de um franco-espanhol.

No BRA estilo etimológico é muito mais esmerado, com um cuidado especial na grafia e na sua acentuação, certamente fruto da proverbial meticulosidade germânica de Margrave. Há em (Margrave, 1648) pg. 274-275 Capítulo VIII - *Da língua dos indígenas, conforme a gramática do Pe. José de Anchieta S. J.* um resumo das regras, inclusive a relativa à acentuação, que dá base à redação, e em especial, a acentuação por ele utilizada. Essa análise etimológica, no entanto, merece uma avaliação de profunda por um especialista no assunto.

Quanto às aldeias e acampamento tapuia, a sua representação no BRA está definida no NOTULARUM EXPLICATIO - vide Imagem 7 - com as legendas que explicitam o significado de todos os símbolos usados nos mapas para representarem vilas, engenhos, etc. - vide Imagem 6. Especificamente, vamos nos ater a *Aldea das Indias* *Domus Indiarum*, aldeia de brasileiros, *Aldea d Tapiya* *Domicilium Tapijyarum*, acampamento tapuia, ou tarairiu, e ao símbolo de *Lugar despovoado* *Domicilia deserta*, lugar abandonado.

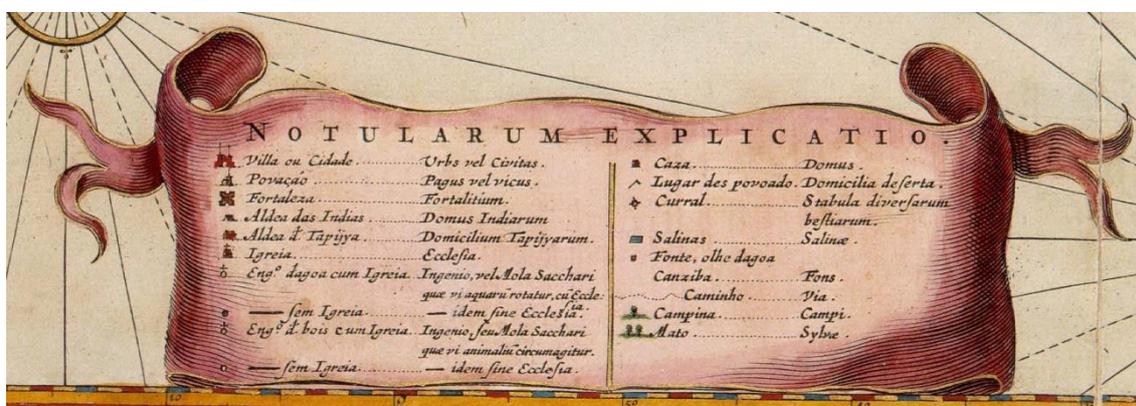


Imagem 7 - O quadro NOTULARUM EXPLICATIO⁶ - Notas Explicativas esclarece o significado da simbologia no mapa BQPPB e que consta somente do PE-IT - uma novidade para a época. Outros mapas contemporâneos, como o Golijath-Vingboons⁷ usam simbologia parecida, mas não exibem esse tipo de quadro. Notar também as duas línguas utilizadas: latim e português.

No mapa BRA e MBU, na Capitania do Rio Grande, encontramos onze aldeias de brasileiros, seis delas abandonadas, e um acampamento tapuia, relacionados, em ordem alfabética, na Tabela 2 - Aldeias e Acampamentos na Capitania do Rio Grande, na próxima página.

Não temos informações sobre as circunstâncias que acarretaram o abandono das seis das onze aldeias de brasileiros, *Apuá* no vale do *Ciaramirã* (rio Ceará Mirim), *Icatú*, sem nome no mapa, no vale do *Icatú* (rio Catu), *Vrubuaguaba*, na margem norte da lagoa Papari, nas cercanias ou na área cidade de Nísia Floresta-RN, *Paragoaçu*, sem nome no mapa, no vale do *Paragoaçu* (rio Arari), *Guaiana*, nas cercanias dos povoados Areias ou Sapé, em Arez-RN, e *Guaratiba*, sem nome no mapa, na cabeceira do rio *Guaratiba* (rio Guaratuba), em Baía Formosa-RN. Esse processo é academicamente bastante estudado sob diversos enfoques, funciona pela combinação de muitas causas, possivelmente entre as quais:

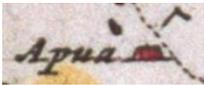
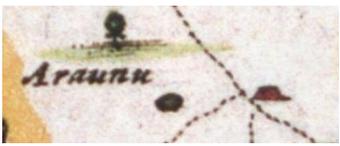
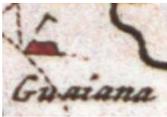
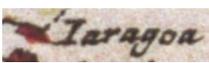
1. Declínio populacional, por atrito bélico e doenças;
2. Novos costumes, tais como novas formas de governo tribal impostas pelos europeus e, ou, pela conjuntura;
3. Concentração populacional para aprimorar as defesas, para aumento do número de guerreiros (*man power*), construção de estacadas, etc.;
4. Redução do domínio territorial indígena imposta pelos europeus para facilitar a colonização e, ou a catequese, católica e da religião reformada.

⁶ O exame do BQPPB mostra que há dois símbolos nele utilizados que não foram relacionados no *NOTULARUM EXPLICATIO*:

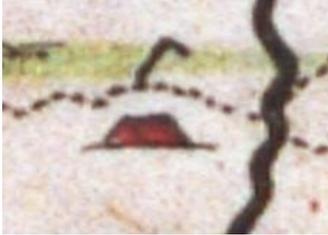
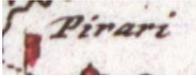
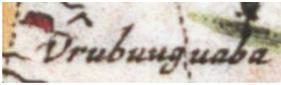
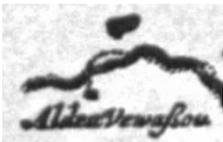
Símbolo	Significado
	Aldeia de brasileiros supervisionada por pregadores
	Significado não muito claro, podendo significar um cruzeiro no alto de um morro, ou uma variante para aldeia de brasileiros supervisionada. Consta somente no mapa SE.

⁷ O mapa Golijath-Vingboons é assim caracterizado em (Gonsalves de Mello, 1976) pg. 30:

"(17) Esta primeira série de mapas encontra-se no Atlas que pertenceu a H. G. Bom, hoje em poder do Instituto Arqueológico Pernambucano, obra do cartógrafo Johannes Vingboons (c 1616-70), e ao qual nos referimos no estudo anterior, relativo à planta do Recife de 1639; e também no Atlas em três volumes, de autoria de Vingboons, de propriedade da Biblioteca do Vaticano. O segundo desses três volumes contém os mapas em questão. Segundo Wieder, o Atlas Bom é mais antigo do que o da Vaticana: **Monumenta Cartographica** cit. p. 129. Na p. 136 Wieder compara o conteúdo dos dois Atlas. Os cinco mapas parciais foram reproduzidos nesta mesma obra, pranchas 45 (Rio Grande), 46 (Paraíba), 47 (Itamaracá), 48 e 49 (Pernambuco) do Atlas da Biblioteca do Vaticano, todos assinados «J. Vingboons fecit». O mapa geral do Brasil holandês, intitulado «Caerte van Brasil», abrange os pontos extremos da «B. de Caratuba» ao «Rio Seara Mirim», exatamente como nos mapas parciais."

Tabela 2 - Aldeias de brasileiros e Acampamento Tapuia na Capitania do Rio Grande Mapas BRA e MBU.		
Representação no BQPPB	Nome	Descrição
	<i>Apua</i>	Aldeia de brasileiros. Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS
	<i>Apua</i>	Aldeia de brasileiros com sinal de abandonada. Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS
	<i>Araunu</i>	Aldeia de brasileiros. ►(Medeiros, 1989) pg. 75: "ALDEIA DE ARANUM - O mapa de JORGE MARCGRAVE, de 1643, incluído no livro de BARLÉU e que representa a Capitania do Rio Grande, fixa a Lagoa de Araunu, junto à qual havia uma aldeia indígena. O mapa de GOLIJATH assinala a aldeia de Oriaranum. Em 1645, eram capitães da aldeia de Aurunum Diogo Paes Buto e Jerônimo Coelho (11). Aranum fica na margem ocidental da Lagoa de Guaraíras, no município de Arez-(RN).".
	<i>Guaiana</i>	Aldeia de brasileiros com sinal de abandonada. Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS
	<i>Guaratiba</i>	Aldeia de brasileiros com sinal de abandonada. Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS
	<i>Iaragoa</i>	Aldeia de brasileiros. Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS
	<i>Ïcatu</i>	Aldeia de brasileiros com sinal de abandonada. Ainda não encontramos referências a esta aldeia.
	<i>Mopebi</i>	Aldeia de brasileiros. Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS

**Tabela 2 - Aldeias de brasileiros e Acampamento Tapuia na Capitania do Rio Grande
Mapas BRA e MBU.**

Representação no BQPPB	Nome	Descrição
	<i>Paragoçu</i>	<p>Aldeia de brasileiros com sinal de abandonada.</p> <p>►(MEDEIROS, 1989), pg. 73: "ALDEIA DE PARAGUAÇU - A carta do Pe. PERO RODRIGUES, de 19 de dezembro de 1599, descreve um episódio relacionado com o maioral potiguar Paragoçu (Mar Grande), aprisionado pelos portugueses por ocasião de um combate travado na praia vizinha ao forte em construção (dos Reis Magos). Posteriormente Paragoçu tornou-se amigo dos portugueses (1). Segundo o Pe. MANUEL DE MORAIS, em 1635 a aldeia de Parawassu achava-se reunida à de Mopebi, e tinha por capitão Francisco Vaibitary. A aldeia ficava localizada entre o Rio Grande e Cunhaú (2).</p> <p>No mapa de JORGE MARCGRAVE (1643), constante do livro de GASPAR BARLÉU e relativo à Capitania do Rio Grande, figura o rio Paragoçu despejando para a Lagoa de Papari. Hoje aquele rio recebe a denominação de Arari.</p> <p>Na documentação pertencente ao acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, deparamo-nos com o documento que dá conta de uma doação feita por João Lostão Navarro, em 1626, à sua filha Maria Lostão Casa Mayor, noiva de Manuel Rodrigues Pimentel: "... e meia légua de terra em quadra na tapera de Paragoçu, na conformidade da data que da dita terra tem" (3).</p> <p>Um outro documento, também arquivado no Instituto, refere-se a uma data e sesmaria concedida ao sargento-mor Francisco Lopes. Tal concessão, feita na Bahia aos 19 de julho de 1670, foi registrada na Capitania do Rio Grande aos 11 de fevereiro de 1676. Da leitura do texto do documento, encontramos referência à localização daquela Aldeia de Paragoçu: "... e outra meia légua de terra, na própria várzea, a qual deram em data a seu sogro Manuel Rodrigues Pimentel, que está junto à Aldeia de Paragoçu, correndo pela (ilegível) junto do Araraí, correndo para o Papari" (4).</p> <p>O rio Arari, outrora também denominado Paragoçu, corre ao sul das atuais cidade de São José de Mipibu e Nísia Floresta.</p> <p>O mapa de Marcgrave assinala a existência de uma aldeia indígena, considerada despovoada em 1643, no rio Paragoçu, no ponto onde hoje existe a localidade de Curral Novo, em S. José de Mipibu."</p> <p>►C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi ou Leonardo Arroyo, em Notas do capítulo IV, in (Southey, 1810) pg. 207: "44 Mopebi e Para-wassu, ambas entre o Rio Grande e Cunhaú; ...".</p>
	<i>Pirari</i>	<p>Aldeia de brasileiros.</p> <p>Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS</p>
	<i>Vrubuuguaba</i>	<p>Aldeia de brasileiros com sinal de abandonada.</p> <p>Mais detalhes no anexo TOPONIMOS RIO GRANDE - BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS</p>
	<i>Aldea Vewafou</i>	<p><i>Aldea d tapijya</i>, acampamento tapuia, conhecido como Aldeia do Açú.</p> <p>Possivelmente localiza-se possivelmente nas cercanias da cidade do povoado Cuó, município de Ipanguaçu-RN.</p>

IMAGENS NO GOOGLE EARTH DAS POSIÇÕES PROBABILÍSTICAS DAS ALDEIAS BRASILENAS E DO ACAMPAMENTO TAPUIA:



Imagem 8 - Aldeia *Apua* - localização probabilística, cercanias da localidade Massangana, Ceará Mirim-RN.

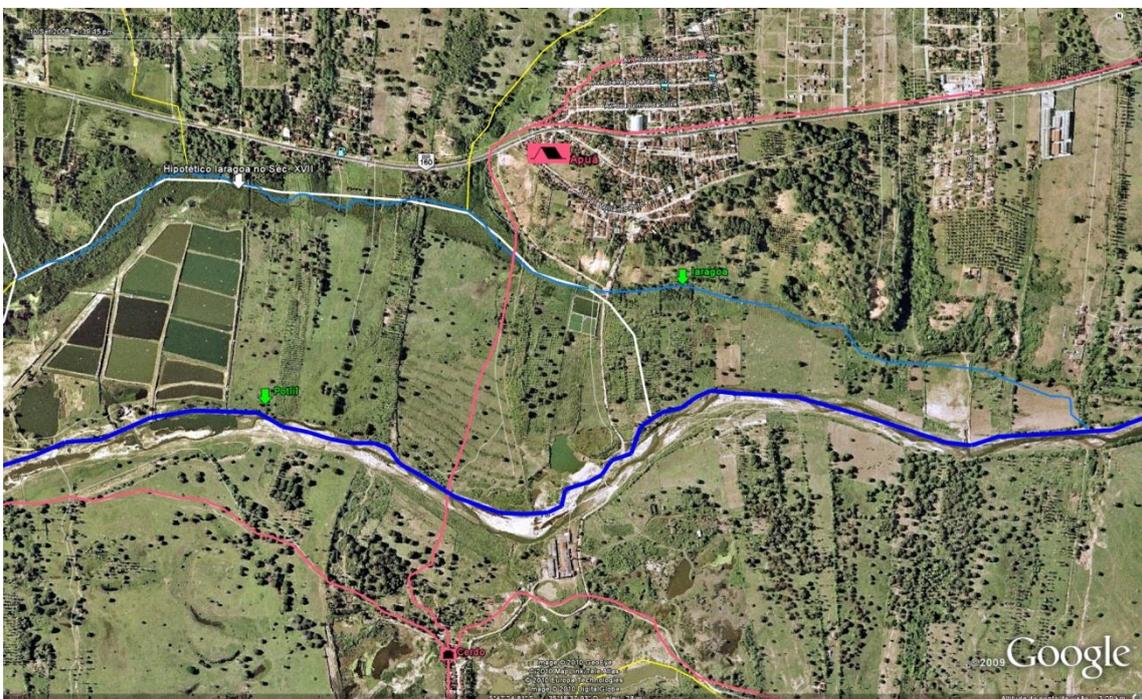


Imagem 9 - Aldeia *Apua* - localização probabilística, zona urbana da localidade de Santo Antônio do Potengi, em São Gonçalo do Amarante-RN.

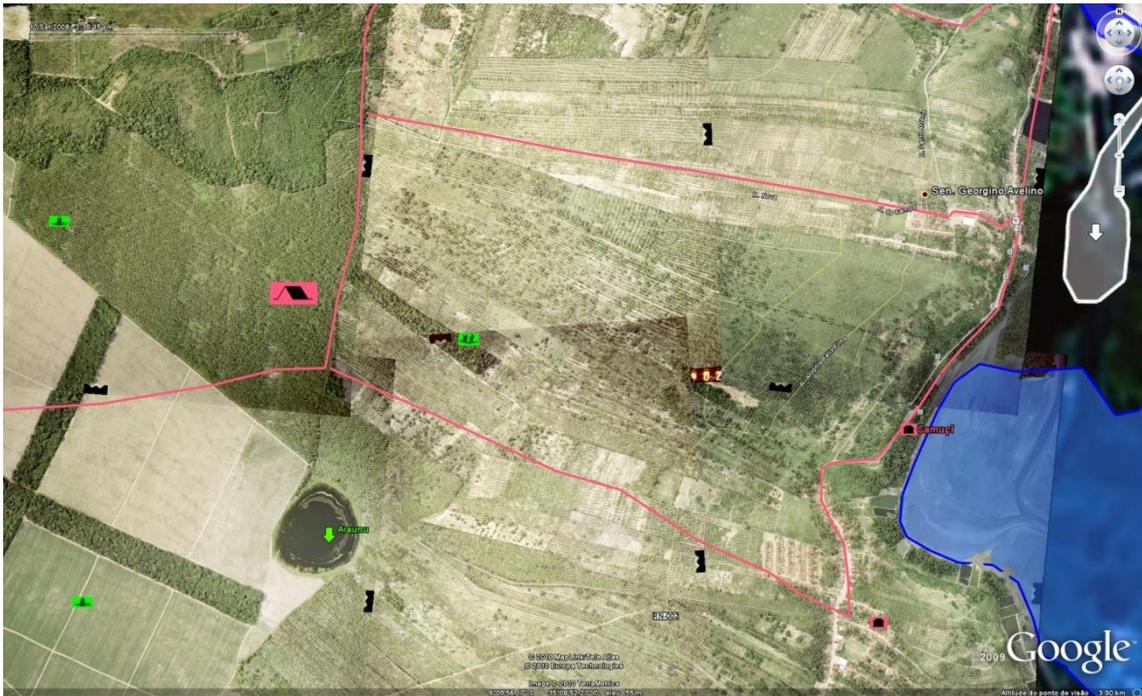


Imagem 10 - Aldeia *Araunu* - localização probabilística, norte da Lagoa de Araunum, Arez-RN.

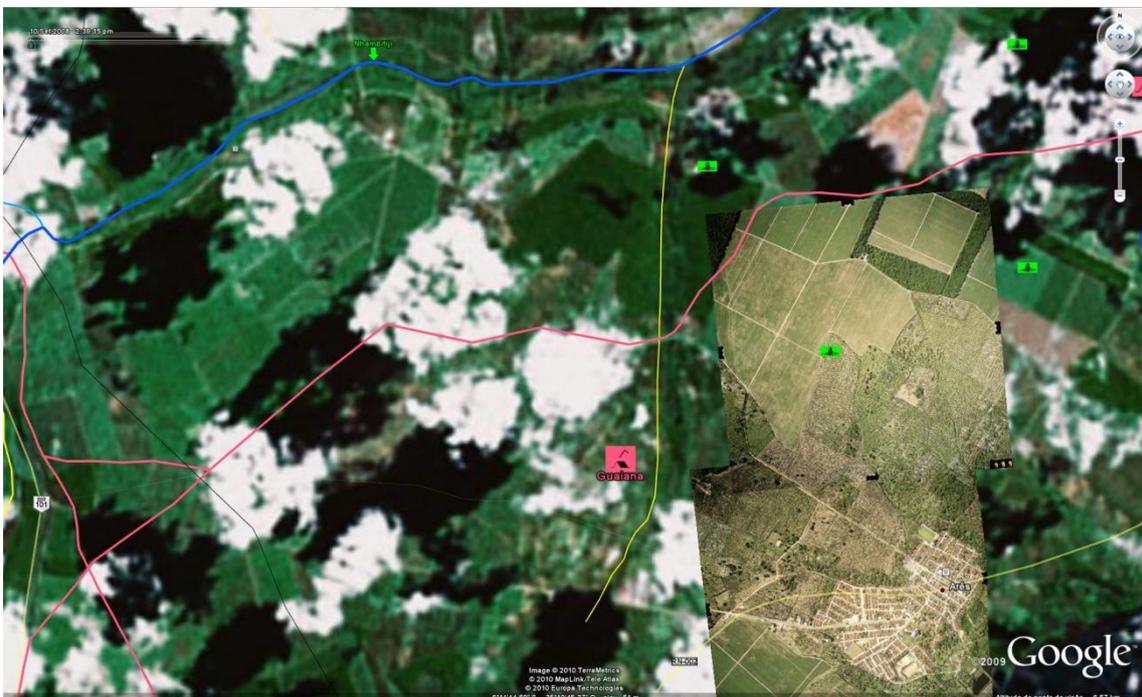


Imagem 11 - Aldeia *Guaiana* - localização probabilística, região entre as localidades de Areias e Sapé, às margens do riacho, em Arez-RN.



Imagem 12 - Aldeia *Guaratiba* - localização probabilística, cabeceira do rio Guaratuba, margem direita.

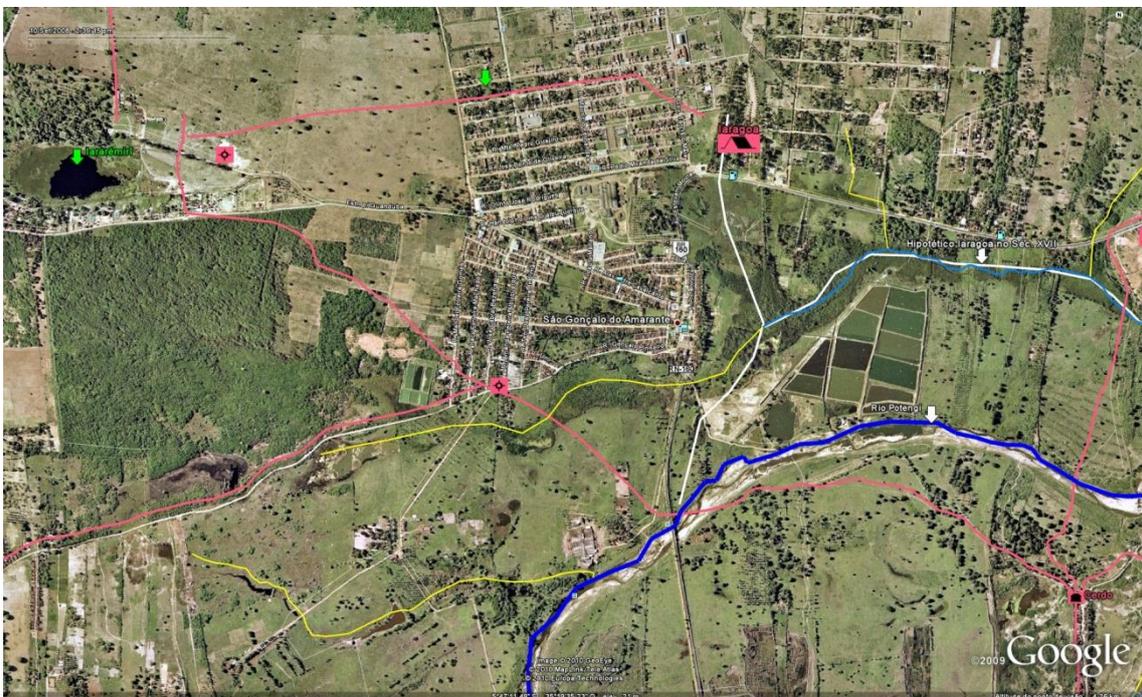


Imagem 13 - Aldeia *Iragoia* - localização probabilística, área urbana de São Gonçalo do Amarante-RN.

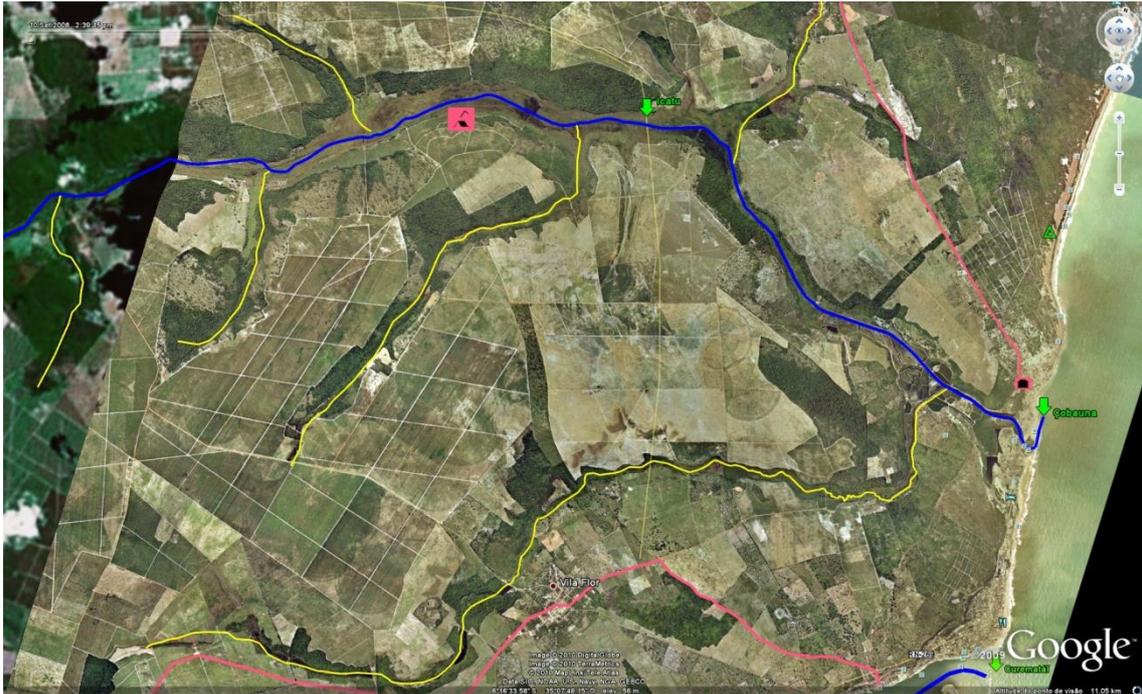


Imagem 14 - Aldeia *Icatu* - localização probabilística, margem direita do rio Icatu, município de Vila Flor-RN.



Imagem 15 - Aldeia *Mopebi* - localização probabilística, povoado Oitizeiro, Nísia Floresta-RN.

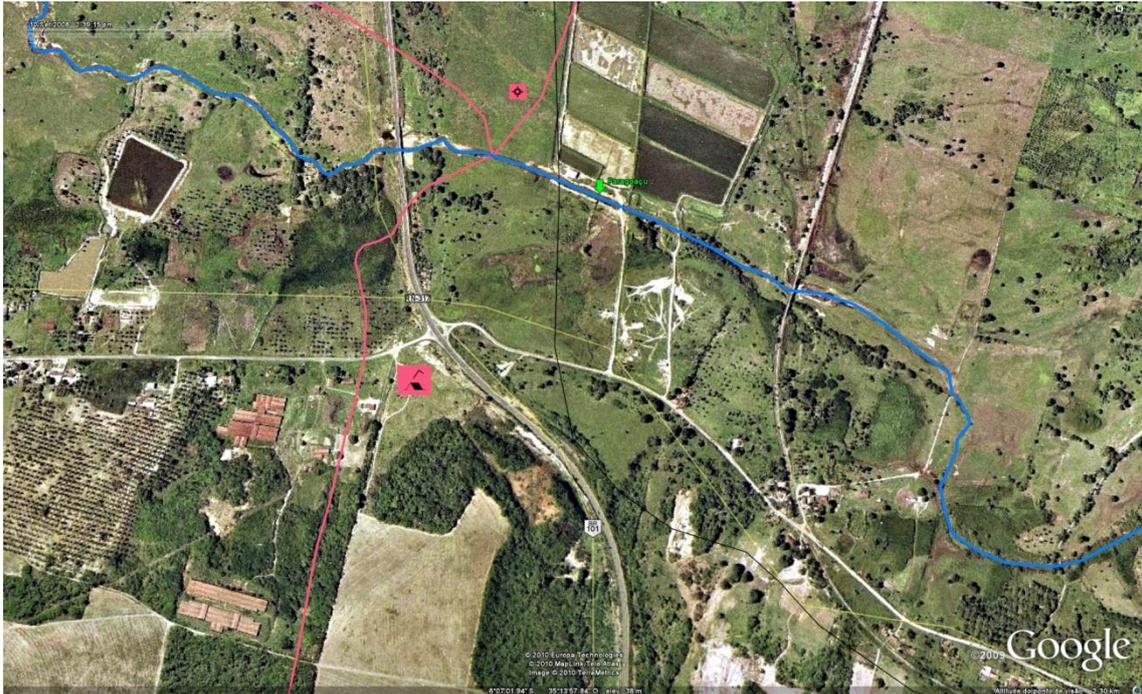


Imagem 16 - Aldeia *Paragoçu* - localização probabilística, cercanias da localidade Ribeiro, São José do Mipibu-RN.



Imagem 17 - Aldeia *Pirari* - - localização probabilística, localidade Pirari de Cima, Pedro Velho-RN.

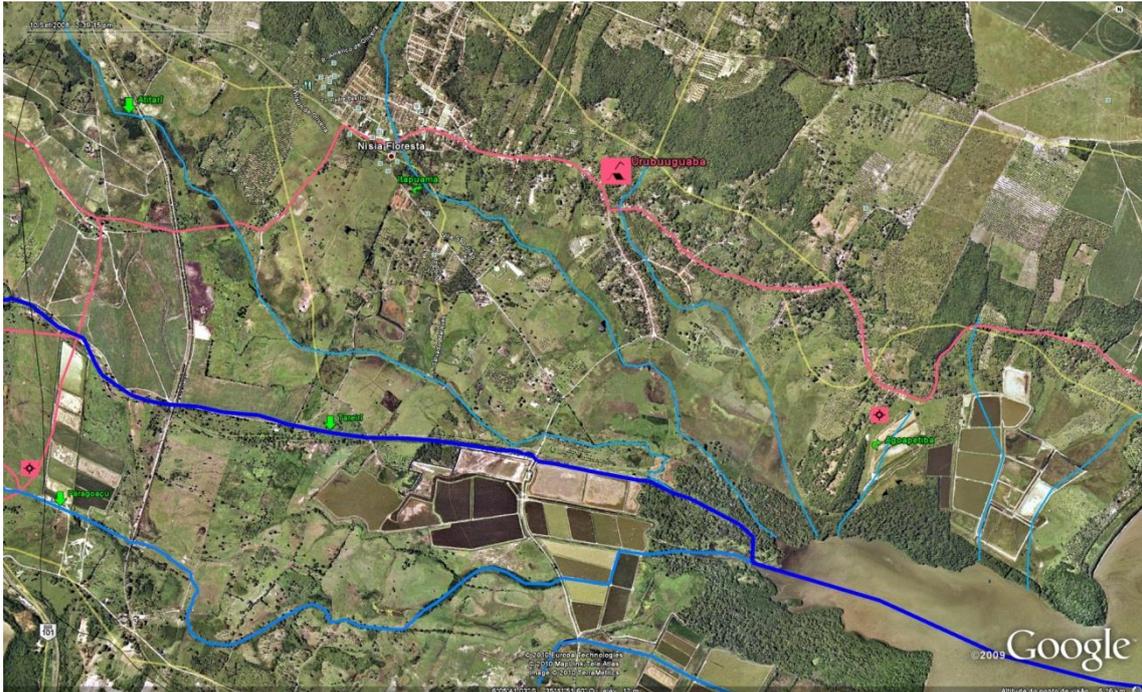


Imagem 18 - Aldeia Vrubuuguaba - localização probabilística, região a leste e próxima da área urbana da cidade de Nísia Floresta-RN.

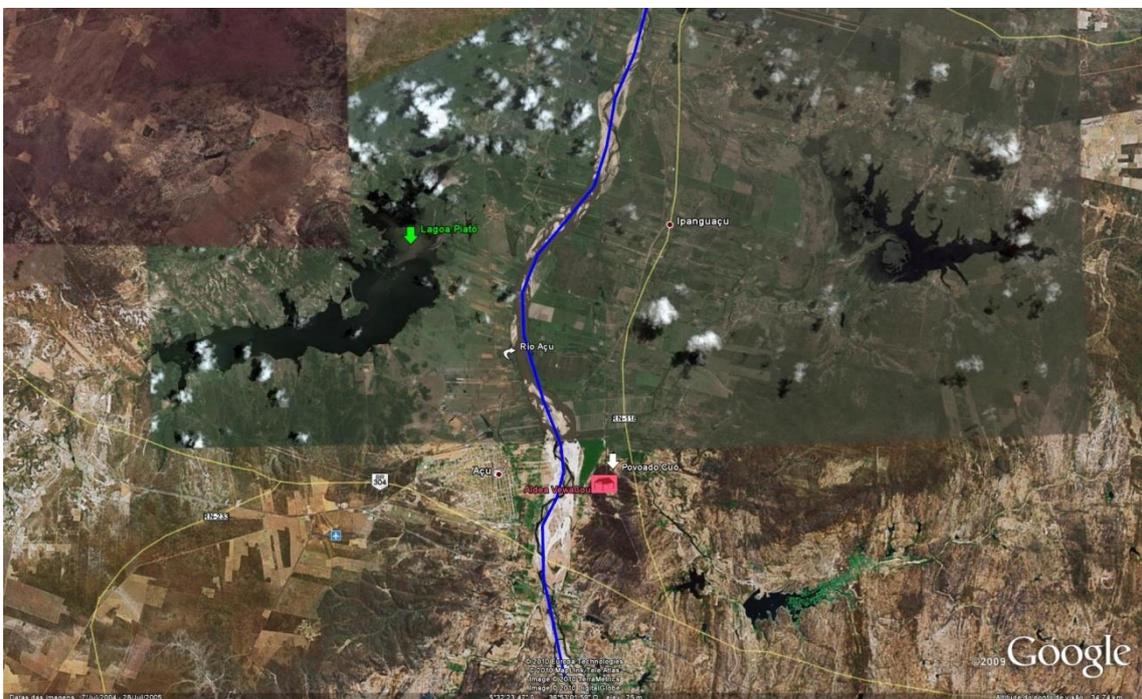
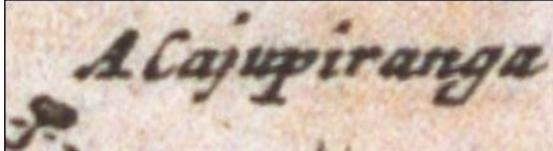
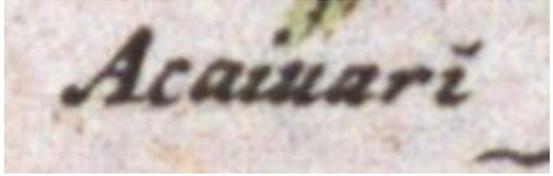
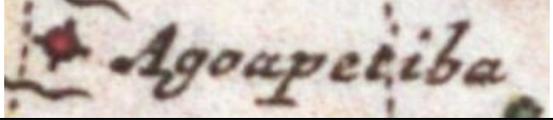
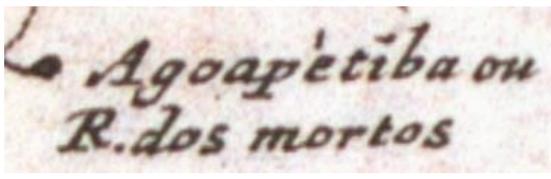
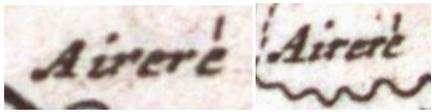
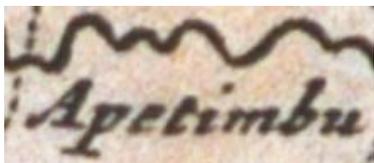
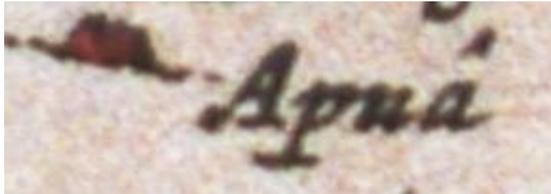


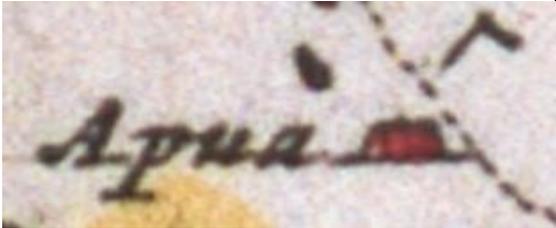
Imagem 19 - Aldeia Vewafou, acampamento tapuia, localização probabilística, nas cercanias do povoado Cuó, município de Ipanguaçu-RN.

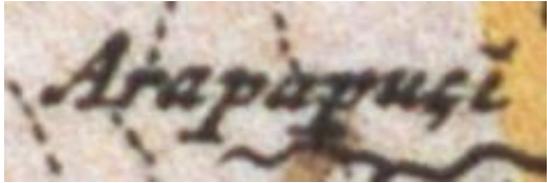
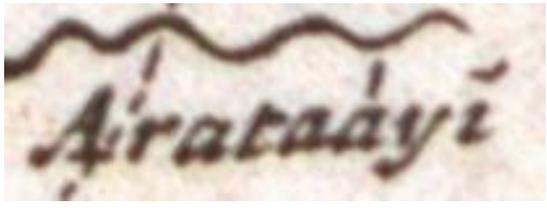
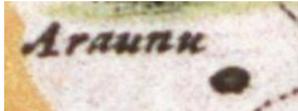
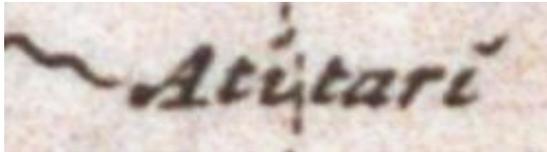
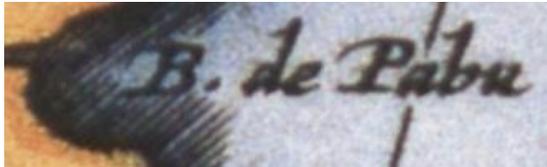
**ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE
NO MAPA BRA (ou PB-RG)**

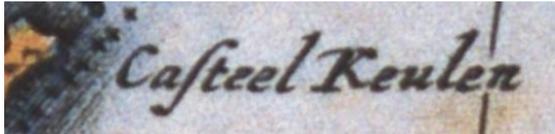
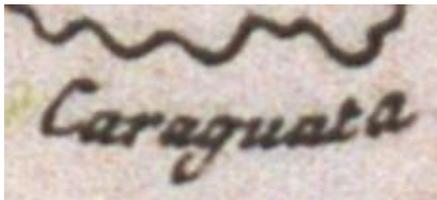
Viés: ETIMOLOGIA.

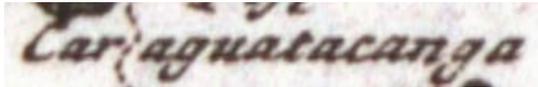
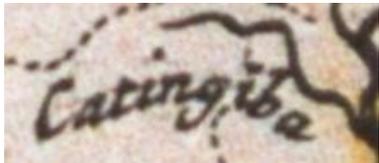
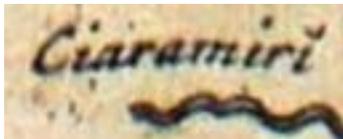
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
A Cajupiranga		rio	Nome atual: riacho Água Vermelha. Etimologia: termo de origem tupi - nome associado ao fruto do cajueiro, o caju, <i>acaiû</i> ou <i>acaia</i> , de cor vermelha, <i>piranga</i> . (Margrave, 1648) pg.94-95 trata da: * <i>acaiaiba</i> , ou <i>acaiuiba</i> , o cajueiro; * <i>acaiû</i> , seu pseudofruto; * <i>acaguacaia</i> , <i>acajuti</i> ou <i>itimaboera</i> , a castanha; * <i>acajuacaipiracoba</i> , a flor do cajueiro.
A CAPITANIA DE RIO GRANDE		Capitania	A Capitania do Rio Grande constituiu o segundo lote de capitanias hereditárias doado por Dom João III de Portugal em 1531 e em 1570 reverteu à posse da Coroa. No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, a divisa ao sul está no litoral na altura das Lagoas de Upabuna (entre o rio Camaratuba e o rio Guajú). No litoral norte este limite não está desenhado e assume-se, com base em outras fontes, que estaria na foz do rio Jaguaribe. ► http://www.cerescaico.ufrn.br/rnnaweb/historia/colonia/capitania.htm acesso em 14/4/2010: "A Capitania do Rio Grande, com cem léguas, foi doada a João de Barros, feitor das Casas de Mina e da Índia, a qual foi aglutinada com cinquenta léguas doadas a Aires da Cunha e setenta e cinco léguas doadas a Fernão Álvares de Andrade, perfazendo um total de duzentos e vinte e cinco léguas de terras, cujos limites não são muito claros, em função do desaparecimento da Carta de Doação (CASCUDO, 1984)." Etimologia: termos de origem portuguesa.
Acaiuarĩ		rio	Nome atual: rio da Prata. Etimologia: termo de origem tupi - associação de <i>acaiû</i> , o caju, o pseudofruto do cajueiro, e <i>ĩ</i> , rio, água. (Margrave, 1648) pg.94-95 trata da: * <i>acaiaiba</i> , ou <i>acaiuiba</i> , o cajueiro; * <i>acaiû</i> , seu pseudofruto; * <i>acaguacaia</i> , <i>acajuti</i> ou <i>itimaboera</i> , a castanha; * <i>acajuacaipiracoba</i> , a flor do cajueiro.
Agoa đ Brandao		rio	Nome atual: riacho do Barandão. Cruza a BR-101 na cidade de Goianinha-RN. Etimologia: termo de origem portuguesa, Água do Barandão. Barandão é o arcaico de Brandão.
Agoapetiba		riacho	Nome atual: ??? Riacho na margem norte da Lagoa de Nísia Floresta (Lagoa Papari). Etimologia: termo de origem tupi - associação de <i>aguape</i> , planta aquática e <i>tiba</i> , planta.

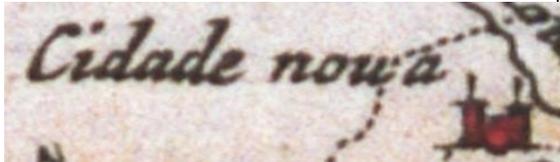
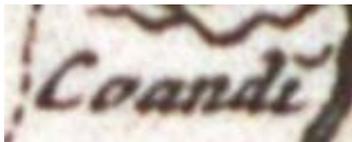
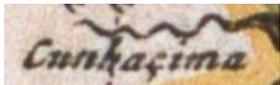
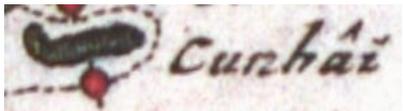
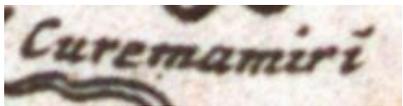
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
			(Margrave, 1648) pg. 23 descreve esta planta.
Agoapêtiba ou R. dos mortos		rio	Nome atual: riacho Pituba. Etimologia: O primeiro nome, <i>agoapêtiba</i> , é termo de origem tupi - associação de <i>aguape</i> , planta aquática e <i>tiba</i> , planta. (Margrave, 1648) pg. 23 descreve esta planta. O seu aliás está em português - Rio dos Mortos.
Aireré		rio	Nome atual: rio Arerê. Etimologia: termo de origem tupi - <i>aireré</i> , <i>ireré</i> , possivelmente designando uma espécie de ave, um pato selvagem, o paturi.
Apetimbu		rio	Nome atual: rio Pitimbú. Etimologia: Termo de origem tupi - o nome deste rio pode estar associado ao peixe petimbuaba, descrito em (Margrave, 1648) pg. 148-149, o <i>Tabac-pejpe</i> (Cachimbo), peixe com formato alongado, parecido com um cachimbo. Os cachimbos no século XVII não tinham forninhos, eram tubulares ou em forma de cone. <i>Petim</i> , em tupi, designa o tabaco.
Apuá		aldeia de índios	Aldeia de índios brasileiros. Possivelmente é a aldeia Itaiipi. Possivelmente localizada na localidade de Santo Antônio do Potengi - vide mapa IBGE Geocódigo 2412005 - SÃO GONÇALO DO AMARANTE - RN, disponível em ftp://geofp.ibge.gov.br/MME2007/RN/SAO%20GONCALO%20DO%20AMARANTE.pdf Etimologia: Termo de origem tupi. Citações: ► Possivelmente por C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi ou Leonardo Arroyo, em Notas do capítulo IV, in (Southey, 1810), pg. 207: "44 ... ; Itaiipi, sete milhas ao oeste do Rio Grande." ► (Dussen, 1640), pg. 185, cita duas aldeias no RIO GRANDE, Tapiop (Capitão Jan Alders) e Tapupe (Capitão Dirkmulder), das quais não temos, no momento, dados para associar uma delas a esta aldeia "Apuá" - Itaiipi.

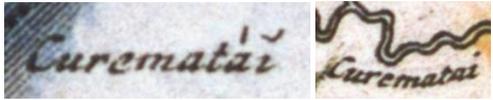
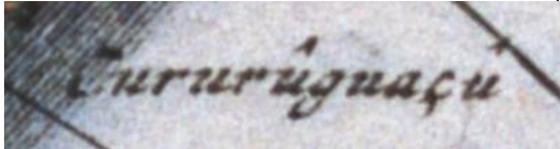
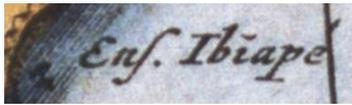
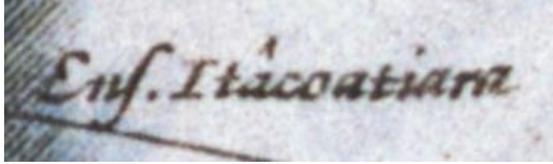
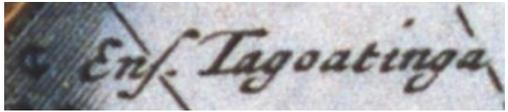
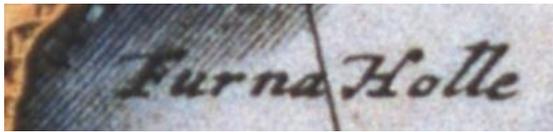
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Apuà		aldeia de índios com sinal de abandonada	<p>Aldeia de índios brasileiros com sinal de abandonada. Possivelmente é a aldeia Igapua.</p> <p>Possivelmente localizada no vale do rio Ceará-Mirim, nas proximidades da localidade Massangana - vide mapa IBGE Geocódigo 2402600 - CEARÁ MIRIM - RN, disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/CEARA-MIRIM.pdf</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi.</p> <p>Citações: <ul style="list-style-type: none"> ► Possivelmente por C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi ou Leonardo Arroyo, em Notas do capítulo IV, in (Southey, 1810), pg. 207: "44 ... ; Igapua do outro bando do Rio Grande, sete milhas ao norte da Fortaleza; ...". Essa indicação de Igapua estar sete milhas ao norte da Fortaleza (dos Reis Magos), de haver outra aldeia citada nessa mesma nota, Itaipi, sita a 7 milhas ao oeste do Rio Grande (entendido como cidade de Natal) e de haver um caminho no mapa de Margrave diretamente da margem oposta do rio nas proximidade do "Caſteel Keulen" (Fortaleza dos Reis Magos) até esta aldeia, fez-nos associar essa aldeia "Apuà" à Igapua acima citada, não obstante a redação ser muito parecida a Igapó, local na margem esquerda do Rio Potengi onde a tradição cita uma aldeia onde hoje há o bairro do Igapó da cidade do Natal. Essa aldeia do bairro de Igapó, no nosso entender, está mais a oeste do que norte da Fortaleza, e não está representada no mapa de Margrave. ► (Dussen, 1640), pg. 185, cita duas aldeias no RIO GRANDE, Tapiop (Capitão Jan Alders) e Tapupe (Capitão Dirkmulder), das quais não temos, no momento, dados para associar uma delas a esta aldeia "Apuà" - Igapua. ► (Medeiros, 1989), PG. 74-75: ALDEIA DE TAPERA POAPE - A data nº 104 do Rio Grande, concedida aos 12 de maio de 1607 e cujo favorecido foi Francisco Coelho, fazia referência a "mea legua de terra em quadra em tapera poape, nella teue roça e caza, averá quatro annos que ha deixou, he terra boa para mantimentos" (9). ADRIANO VAN DER DUSSEN faz menção à aldeia de Tapiop, onde havia 51 homens d'armas, capitaneados por Jan Alders (5). No chamado mapa de GOLJATH, aparece a aldeia de Tappewappe, cuja localização parece coincidir com a localidade de Massangana, no rio Ceará-Mirim (7). O já mencionado mapa de MARCGRAVE faz referência à aldeia de Apuá, sob o símbolo de "domicilia deserta"... Apuá tinha a sua localização coincidindo também com a atual Massangana. O autor alemão JOAN NIEUHOF menciona a vila Atape Wappe, situada junto à desembocadura do rio Guasiavi, que era o desaguadouro da atual Lagoa de Estremoz (10). </p>

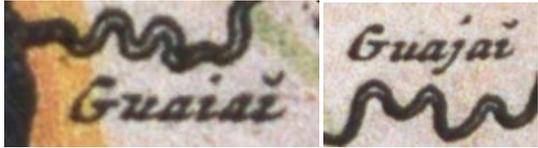
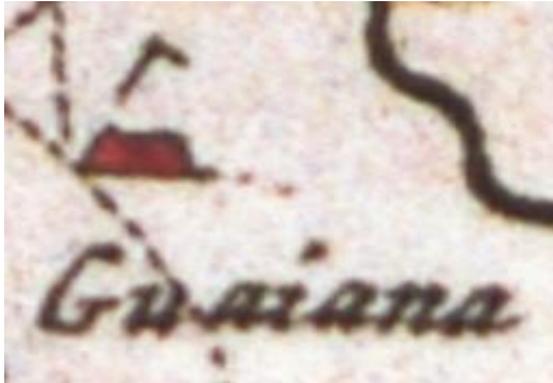
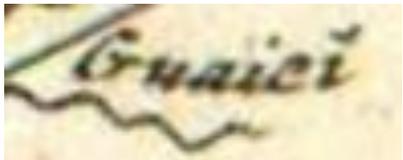
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Arapapuĩ		riacho	Nome atual: ??? Riacho tributário da margem esquerda do rio do Guarapes (rio <i>Iguaraguri</i>). Etimologia: termo de origem tupi - possivelmente associado a <i>acarapuçu</i> , nome de um peixe fluvial descrito por (Margrave, 1648) pg. 145. (Câmara Cascudo, 1956) pg. 248 cita: "Arapapuĩ é o mesmo Arapapuhu, citado no "Auto de Repartição das Terras" (data nº 2)."
Arataãyi		rio	Nome atual: Rio Pau Brasil. Rio tributário da margem direita do Rio Guaju (rio <i>Guajeĩ</i>). Etimologia: termo de origem tupi - possivelmente associado a <i>aratarata</i> , aliás <i>guainunbi</i> (sic) e <i>guinambi aratica</i> , a ave beija-flor, a y, pequeno (antônimo de <i>guaçú</i> , grande) e o termo <i>ĩ</i> , rio. (Margrave, 1648), pg. 196-197 discorre sobre o <i>guainunbi</i> e suas várias espécies - supomos que o <i>aratarata-y</i> seja o descrito como a <i>Oitava</i> espécie, mas ...
Araunu		lagoa	Nome atual: Lagoa Araunum. Etimologia: termo de origem tupi - possivelmente associado a <i>ararauna</i> , arara do bico preto. (Margrave, 1648), pg. 206-207 descreve esta ave.
Atítari		rio	Nome atual: Rio da Bica. Nome histórico: Rio Capió. Riacho afluente da margem esquerda do Rio Trairi (rio <i>Tareirĩ</i>). Etimologia: termo de origem tupi - possivelmente associado a <i>atitara</i> , alias <i>iatitara</i> , planta, um espinheiro, e <i>ĩ</i> , rio. O espinheiro <i>atitara</i> , ou <i>iatitara</i> , está descrito por (Margrave, 1648) pg.64.
B. de Pabu		baía	Nome atual: Baía de Genipabu. Etimologia: <i>B.</i> , baía, é termo português, significando enseada marítima. <i>Pabu</i> possivelmente é termo tupi, e o nome atual, Genipabu, pode estabelecer a associação com a <i>jeniparandiba</i> , aliás <i>jeniparanduba</i> pelos portugueses, a árvore conhecida como <i>jenipapeiro</i> , cujo fruto é o <i>jenipapo</i> . (Margrave, 1648) pg. 109 descreve a <i>japarandiba</i> .

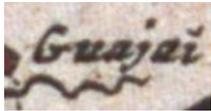
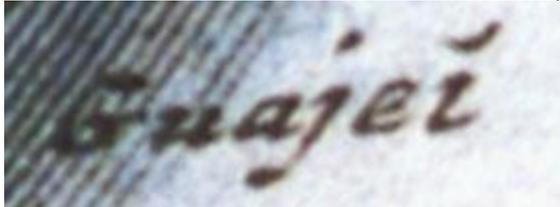
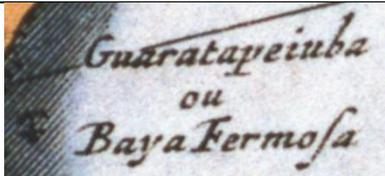
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Caſteel Keulen		fortaleza	<p>Nome atual: Forte dos Reis Magos.</p> <p>Etimologia: termo de origem neerlandesa, <i>Caſteel</i> significando castelo, fortaleza, e <i>Keulen</i> é o nome do diretor da WIC, Mathijs Van Keulen, que, como a autoridade máxima, participou na batalha que tomou este forte no dia 12/12/1633, estabelecendo o domínio neerlandês no Rio Grande.</p> <p>Citações: ► (Nassau-Siegen; Dussen; Keullen-1638), pg. 122-123: "Aos fortes da Paraíba segue-se, para o Norte, o Castelo Ceulen, no Rio Grande, situado sobre o arrecife de pedra na entrada da barra. Construído de pedra de cantaria, é muito elevado, e tem muito grossas e fortes muralhas. Na frente, para o lado de terra, tem uma forma de hornaveque, isto é, uma cortina com dois meios baluartes e provido, segundo o velho estilo, de orelhões e casamatas. Diante dos outros três lados há tenalhas.</p> <p>Este forte está sujeito às altas dunas que lhe ficam a tiro de arcabuz, e são tão elevadas que delas se pode ver pelas canhoneiras o terrapleno, e daí tirar à bala o sapato dos pés aos do castelo. Quando nós o cercamos, assentamos a nossa artilharia sobre as dunas, e fizemos um fogo tal que ninguém podia permanecer na muralha. Mas este defeito foi remediado, levantando-se sobre a muralha da frente, contra o parapeito de pedra, um outro de terra a prova de canhão, e com isto todo o forte da parte de cima está coberto e resguardado.</p> <p>E como de maré cheia este forte fica cercado de água, e tem de resistir ao embate do mar, está um pouco danificado na parte inferior, o que se reparará construindo-se de pedra e cal uma nova base.</p> <p>O Castelo está bem provido de artilharia: além das peças que nele foram tomadas, puseram-lhe mais duas de calibre 4, que estavam nas caravelas que achamos no rio, quando o fomos cercar."</p>
Camuçi		enseada em lagoa	<p>Nome atual: Porto do Camucim, margem norte da lagoa de Guaraíras, proximidades do povoado do Patané.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi - possivelmente associado a <i>camuri</i>, peixe conhecido como camurim ou robalo. (Margrave, 1648) pg. 160 descreve este peixe.</p>
Caraguata		riacho	<p>Nome atual: Rio do Mudo.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi - associado a <i>caraguata</i>, aloés, uma planta liliácea chamada pelos portugueses de Erva Babosa, descrita por (Margrave, 2) pg. 37-39, ou a <i>caraguata</i>, outra planta espinhenta, possivelmente uma bromélia, descrita por (Margrave, 1648) pg. 86-87.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956) cita: "... É o Caraguata, o Carantan das sesmarias, Rio Mudo ou Rio do Jorge, na fala popular."</p>

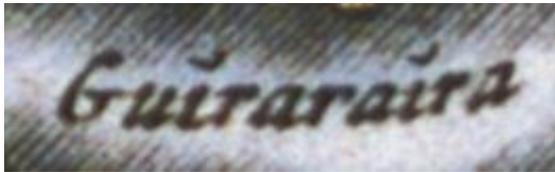
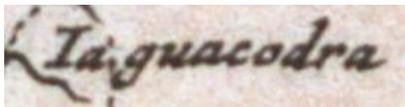
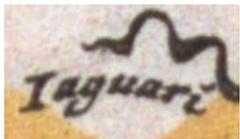
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Caraguatacanga		ilha fluvial	Nome atual: ??? Ilha fluvial formada por dois braços do rio Pirari. Etimologia: termo de origem tupi, associado a <i>caraguatâ acangâ</i> , uma planta espinhenta descrita por (Margrave, 1648) pg. 88.
Catingiba		riacho	Nome atual: riacho Coité. A perdida <i>Cidade noua</i> está localizada no mapa de Margrave às suas margens. Etimologia: Termo de origem tupi - possivelmente associado a <i>cuiete</i> , ou <i>cuiete-iba</i> , planta que dá frutos redondos e do tamanho de uma cabeça humana (cabaça). A <i>cuietê</i> é descrita por (Margrave, 1648), pg. 123.
Cerdo		curral	Nome atual: possivelmente a localidade de Coqueiros. Etimologia: termo de origem portuguesa, escrito deturpadamente, ou espanhol, o porco, animal suíno. Possivelmente o nome do proprietário dessa fazenda <i>circa</i> 1640.
Ciaramirĩ		rio	Nome atual: rio Ceará Mirim. Nomes históricos: Rio Baquipe, Rio Pequeno. Etimologia: Termo de origem tupi - possível associação de <i>ciri</i> , o siri, um caranguejo, com <i>mirĩ</i> , pequeno. (Margrave, 1648) pg. 183-184 descreve os <i>ciri apoa</i> e o <i>ciri obi</i> . (Câmara Cascudo, 1968) pg. 82 tem outras interpretações: "CEARÁ-MIRIM:- ... A tradução do vocábulo CEARÁ continua obscura e confusa, tendo dezenas de soluções. José de Alencar: <i>cê-ará</i> , fala ou canta o papagaio. Teodoro Sampaio: <i>Ceará</i> ou <i>cemo-ará</i> , sai papagaio ou papagaio de saída, ou ainda, papagaio da fonte ou do rio. Paulino Nogueira: <i>çooa-ará</i> , verdadeiro tempo de caça. João Brígido: <i>ciri-ará</i> , caranguejo branco. Capistrano de Abreu: água verde, rio verde. Tomás Pompeu sugeriu cinco versões: ...".

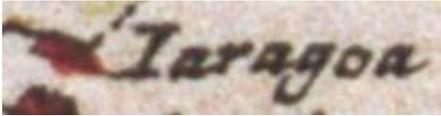
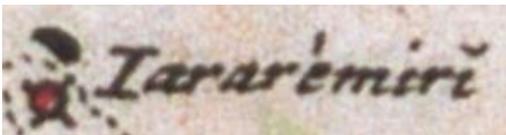
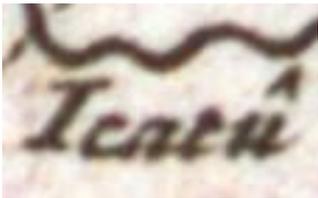
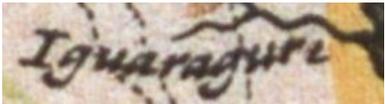
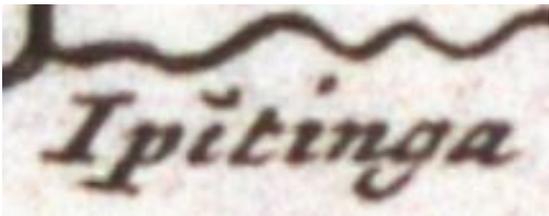
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Cidade noua		cidade	<p>Possível localização: na área em torno das coordenadas S 05 51 37,00 W 35 20 06,00, em Macaíba-RN.</p> <p>Etimologia: Termo de origem portuguesa, Cidade Nova.</p> <p>Citações: ► (Dussen, 1640), pg.175: "Já teve uma cidade chamada Cidade do Natal, situada a uma légua e meia do Castelo Ceulen, rio acima, mas está totalmente arruinada, pelo que foi consentido aos escabinos e moradores levantar uma nova cidade em Potigi, pois é terreno fértil e melhor situado para os seus habitantes. Deverão construir de início um Paço da Câmara para aí terem o seu tribunal de justiça. " ► (Hamel; Bullestrate; Bas - 1646), pg. 211: " No Rio Grande nunca houve cidade ou aglomeração de habitantes que morassem juntos. Apenas começaram, há poucos anos, a construir casebres a quatro léguas de distância do Castelo Ceulen, perto de certa igreja, lugar que nós chamamos Nova Amsterdam, para a qual os portugueses vinham do interior para a missa, mas que ainda não tem adiantamento. ...".</p>
Coandĩ		riacho	<p>Nome atual: ainda não levantado - riacho que nasce na lagoa Jacaremirim e desagua na m.e. do rio Potengi.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, associado a <i>coandu</i>, o ouriço cacheiro. (Margrave, 1648) pg. 233-234 descreve esse mamífero.</p>
Çobauna		foz de rio	<p>Nome atual: localidade de Sibauma, na foz do rio Catú.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, possivelmente associado a <i>ceba</i>, a folha, e <i>una</i>, a cor negra.</p>
Cunhaçima		riacho	<p>Nome atual: Rio das Quintas.</p> <p>Nomes históricos: rio Coemassu, rio de Pedro da Novoa.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, associado a <i>cunhã</i>, mulher, e <i>çima</i>,</p>
Cunháĩ		lagoa	<p>Nome atual: Lagoa Cunhau.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, associando <i>cunhã</i>, a mulher, e <i>ĩ</i>, possivelmente no sentido de pequena, antônimo de <i>guaçú</i>.</p>
Curemamirĩ		rio	<p>Nome atual: hoje, por intervenção antrópica, é um trecho do Rio Espinho.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, associando <i>curema</i>, um peixe, a tainha, e <i>mirĩ</i>, pequena. (Margrave, 1648) pg. 181 descreve a <i>curema</i>, informando que ela é um peixe marítimo.</p>

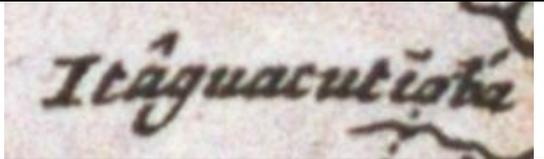
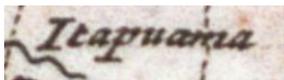
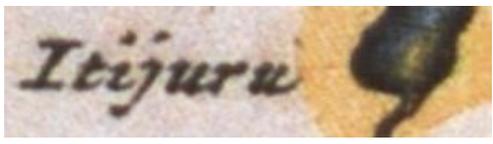
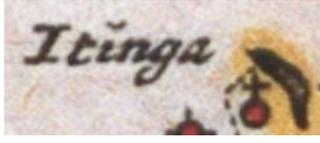
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Curemataí		foz de rio	Nome atual: Rio Curimataú. Etimologia: Termo de origem tupi, associando <i>curimata</i> , um peixe de água doce parecido com a carpa, conhecido como curimatã ou curimbatá, e <i>ĩ</i> , rio. (Margrave, 1648) pg. 156 descreve o <i>curimata</i> ,
Cururûguaçu		dunas	Nome atual: Dunas de Malembá (ou Malembar). A região também é conhecida como Cururu. Etimologia: Termo de origem tupi, associando <i>cururu</i> , e <i>guaçu</i> , grande. Quanto a <i>cururu</i> : * em (Margrave, 1648) pg. 22 encontramos a descrição da <i>cururu ape</i> , uma planta que existe nessa região - hoje, nas proximidades, há uma fazenda com o nome de Cururu Ape; * em http://pt.wikipedia.org/wiki/Bufo_marinus acesso em 10/04/2010 encontramos: "O nome "cururu" é originário da língua tupi <i>kuru'ru</i> é a designação popular dada aos grandes sapos do gênero <i>Bufo</i> ".
Enf. Ibiape		enseada	Nome atual: Enseada da Barreira do Inferno. Etimologia: <i>Enf.</i> significa enseada, baía, em português; <i>Ibiapé</i> é termo tupi, a combinação de <i>ibi</i> ou <i>ibi</i> , terra, e <i>apé</i> , possivelmente <i>apé</i> , longe.
Enf. Itácoatiara		enseada	Nome atual: Enseada da Ponta do Madeiro. Etimologia: <i>Enf.</i> significa enseada, baía, em português; <i>Itácoatiara</i> é termo tupi. Em http://pt.wikipedia.org/wiki/Itacoatiara_(Amazonas)#Etimologia acesso em 10/04/2010: "Itacoatiara é um vocábulo indígena que significa pedra pintada, pedra escrita. Procede do tupi ou nheengatu <i>itá</i> : pedra; e <i>coatiara</i> : pintado, gravado, escrito, esculpido."..
Enf. Tagoatinga		enseada	Nome atual: Enseada de Taguatinga. Etimologia: <i>Enf.</i> significa enseada, baía, em português; <i>Tagoatinga</i> é termo tupi, possivelmente a combinação de <i>tagoa</i> , <i>taba</i> , barro, e <i>tinga</i> , a cor branca.
Furna Holle		falésias	Nome atual: possivelmente a Praia do Cotovelo. Etimologia: <i>Furna</i> . parece ser termo português, significa furna, gruta, esconderijo; <i>Holle</i> não sabemos ainda a língua de origem. O Prof. Benjamin Nicolaas Teensma não reconheceu esse termo como sendo holandês. Pode ser o nome de um europeu.

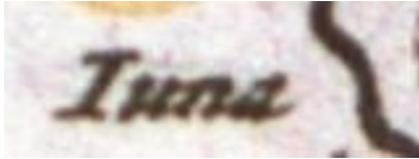
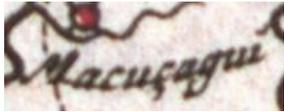
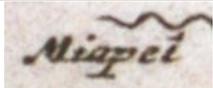
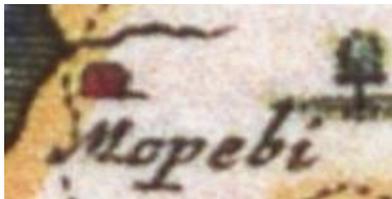
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Guaiaĩ Guajaĩ		rio	<p>Nome atual: Rio da Redinha, também chamado Rio Doce. Consta no mapa com duas grafias, <i>Guaiaĩ</i> e <i>Guajaĩ</i>. Etimologia: <i>guaiaĩ</i> e <i>guajaĩ</i> são termos equivalentes e de origem tupi, combinação de <i>guaja</i>, um crustáceo, um caranguejo, e <i>ĩ</i>, rio. (Margrave, 1648) pg. 182-183 descreve quatro espécies de guajás. ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 249, cita: "O Guaiaí, Guajaí, Guoarahu, Goaraju é o rio Guagiru, nascendo na lagoa do mesmo nome, município de Ceará Mirim, tendo este rio a denominação de Gramoré durante o trajeto, depois de atravessar a lagoa do Gramoré, rio da Redinha, na foz. .. Ainda o rio tem outro apelido: - Rio Doce".</p>
Guaiana		aldeia de índios com sinal de abandonada	<p>Aldeia de índios brasileiros com sinal de abandonada. Possível localização: na área entre os povoados Areias e Sapé, 2 Km a oeste de Arez-RN, na margem do riacho afluente do rio Baldum (rio <i>Nhambitiji</i> no mapa de Margrave). Etimologia: Goiana é termo de origem tupi, possivelmente derivado de <i>guajuna</i>, de <i>guaja</i>, <i>guaia</i>, o caranguejo, e <i>una</i>, a cor preta. Citações: ► (Dussen, 1640) : pg. 183 - define a função do capitão holandês: "Além do capitão brasileiro, foi posto em cada aldeia um capitão holandês que os regem a eles e aos seus principais; a sua maior atribuição é animá-los para o trabalho e dirigi-los na melhoria das plantações e conceder-lhes permissão para trabalhar para senhores de engenho, verificando que não sejam vítimas de enganos e que o seu trabalho lhes seja pago. " pg. 184 - censo da população masculina: "... homens, tanto velhos quanto jovens, aptos para a guerra ou inaptos, excluídas as mulheres e crianças, as quais estão em proporção, com relação aos homens, de, no mínimo, 3 para 1. ". pg.185: "ALDEIAS NO RIO GRANDE Aldeia Goiana, Capitão Jacob Pietersz ... 68 homens".</p>
Guaicĩ		rio	<p>Nome atual: alto curso do Rio Guaju, da nascente até receber o Rio da Volta ("<i>ĩriuna</i>"). Etimologia: Termo de origem tupi, possivelmente associado a <i>guaibi pocaca biba</i>, uma planta descrita em (Margrave, 1648) pg. 111, e <i>ĩ</i>, rio. Descartamos a associação com o peixe <i>guaibi coara</i>, por este ser um peixe de água salgada - vide sua descrição em (Margrave, 1648), pg. 163.</p>

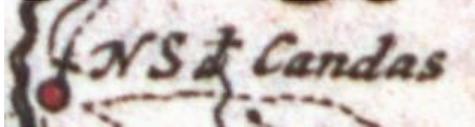
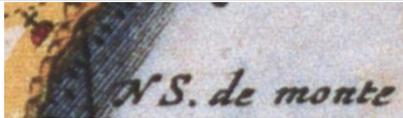
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Guajaĩ		riacho	Nome atual: Córrego dos Guajirús, Riacho do Rego Moleiro ou Riacho Olho d'Água. Etimologia: <i>guajaĩ</i> é termo de origem tupi, combinação de <i>guaja</i> , um crustáceo, um caranguejo, e <i>ĩ</i> , rio. (Margrave, 1648) pg. 182-183 descreve quatro espécies de guajás.
Guajeĩ		rio foz de rio	Nome atual: Rio Guaju. Etimologia: <i>guajeĩ</i> é termo de origem tupi, combinação de <i>guaja</i> , um crustáceo, um caranguejo, e <i>ĩ</i> , rio. ► (Margrave, 1648) pg. 182-183 descreve quatro espécies de guajás. Herckmans o chamava de rio Erioe, que possivelmente é uma palavra derivada de " <i>ĩriuna</i> ", nome do primeiro afluente do " <i>Guaicĩ</i> ", que é o nome anotado por Margrave do Rio Guaju próximo à sua nascente. Herckmans chamava de <i>Wasju</i> um pequeno riacho afluente do <i>Erioe</i> . <i>Wasju</i> é uma palavra muito parecida com Guaju. ► (Herckmans, 1639), pg. 31: "Uma légua ao noroeste do passo ou caminho do Ipitanga, além das campinas ou tabuleiros, fica o rio Erioe, palavra que em língua brasílica significa mel preto. Se este nome procede de que o rio tenha as águas de um vermelho escuro, ou de existir propriamente nessas vizinhanças um mel de cor negra em seu estado natural, é o que ainda não sabemos. ... O Erioe mistura-se na praia com um outro pequeno, chamado <i>Wasju</i> , desemboca no mar ao sul da Baía Formosa a duas léguas do Camaratuba."
Guaratapeiuba ou Baya Formosa		baía	Nome atual: Baía Formosa. Etimologia: <i>Guaratapeiuba</i> é termo tupi. Possivelmente o mesmo que GUARATUBA - veja <i>Guaratiba</i> . <i>Baya Formosa</i> é termo português, arcaico de Baía Formosa.
Guaratĩba		rio	Nome atual: Rio Garatuba. Na sua nascente, na margem esquerda, está locada uma aldeia de índios brasileiros com sinal de abandonada. Local estimado: S06 27 14,00 W35 35 24,50. Etimologia: <i>Guaratiba</i> é termo tupi. Temos duas versões: * termo associado com <i>guiratinga</i> , uma ave, uma garça descrita por (Margrave, 1648) pg. 210; * (Câmara Cascudo, 1968) pg.88 explicita: "GARATUBA - rio em Canguaretama, de <i>guirá-tiba</i> , as garças em abundância, o sítio das garças, o mesmo que GARATIBA e GUARATUBA."

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Guïraraïra		lagoa	Nome atual: Lagoa Guaraíra, ou Lagoa das Guarairas. Etimologia: <i>guïraraïra</i> é termo de origem tupi, e segundo (Câmara Cascudo, 1968) pg. 88-89 "GROAÍRAS; - Grande lagoa entre Goianinha e Arez. De <i>guaraaïra</i> , o indivíduo riscado ou lanhado (TS). Algum bagre desconhecido. GROARAÍRAS, GUIRAÍRAS, GOAÍRAS. No Ceará há o município de GROAÍRAS. De <i>guira-ira</i> , mel de pássaro ou de que os pássaros gostam, segundo Paulino Nogueira."
Iacũ Iacui		rio	Nome atual: Rio Jacu. O nome deste rio está grafado <i>Iacũ</i> e <i>Iacui</i> no mapa. Etimologia: Termo de origem tupi, da associação de <i>jacu</i> , uma ave, e <i>ĩ</i> , rio. Apresentamos duas interpretações para <i>iacu</i> , cremos que bastante complementares: * é a ave <i>iacupema</i> , descrita por (Margrave, 1648) pg. 198, onde ele escreve: "... É uma espécie semelhante ao faisão. ... Recebeu o nome de seu grito, porque grita assim: <i>iacu, iacu, iacu.</i> "; * (Câmara Cascudo, 1968) pg.95 "JACU: - Rio em S. Antônio, Arez e Goianinha. Povoação no Martins. De <i>iacu</i> , esperto, cuidadoso, desconfiado. Ave no gênero Penélope. Batista Caetano diz significar <i>o que come grãos, i-a-cu</i> (TS). ...".
Iaguacodra		rio	Nome atual: riacho ??? Temos uma interpretação geográfica para este riacho - vide Google Earth. Etimologia: o termo parece ser tupi, mas até agora não conseguimos interpreta-lo.
Iaguari		riacho	Nome atual: Rio Jaguarari. Etimologia: termo de origem tupi, associação de <i>jaguara</i> , o felino conhecido como onça, e <i>ĩ</i> , rio. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 95 define assim: "JAGUARARI: - ... De <i>iauara-r-i</i> , rio dos jaguares, rio das onças. ...".
Iamoa		ilha fluvial	Nome atual: ? Ilhas formadas por braços dos rios Espinho e Curimatau, imediatamente ao sul do Engenho Cunhaú, em Canguaretama-RN. Atualmente o terreno é alagadiço. Etimologia: termo de origem tupi, possivelmente com grafia derivada de <i>iapuá</i> , termo interpretado por (Câmara Cascudo, 1968) pg. 91: "IAPUÁ: - ... de <i>iapoi</i> , água empoçada, pântano. Igapó". Esta parece ser uma boa descrição do terreno dessas ilhas.

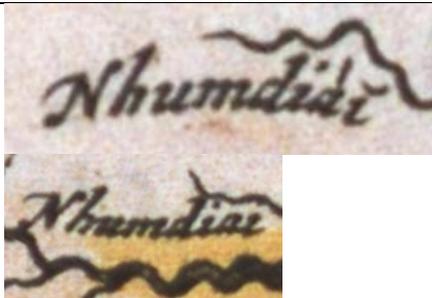
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Iaragoa		aldeia de índios	Possível localização: área urbana de São Gonçalo do Amarante - vide interpretação geográfica no Google Earth. Etimologia: termo de origem tupi, possivelmente equivalente a <i>jaguara</i> , o felino conhecido como onça. ► (Medeiros, 1989), pg. 75: " ALDEIA DE JARAGUÁ - Parece-nos ser a mesma Aldeia de Tatupe, já referida. Segundo informa o mapa de MARCGRAVE, Jaraguá era uma aldeia indígena localizada à beira da Lagoa Upabuna, que despejava para o Potengi. A lagoa de Jacaremirim ficava ao poente da Aldeia. Parece-nos que a Aldeia de Jaraguá corresponde geograficamente à atual localidade de Santo Antônio do Potengi. Em 1645, Jaraguá tinha por capitães Francisco Pelpy e Antônio Pacheco (11).".
Iararémirĩ		lagoa	Nome atual: lagoa Jacaremirim. Roloux Baro tinha uma fazenda na margem dessa lagoa, onde viveu seus últimos anos. Etimologia: termo de origem tupi, combinando <i>jacaré</i> , o réptil crocodiliano jacaré, e <i>mirĩ</i> , pequeno. (Margrave, 1648) pg. 242 descreve o <i>Jacaré</i> .
Icatũ		rio	Nome atual: Rio Catu. Na sua m.d. Margrave assinalou em seu mapa uma aldeia indígena com sinal de abandonada. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>ĩ</i> , rio, e de <i>catũ</i> , que o dicionário do Padre Manoel de Moraes publicado em (Margrave, 1648), pg. 276, atribui o significado de delicado. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 81 também define "CATÚ - Rio ... Catu é bonito, bom, agradável, aprazível, excelente. ...".
Iguaraguri		riacho	Nome atual: Rio do Guarapes. Etimologia: termo de origem tupi, possível combinação de <i>ĩ</i> , rio, e <i>guaruguaru</i> , o peixinho fluvial conhecido como guaru. (Margrave, 1648) pg. 169 descreve este peixinho.
Ipitinga		rio	Nome atual: riacho ... Etimologia: termo de origem tupi, combinando <i>ĩ</i> , rio, com <i>pitinga</i> . <i>Pitinga</i> talvez não seja o mesmo peixe descrito por Margrave, 1648) pg. 159, o <i>piquitinga</i> , pois este parece ser de água salgada. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 116 caracteriza o termo como "PITITINGA:- ... de pi-ti-tinga, a pelo alva-alva, muito alva ou prateada. É uma espécie de sardinha... Altera-se para Piquitinga. ...". Isto poderia validar supor que <i>pitinga</i> poderia ser um peixe de alvo, prateado, talvez uma espécie de lambari, pequeno peixe prateado de água doce. Outra vertente, creio menos acertada, é interpretar <i>pitinga</i> como <i>pitanga</i> , criança.

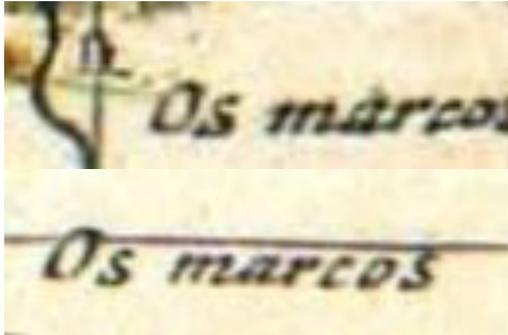
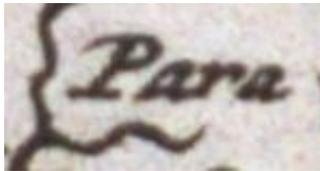
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Ipoxi		lagoa	Nome atual: Lagoa do Bonfim. Etimologia: termo de origem tupi, combinando <i>ipa</i> , lagoa, com <i>poxi</i> , disforme. Aqui seguimos o dicionário do Padre Manoel de Moraes publicado em (Margrave, 1648), pg. 276, atribuindo a <i>poxi</i> o significado de disforme, ou seja, lagoa com as margens tortuosas, diferentemente das outras lagoas da região, normalmente elipsoides. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 118 interpreta "PUXI:- Lagoa de Nísia Floresta e S. José do Mipibu, com o nome de Lagoa do BOM-FIM. De <i>ipu-xim</i> , a fonte, o manadouro brilhante, faiscante, pelo aspecto das águas transparentes; ou <i>i-poxi</i> , água má, imprestável, por não ser piscosa. Uma lagoa sem peixes mereceria todo o desprezo indígena. ...". Essa última versão, lagoa sem peixes, realmente não se aplica.
Itaguacutioba		riacho	Nome atual: riacho ... A perdida <i>Cidade noua</i> está localizada no mapa de Margrave entre sua margem direita e a margem esquerda do Riacho Coité. Etimologia: termo de origem tupi - possivelmente associado a <i>itâ</i> , pedra, <i>guaçu</i> , grande, e <i>tïoba</i> , <i>çoba</i> , semelhante.
Itapuama		riacho	Nome atual: riacho ... Etimologia: Termo de origem tupi - possivelmente a combinação de <i>itâ</i> , pedra, e <i>puã</i> , redonda.
Itijuru		lagoa	Nome atual: Lagoa de Extremoz ou Lagoa de Guajiru. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>î</i> , água, e <i>ti-juru</i> . (Câmara Cascudo, 1968) pg. 128 explana: "TIJURU:- O mais antigo nome da lagoa de Extremoz. De <i>ti-iuru</i> , a bôca, garganta, barra do rio (Séc. XVI).".
Itinga		engenho de bois com igreja	Nome atual: povoado de Utinga. Etimologia: Termo de origem tupi. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 132 explana: "UTINGA:- Povoação de S. Gonçalo. De <i>i-tinga</i> , água branca. ...".
Iuaõ Lostao		casas	Nome atual: área na Praia da Barreta. A Barreta é a abertura na linha de recifes para o escoamento da foz sul do Rio Trairi (foz do rio <i>Tareiri</i> no mapa de Margrave). Etimologia: <i>Iuaõ Lostao</i> - termo de origem portuguesa, com a redação estropiada do nome do proprietário do estabelecimento de pesca que estava nesta área, João Lostão Navarro. Mais detalhes em http://www.cerescaico.ufrn.br/rnnaweb/historia/colonia/massacres-p.htm http://www.dei.rn.gov.br/arearestrita/sistema_de_suplementos/arquivossuplementos/arq461bd0e3130b5.pdf

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Iuna		braço de rio	Nome atual: ... O braço de rio Jacu mapeado por Margrave e denominado Iuna desapareceu por intervenção antrópica. Sobreviveu desse topônimo apenas a denominação numa localidade, hoje bairro de Goianinha-RN, chamada Una. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>ĩ</i> , água, e <i>una</i> , a cor preta.
Keyfers croon		cidade	Possível localização: Bairro do Bom Pastor, cidade de Natal-RN - vide arquivo do Google Earth, onde ela foi locada em função da proximidade com elementos geográficos do mapa de Margrave. Posição aproximada: S05 48 37,00 W35 14 11,00. Há necessidade de pesquisas nos arquivos neerlandeses para esclarecer a falta de informação sobre essa cidade. Etimologia: termo neerlandês, Keyfers significando imperador, e croon, coroa.
Lago Salgada		lagoa	Nome atual: ... Etimologia: termo de origem portuguesa, significando Lagoa Salgada.
Macuçaguã		riacho	Nome atual: alto curso do Rio Pituaçu. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>mucuçagua</i> , uma ave, e <i>ĩ</i> , rio. O <i>mucuçagua</i> está descrito em (Margrave, 1648) pg. 213, onde está com a redação Macucagua e Mucucagua.(sic).
Miapeĩ		rio	Nome atual: Riacho da Barrenta. Etimologia: termo de origem tupi. Combinação de <i>miape</i> , ???, e <i>ĩ</i> , rio.
Mopebĩ		riacho	Nome atual: riacho ... Etimologia: termo de origem tupi. Combinação de <i>mopeb</i> (???), e <i>ĩ</i> , rio. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 104-105 dá uma explicação: "MIPIBU: - ... Riacho atravessando aldeia indígena, onde nasceu a cidade. (LP: não se aplica ao contexto do mapa de Margrave.). De mpi-bu, o que surge, emerge, inopinado, súbito, alusão à fonte do rio, brotando do seio de um bosque. ...). Aldeia de índios. Aldeia Mopebi (Mipibu), também citada como Mompabu.. Possivelmente localizada no povoado de Oitizeiro - vide mapa IBGE Geocódigo 2408201 NISIA FLORESTA - RN, disponibilizado em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/NISIA%20FLORESTA.pdf

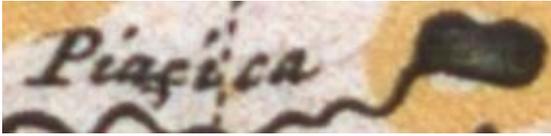
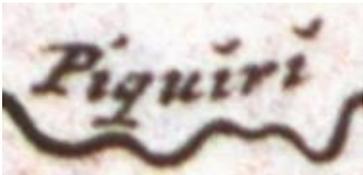
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Mopebĩ		aldeia	<p>Aldeia de índios brasileiros. Aldeia Mopebi (Mipibu), também citada como Mompabu. Foi a mais importante do Rio Grande nesse período. Possível localização: povoado de Oitizeiro - vide mapa IBGE Geocódigo 2408201 NISIA FLORESTA - RN, disponibilizado em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/NISIA%20FLORESTA.pdf Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>mopeb</i> (???) , e <i>ĩ</i>, rio. (Câmara Cascudo, 1968) pg.104-105 dá uma explanação: "MIPIBU:- ... Riacho atravessando aldeia indígena, onde nasceu a cidade. (LP: não se aplica ao contexto do mapa de Margrave.). De <i>mpi-bu</i>, o que surge, emerge, inopinado, súbito, alusão à fonte do rio, brotando do seio de um bosque. ...). Citações: ► (Dussen, 1640): @pg. 183 - define a função do capitão holandês: "Além do capitão brasileiro, foi posto em cada aldeia um capitão holandês que os regem a eles e aos seus principais; a sua maior atribuição é animá-los para o trabalho e dirigi-los na melhoria das plantações e conceder-lhes permissão para trabalhar para senhores de engenho, verificando que não sejam vítimas de enganos e que o seu trabalho lhes seja pago. " @pg. 184 - censo da população masculina: "... homens, tanto velhos quanto jovens, aptos para a guerra ou inaptos, excluídas as mulheres e crianças, as quais estão em proporção, com relação aos homens, de, no mínimo, 3 para 1. " @pg.185: "ALDEIAS NO RIO GRANDE ... Aldeia Mompabu, Capitão Davidt Loeman ... 56 homens". ►C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi ou Leonardo Arroyo, em Notas do capítulo IV, in (Southey, 1810) pg. 207: "44 Mopebi e Para-wassu, ambas entre o Rio Grande e Cunhau; ...".</p>
N S. d Candas		engenho de roda d'água com igreja	<p>Nome atual: Engenho Cunhau - Canguaretama-RN. Etimologia: termo de origem portuguesa - Nossa Senhora das Candeias, padroeira da igreja do engenho. Quanto a Cunhau, (Câmara Cascudo, 1968) pg. 85 explana: "CUNHAU:- ... De <i>cunhã-u</i>, bebedouro, aguada das mulheres. ...".</p>
N S. de monte		Igreja ou capela	<p>Igreja de Nossa Senhora do Monte. Sem localização precisa (ainda não encontrada por arqueólogos). L. da C.C. sugere esta posição na Avenida Getúlio Vargas, Natal-RN; outros autores a colocam no atual Centro de Turismo, 250 m ao norte desta posição.</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)

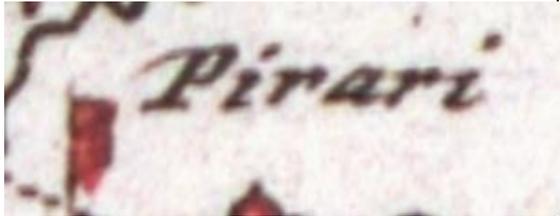
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Natal		cidade	<p>Nome atual: Natal-RN.</p> <p>Etimologia: termo de origem portuguesa, Natal, dia 25 de dezembro, comemorativo do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.</p> <p>Citações: ► (Câmara Cascudo, 1956) pg. 245 : " Na margem direita do Potengi, pouco mais de dois quilômetros da barra, fundaram, a 25 de dezembro de 1599, a CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE. O brabantino Adriano Verdonck visitou a "Cidade do Rio Grande chamada Cidade de Natal" em princípios de 1630."</p>
Nhambitiji		rio	<p>Nome atual: Rio do Meio.</p> <p>Etimologia: Termo de origem tupi, possivelmente a combinação de <i>nhambi</i>, uma planta, e <i>tiji</i>, e <i>ĩ</i>, rio. (Margrave, 1648) pg. 49-50 descreve a <i>nhambi</i>. <i>Tiji</i>, possivelmente <i>tiyug</i>, que significa charco, pântano. (Câmara Cascudo, 1968), pg. 108 dá uma interpretação etimológica diferente: "NAMBUTIÚ:- Nome indígena do Rio do Meio em Arez. De <i>nhum-bitu-u</i>, campo do vento, campo varrido pelo vento, campo varrido pela ventania. No mapa de Marcgrave, 1643, está <i>Nhambitiji</i>". Comentário LP: a região percorrida por este rio era de matas relativamente altas, terreno ondulado, e seu vale é pronunciado.</p>
Nhumdiã Nhumdiai		rio	<p>Nome atual: Rio Jundiá.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, grafado no mapa de duas maneiras, <i>Nhumdiã</i> e <i>Nhumdiai</i>, combinação de <i>nhumdia</i>, <i>nhamdiá</i>, um peixe, e <i>ĩ</i>, rio. (Margrave, 1648) pg.149 descreve o <i>nhamdiá</i>, um peixe "chamado de Bagre de Rio pelos portugueses". (Câmara Cascudo, 1968), pg. 98, esclarece: "JUNDIÁ:- ... De <i>iu-ndi-á</i>, a cabeça armada de barbatanas. Peixe d'água doce, <i>Platystoma spatula</i> (TS). JUNDIÁ:- Rio afluente do Potengi, embora mais volumoso. Banha a cidade de Macaíba, reúne-se ao Potengi em Três-Bôcas, desaguando no Atlântico em Natal. De <i>iu-ndi-á-i</i>, o rio dos jundiás."</p>
Os sete montes		montes (dunas)	<p>Nome atual: ...</p> <p>Etimologia: termo de origem portuguesa, Os Sete Montes, designando, no caminho entre a cidade de Natal e o rio Pitimbu, um local de passagem pelas dunas, com cinco montes ao sul, e dois montes e uma lagoa ao norte. Este caminho aparentemente foi abandonado a muito tempo atrás, e este local possivelmente está na área do atual Parque da Cidade.</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Os marcos		limite entre capitânicas	<p>Nome histórico: Os marcos, Linha dos marcos.</p> <p>Etimologia: termo de origem portuguesa, Os Marcos.</p> <p>Dois marcos, ou padrões, estabelecem a linha do limite entre a Capitania do Rio Grande e a Capitania da Paraíba. Ou entre a Prefeitura do Rio Grande e a Prefeitura da Paraíba na época do domínio holandês. O marco a leste foi chantado próximo ao litoral e o marco a oeste, no interior, num local próximo à nascente do Guaju.</p> <p>(Herckmans1639) pg. 31: "Na margem setentrional do mesmo rio, junto ao passo, existe um marco de pedra, no qual está escrito Paraíba na face do sul, e Rio Grande na face do norte, assinalando assim o rio separa as duas capitânicas da Paraíba e Rio Grande."</p> <p>Nota: o rio referido é o rio Eriorene, denominação anotada por Herckmans para o rio Guaju, e se refere a um local próximo à sua nascente.</p>
Para		riacho	<p>Nome atual: ...</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, <i>para</i>, que usualmente significa mar, rio volumoso, todavia, isto parece não se adequar ao caso.</p> <p>O dicionário do padre Manoel de Moraes publicado em (Margrave, 1648) pg. 276 contém a palavra <i>apara</i>, com o significado de curvo, que parece ser mais apropriado à situação.</p>
Paragoaçu		rio	<p>Nome atual: Rio Arari.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>pará</i>, rio, e <i>guaçu</i>, grande.</p> <p>(Câmara Cascudo, 1968) pg. 111 informa: "PARAGUAÇU:- Nome primitivo da lagoa de Papari. De <i>pará-guaçu</i>, rio grande, ou <i>pará-guá-açu</i>, grande enseada, baía dilatada, ampla."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)

TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Paranamirí	 	campina	<p>Nome atual: ...</p> <p><i>Paranamiri</i>, no mapa de Margrave, pode representar um dos dois entes geográficos:</p> <p>a) a campina no trecho do caminho entre Natal e o rio Apetimbu (atual Rio Pitimbu), situada entre <i>Os sete montes</i> (trecho de dunas elevadas) e esse rio, correspondendo à área do atual Conjunto Satélite;</p> <p>b) a lagoa situada entre os dois morros do lado norte no <i>Os sete montes</i>, pela sua etimologia, mas sem outros elementos para apoio a esta hipótese.</p> <p>O que não representa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A área da atual cidade de Parnamirim-RN, pois Paranamiri está na margem esquerda do rio Apetimbu (atual Rio Pitimbu); - A lagoa ao norte do Aeroporto Augusto Severo, em Parnamirim-RN, porque esta lagoa está na mesma situação geográfica daquela cidade. <p>O fato é que, apesar disso, a denominação deste topônimo sobreviveu no nome do município e cidade de Parnamirim-RN.</p> <p>Etimologia:</p> <p>termo de origem tupi. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 112 elucida: "PARNAMIRIM:- ... De <i>paranã-mirim</i>, rio pequeno, riozinho. ...".</p>
Piaçica		rio	<p>Nome atual: Riacho Boacica.</p> <p>Etimologia:</p> <p>termo de origem tupi. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 71 explana: "BOACICA:- ... Rio em Nísia Floresta. IMBOACICA, nos velhos documentos. De <i>mboaciga</i>, o atalho, o corte, o caminho mais curto (TS)".</p>
Piquiri		rio	<p>Nome atual: Rio Piquiri.</p> <p>Etimologia:</p> <p>termo de origem tupi. (Câmara cascudo, 1968) pg. 114 esclarece: "PIQUIRI: — Rio afluente de Curimataú De <i>piqui-r-i</i>, o rio dos peixinhos. Pequi, Piqui."</p>

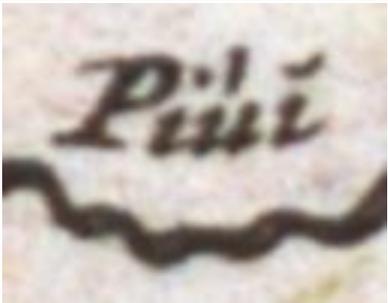
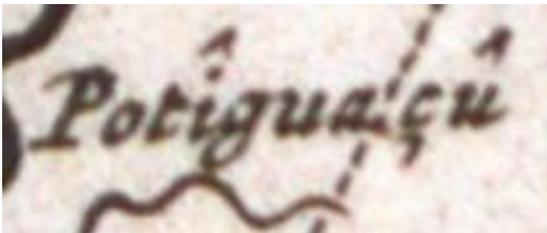
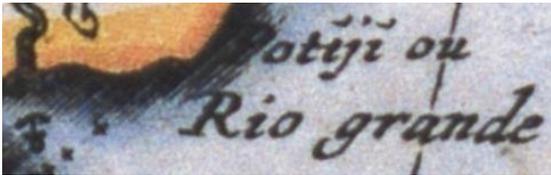
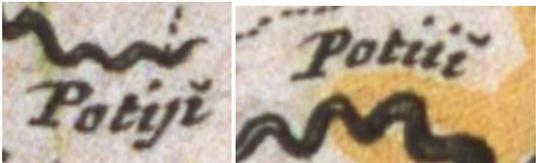
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Piranhã		rio	<p>Nome atual: Rio Pirangi.</p> <p>Etimologia:</p> <p>Termo de origem tupi, combinando <i>piranha</i>, o voraz peixe fluvial, e <i>ĩ</i>, rio.</p> <p>(Margrave, 1648) pg. 164-165 descreve a <i>piraya</i> e <i>piranha</i>.</p> <p>(Câmara Cascudo, 1968) pg. 115 explana:</p> <p>"PIRANGI:- ... De piã-gi-pe, no rio das piranhas. Em documento de 1564 encontra-se referência ho dito porto dos Buzios que pella lingua dos indios se chama PYRAMGYPEPE. ...</p> <p>PIRANHAS:- ... De pir-ãi, o que corta a pelo, o esfaimado e feroz peixe fluvial, Pygocentrus e Serrasalmus."</p>

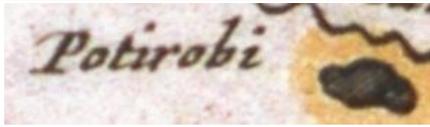
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Pirari		aldeia de índios	<p>Aldeia de índios (brasilianos). Aldeia Pirari, também citada como Parari. Possivelmente localização: povoado de Pirari de Cima - vide mapa IBGE Geocódigo 2409803 PEDRO VELHO - RN. O rio Pirari consta no mapa de Margrave, no entanto, o nome não foi escrito próximo ao seu traçado. Este rio foi muito bem detalhado, com duas lagoas, a Tipijĩ e a Tamoatãpuruã, e duas ilhas, a Iamoã e a Caraguatacanga. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de pirá, peixe, e ã, rio. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 115 explica: "PIRARI:- Lugar em Pedro Velho (município do RN). De <i>pirá-r-i</i>, rio do peixe. ...". Citações: ► (Dussen, 1640) : pg. 183 - define a função do capitão holandês: "Além do capitão brasileiro, foi posto em cada aldeia um capitão holandês que os regem a eles e aos seus principais; a sua maior atribuição é animá-los para o trabalho e dirigi-los na melhoria das plantações e conceder-lhes permissão para trabalhar para senhores de engenho, verificando que não sejam vítimas de enganos e que o seu trabalho lhes seja pago. ". pg. 184 - censo da população masculina: "... homens, tanto velhos quanto jovens, aptos para a guerra ou inaptos, excluídas as mulheres e crianças, as quais estão em proporção, com relação aos homens, de, no mínimo, 3 para 1. ". pg.185: "ALDEIAS NO RIO GRANDE... Aldeia Parari, Capitão Willem Jansz ... 30 homens". ►C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi ou Leonardo Arroyo, em Notas do capítulo IV, in (Southey, 1810) pg. 207: "44 ...;Pirari, a duas milhas de Cunhau; ...". ►(Medeiros, 1989) pg. 74: "ALDEIA DE PIRARI - Informa o Pe. MANUEL DE MORAIS que Pirari tinha por capitão, em 1635, Andreas Caruware (2). A Aldeia era situada à distância de duas léguas do Engenho Cunhaú. Hoje existe a povoação de Pirari, três quilômetros ao leste da cidade de Montanhas. Pirari, à margem do rio do mesmo nome, pertence ao município de Pedro Velho-(RN). Segundo DUSSEN, que denominava aquela aldeia de Parary, ali encontravam-se 30 homens d'armas, capitaneados por Willem Jansz. (5) Pirari também figura no mapa de MARCGRAVE, de 1643. Aos 3 de abril de 1645, a Aldeia de Pirari passou à jurisdição da Aldeia Orange (6)." ►Notas de C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo do capítulo IV, in (Southey, 1810), pg. 207: "44 ...;Pirari, a duas milhas de Cunhau; ...".</p>

MOTYRUM-POTIGUARA / SEMANA INDÍGENA no MUSEU CÂMARA CASCU DO UFRN

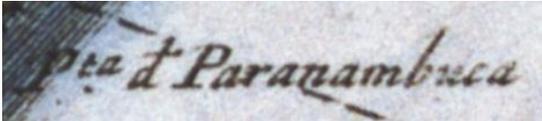
PALESTRA "PREFEITURA DO RIO GRANDE - A PRESENÇA INDÍGENA NOS ENTES GEOGRÁFICOS DO MAPA DE GEORGE MARCGRAVE." - 22/04/2010

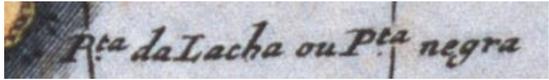
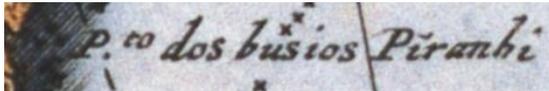
LEVY PEREIRA

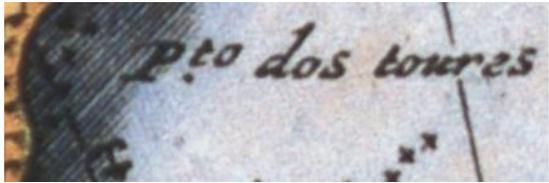
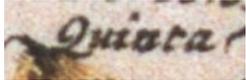
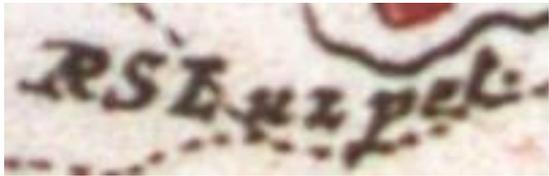
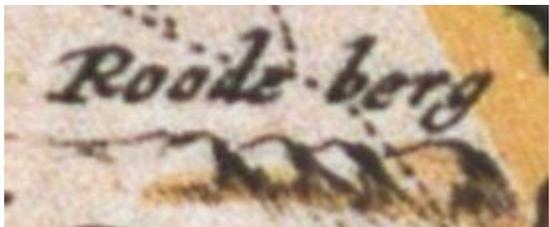
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Piúí		rio	Nome atual: Rio Pium. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>pi-u</i> , o mosquito pium, também conhecido como maruim ou mosquito pólvora, e <i>ĩ</i> , rio. (Câmara Cascudo, 1968) dá mais detalhes: "PIUM: - Rio em São José de Mipibu e Nísia Floresta. Povoação no município de Natal, rio e pequena lagoa. De <i>pi-u</i> , o que pica ou morde derreado, agachado. É mosquito miúdo de mordedura mui acre (TS). ...". (Margrave, 1648) pg.257 refere-se ao <i>marigui</i> (maruim, o mesmo que o pium, um Ceratopogonídeo do gênero Culicoides: "... Existe ainda, um outro chamado marigui, muito pequeno, mas incomoda de tal modo o homem, que é quasi insuportável."
Potiguaçu		rio	Nome atual: Rio Uriuna. Nota: há um rio Ìriuna no mapa de Margrave, distinto deste daqui, e conhecido hoje como Rio da Volta, na cabeceira do Guaju. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>poti</i> , o camarão, e <i>guaçu</i> , grande. (Margrave, 1648), pg. 188 descreve o potiguaçu. Por essa descrição, possivelmente este é o camarão de água doce conhecido hoje como pitu, ou pituaçu. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 116 informa: "PITUAÇU:- ... De <i>pi-t-u</i> , pele ou casca escura, um camarão de água doce, e o aumentativo <i>açu</i> , grande: camarão grande, o grande pitu."
Potijĩ ou Rio grande		foz de rio	Nome atual: Rio Potengi ou Rio Grande (manteve o topônimo). Etimologia: topônimo misto <i>Potijĩ</i> - termo de origem tupi, combinando <i>poti</i> , camarão e <i>ĩ</i> , rio. <i>Rio Grande</i> - termo de origem portuguesa. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 117 explicita: "POTENGI:- Rio em cuja margem direita está a cidade do Natal. O mesmo que Rio Grande do Norte, dando nome à capitania, Província e Estado. De <i>poti-gi</i> , rio dos camarões. ...".
Potijĩ Potiĩ		rio	Nome atual: Rio Potengi. Grafado no mapa nessas duas maneiras, e possivelmente a com o i duplo foi uma distração na edição. Etimologia: termo de origem tupi, combinando <i>poti</i> , camarão e <i>ĩ</i> , rio. (Margrave, 1648) pg. 186-187 descreve três tipos de camarões denominados poti, o Potipema, o Poti Atinga e o Potiguaçu.

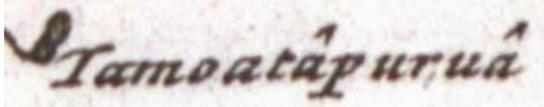
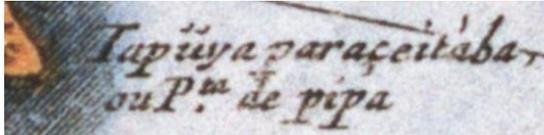
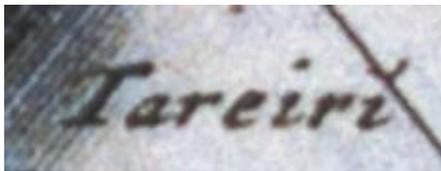
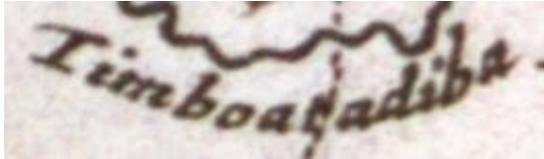
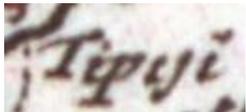
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Potirobi		lagoa	Nome atual: Lagoa do Anequim. Etimologia: termo de origem tupi, combinando <i>potira</i> , flor e <i>obi</i> , verde.

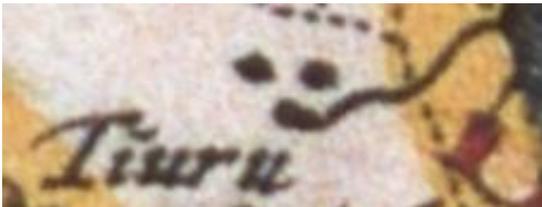
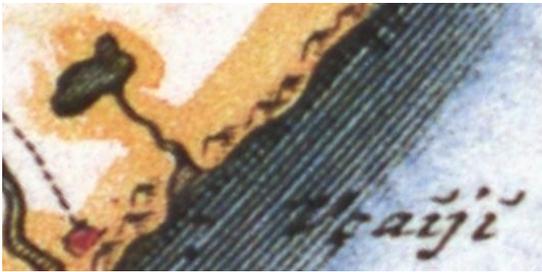
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)

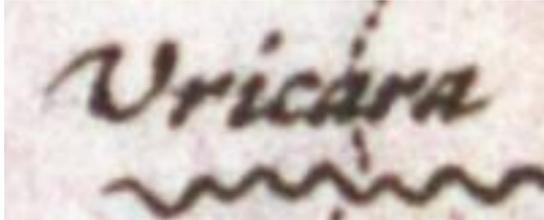
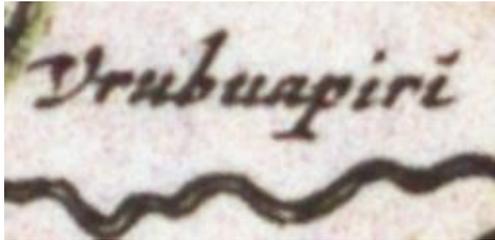
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
<p>Pta. đ Paranambuca</p> <p>MOTYRUM-POTIGUARA / SEMANA INDÍGENA no MUSEU CÂMARA CASCU DO/UFRN PALESTRA "PREFEITURA DO RIO GRANDE - A PRESENÇA INDÍGENA NOS ENTRES GEOGRÁFICOS DO MAPA DE ORIGEM DA MARGEM DO RIO LEVY PEREIRA</p>		<p>pontal</p>	<p>Nome atual: Ponta de Tibau do Sul.</p> <p>A Barra de Tibau do Sul, onde desaguam os Rio Trairi e Rio Jacu não era aberta para o oceano, exatamente como mostrado no mapa de Margrave.</p> <p>Esta barra foi criada por intervenção antrópica, com a intenção de conter as cheias sazonais que destruíam as plantações e inundava as margens do conjunto de lagoas de água doce, ou, segundo alguns, ligeiramente salobras (Papari-Nisia Floresta, Guarairas e Papeba), incluindo os povoados aí situados.</p> <p>Em 1890 o Governo do Estado abriu o primeiro canal de controle de enchentes neste local e em 1924 tentaram ampliá-lo, dinamitando a barreta - isso causou o maior desastre ambiental da história potiguar, pois a combinação de enorme cheia e marés fortíssimas arrebentaram o estreito canal, com a água salgada invadindo as lagoas e salinizando suas margens.</p> <p>Assim, a maior reserva de água doce do Rio Grande foi perdida, mas possivelmente a construção de uma barragem neste lugar eventualmente poderá recupera-la, com bom controle das cheias sazonais, e até permitindo o transito de veículos (rodovia) de Tibau do Sul para o norte e de barcos entre o oceano e a lagoa de Guarairas.</p> <p>O Prof. Hélio Galvão, natural do Pernambuquinho, povoado à margem da Lagoa de Guarairas, comenta em Galvão, Hélio-Cartas da Praia, Natal (RN): Scriptorin Candinha Bezerra: Fundação Hélio Galvão, 2006:</p> <p>* pg.50: "... Quando em 1924 as águas da lagoa de Guarairas irromperam pelo canal que o governo estava abrindo sob a chefia do engenheiro Júlio de Melo Rezende, que fora colega de meu pai na Escola Militar do Ceará, o povoado foi destruído numa noite, ficando as famílias ao desabrigo. Não se sabe o por que, ao se aproximarem da igreja de Santo Antônio as águas fizeram uma curva e a igreja ficou. De modo que toda a população se mudou para a colina que ficava a cavaleiro da antiga situação, mas a capelinha lá ficou, respeitada pela fúria das enchentes e depois pela água do mar que penetraram, até que a igreja foi edificada em 1937 (mais de 10 anos depois). No local onde hoje se encontra, o canal conserva ainda o relevo curvo que tinha feito para não levar a capelinha. Há coisas que parecem com coisas, não é?"</p> <p>*pg. 183: " Ali, pertinho, ao norte da barra, há um local no Cabaru, que foi, sem nenhuma dúvida, uma saída do rio Jacu. O nome antigo de Pernambuquinho significa exatamente isto: água fechada que abre passagem. É, indiscutivelmente, a primitiva saída do Jacu, obstruída pelos ventos, como foi agora a Barra do Camurupim. Não diz a história que havia no local um canal de saída. Não precisava dizer. Mas refere que os holandeses edificaram um fortim na Ilha do Flamengo e ali travaram violentos combates com a esquadra portuguesa. Por onde entraram estas duas esquadras? Se a primeira abertura, historicamente conhecida, é de 1890, aberta pela mão do homem, e rasgada em 1924 pela ação das águas, é claro que houve antes uma passagem, suficientemente larga e profunda, para permitir o tráfego dos navios de então."</p> <p>Etimologia:</p> <p>Pta. đ - abreviatura de Ponta de, termos portugueses;</p> <p>Paranambuca, termo de origem tupi, com muitas interpretações. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 114 explana: "PERNAMBUCO:- ... De <i>paranã-mbuca</i>, o furo ou entrada do lagamar, ou, <i>paranã-pucu</i>, rio comprido."</p> <p>Preferimos a primeira versão, por entender que possivelmente ali haveria uma pequena barreta, uma passagem, abertura ou furo nos arrefices por onde o rio desaguava no oceano. O alargamento dessa barreta era o objetivo dos trabalhos em 1924.</p>

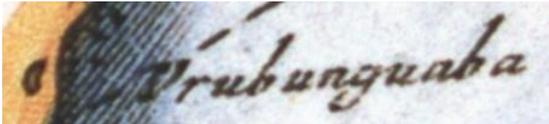
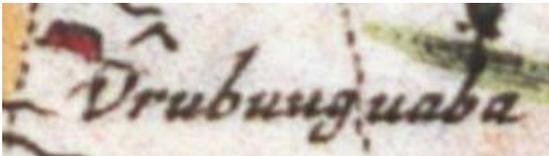
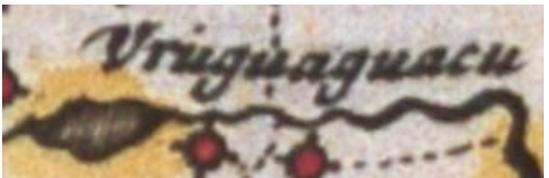
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Pta. da Lacha ou Pta. negra		pontal ou cabo	<p>Nome atual: Ponta Negra.</p> <p>Esse pontal também aparecia nos mapas antigos como Cabo Negro.</p> <p>Etimologia:</p> <p>Termos de origem portuguesa:</p> <p>P^{ta} - abreviatura de Ponta;</p> <p>P^{ta} da Lacha - Ponta da Lacha (no dicionário MICHAELIS, lacha significa vergonha, pudor);</p> <p>P^{ta} negra - Ponta Negra.</p>
Pto. dos busios Piranhã		porto	<p>Nome atual: Porto de Búzios, Rio Pirangi.</p> <p>Etimologia:</p> <p>P^{to} dos busios - termos de origem portuguesa, Porto dos Búzios. O porto de Búzios fica no atual Pirangi do Sul;</p> <p>Piranhã, termo de origem tupi, combinando <i>piranha</i>, o voraz peixe fluvial, e <i>ã</i>, rio.</p> <p>► (Margrave, 1648) pg. 164-165 descreve a <i>piraya</i> e <i>piranha</i>.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1968) pg. 115 explana:</p> <p>"PIRANGI:- ... De piã-gi-pe, no rio das piranhas. Em documento de 1564 encontra-se referência ho dito porto dos Buzios que pella lingua dos indios se chama PYRAMGYPEPE. ...</p> <p>PIRANHAS:- ... De pir-ã, o que corta a pelo, o esfaimado e feroz peixe fluvial, <i>Pygocentrus</i> e <i>Serrasalmus</i>."</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1955) pg. 30-31, discorre:</p> <p>"O PORTO DE BÚZIOS</p> <p>O Porto dos Búzios, Ponta dos Búzios, praia abandonada, foi muito citada nos documentos da primeira metade do sec. XVI pela abundância de búzios que eram procurados, valendo dinheiro para permutas comerciais: (Artur Nehl Neiva, PROVENIÊNCIA DAS PRIMEIRAS LEVAS DE ESCRAVOS AFRICANOS, Anais do IV Congresso de História Nacional, vol. IV, Rio de Janeiro, 1950). Na Índia, China, levados para África pelos traficantes árabes, o búzio <i>Cyprea moneta</i>, Linneu (moneta, moeda) valia dinheiro corrente e comum, denominado Cauri. Os escravos vindos do Congo para o Brasil diziam <i>njimbu</i> ao búzio, provindo a popular sinonímia de <i>gimbo</i> aplicada ao dinheiro em moeda. Jimbó ou zimbo divulgou-se facilmente entre os comerciantes portugueses na Africa. No Brasil há outras espécies, não sendo encontrada a <i>Cypraea moneta</i> e sim a <i>exanthemea</i>. João de Barros, o nosso Donatário, em março de 1564 obtinha do Rei autorização para mandar buscar da Índia trezentos quintais de búzios. Indígenas usavam o búzio como ornamento precioso e para troca. Stradelli conta o ciúme dos indígenas amazonenses pelos seus colares de conchas, recusando a permuta com espingardas de dois canos e munição. Na Bahia cita-se uma Praia do Zimbo ao norte de Itapoã. A nossa praia e antes Porto dos Búzios era lugar de colheita. João de Barros arrendava-o por quinhentos cruzados e dava autorização difícil. Recebia mesmo, pela mão do seu procurador Antônio Pinheiro, residente em Igarauçu, os búzios como pagamento das anuidades do arrendamento ou da licença para ir apanhá-los. Já não os encontrei quando visitei a deserta praia dos Búzios."</p>

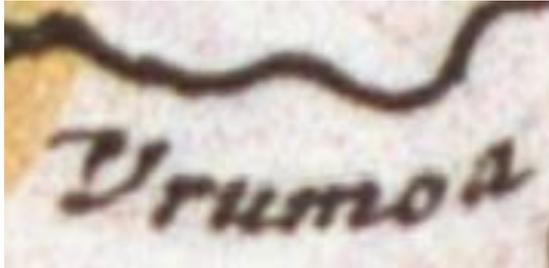
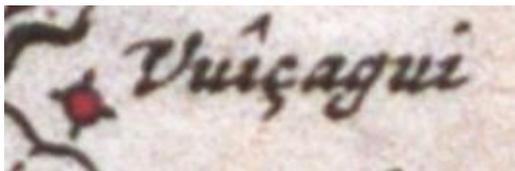
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Pto. dos toures		porto	Nome atual: não é conhecido como porto - possivelmente era um porto na enseada da Ponta do Flamengo, na atual Praia de Cotovelo. Etimologia: termo de origem portuguesa - P ^{to} é abreviatura de porto - Porto dos Touros. Conhece-se muito pouco dessa denominação e desse porto, como (Câmara Cascudo, 1956), pg.244 filosoficamente reconhece: "Os topônimos seguintes não deixaram rastro na memória popular, Ponta (sic) dos <i>Toures</i> (Touros), Furna Holle, enseada Ibiapê.".
Quinta		área (região)	Nome atual: Bairro das Quintas, cidade de Natal-RN. Etimologia: Termo de origem portuguesa, Quinta, que é uma propriedade no campo, com casa e área para plantio.
R S Luz grande		riacho	Nome atual: ... Nome histórico: rio Santa Luzia Grande. Etimologia: termo de origem portuguesa, abreviação de Rio de Santa Luzia Grande. (Câmara Cascudo, 1956), pg. 238, cita: "Seguem-se o <i>R. SLuz pet</i> , rio de S. Luzia Pequeno, e o <i>RSLuz grande</i> (sic), rio de S. Luzia Grande, traduz a "Descrição de Pernambuco em 1746", sem menção na cartografia posterior.".
R S Luz pet		riacho	Nome atual: ... Nome histórico: rio Santa Luzia Pequeno. Etimologia: termo de origem portuguesa, abreviação de Rio de Santa Luzia Pequeno. (Câmara Cascudo, 1956), pg. 238, cita: "Seguem-se o <i>R. SLuz pet</i> , rio de S. Luzia Pequeno, e o <i>RSLuz grande</i> (sic), rio de S. Luzia Grande, traduz a "Descrição de Pernambuco em 1746", sem menção na cartografia posterior.".
Roode berg		morros (dunas)	Nome atual: Morro Vermelho. Longa duna avermelhada no bairro de Felipe Camarão, cidade de Natal-RN. Etimologia: termo de origem neerlandesa, Roode, vermelho, e berg, morro ou monte, tradução do prof. Spencer, Walner, e confirmada pelo prof. Teensma, B. N., que nos informou sua redação em holandês moderno: Rode berg. ► (Câmara Cascudo, 1956) pg. 76 cita um morro avermelhado na área: "CAMIRANGA:- Morro de cimo avermelhado, fronteiro a Guarapes. De acá-miranga, cabeça vermelha. ...".

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Tamoatâpuruá		lagoa	Nome atual: Lagoa ... Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>tamoatâ</i> , peixe conhecido como tamatá, e <i>puruâ</i> , ... ► (Margrave, 1648), pg. 151, descreve este peixe, afirmando: "Este peixe, quando há falta de água, em tempo de seca, anda pela terra à procura de água." ► (Câmara Cascudo, 1968), também tem informações: pg. 125 - "TAMATANDUBA:- ... De <i>tamatan-diba</i> , o lugar dos tamuatás, o peixe <i>Cataphractus callicythus</i> . Camboatá, Camuatá, Cametá, Tamatá, Tamuatá. Ver CAMETÁ. ..."; pg. 76 - "CAMETÁ:- ... De caá-oatá, andar pelo mato. Nome do peixe <i>Cataphractus callicythus</i> que se transporta, através do mato, de uma para outra água por ocasião da estiagem. Camboatá. Tamboatá (TS).".
Tapīya paraçeitãba ou Pta. De pipa		pontal	Nome atual: Ponta da Pipa. Etimologia: * Tapīya paraçeitãba - termo de origem tupi. (Câmara Cascudo, 1968), pg. 127, informa: "TAPUIPARACEITABA:- Nome antigo da Ponta da Pipa, Goianinha (LP: hoje, Tibau do Sul-RN, desmembrado de Goianinha-RN). De tapui-pará-renda-ba, o rio dos tapuios, dos indígenas inimigos." * P ^{ta} de Pipa - termo de origem portuguesa, Ponta da Pipa.
Tareirĩ		rio foz de rio	Nome atual: Rio Trairi. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>tareira</i> , o peixe conhecido como traíra, e <i>ĩ</i> , rio. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 128-129 dá mais detalhes: "TRAIRI:- Rio que atravessa os municípios de Santa Cruz, S. José de Mipibu e Nísia Floresta, despejando na Lagoa de Papari e depois no mar pela barra de Camorupim. De taraíra-i, o rio das traíras. ...".
Timboatadiba		rio	Nome atual: Rio Tamatanduba. Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>tamoatâ</i> , peixe conhecido como tamatá, e <i>diba</i> , o lugar. ► (Margrave, 1648), pg. 151, descreve este peixe, afirmando: "Este peixe, quando há falta de água, em tempo de seca, anda pela terra à procura de água." ► (Câmara Cascudo, 1968), também tem informações: pg. 125 - "TAMATANDUBA:- ... De <i>tamatan-diba</i> , o lugar dos tamuatás, o peixe <i>Cataphractus callicythus</i> . Camboatá, Camuatá, Cametá, Tamatá, Tamuatá. Ver CAMETÁ. ..."; pg. 76 - "CAMETÁ:- ... De caá-oatá, andar pelo mato. Nome do peixe <i>Cataphractus callicythus</i> que se transporta, através do mato, de uma para outra água por ocasião da estiagem. Camboatá. Tamboatá (TS).".
Tipijĩ		lagoa fluvial	Nome atual: ... (lagoa no Rio Pirari). Etimologia: termo de origem tupi, combinação de <i>tipiji</i> , possivelmente a formiga <i>tapiiai</i> , e <i>ĩ</i> , o rio. (Margrave, 1648), pg. 252, descreve a formiga TAPIAI, "formiga preta de um dedo de comprimento".

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Tiuru		riacho	<p>Nome atual: Rio do Baldo. Nomes históricos: Rio da Bica, Rio Tiçuru. Etimologia: termo de origem tupi, possivelmente correlacionado a <i>tyuru</i>, a bexiga, termo este está no dicionário do Pe. Manoel Moraes, (Margrave, 1648), pg.276. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 127 tem mais informações: "TIÇURU:- Rio da cidade do Natal, depois RIO DO BALDO (1761), atravessando a Praça Carlos Gomes. Era a principal fonte de abastecimento d'água para os moradores durante mais de dois séculos. Em sua vizinhança ficou a CRUZ DA BICA, limite sul do <i>sítio da Cidade</i>, e que se tornou centro de devoção popular, a <i>Santa Cruz da Bica</i>, com festas em 3 de maio. De <i>ti-ruçu</i>, água grande, Alt. Tiuru."</p>
Vçaijĩ		riacho costeiro com lagoa	<p>Nome atual: baixo curso, com foz no povoado de Sagi, Rio Calvaçu; alto curso, Riacho Taboquinha. Nota: o riacho Taboquinha é efetivamente tributário do Rio Calvaçu, todavia Margrave desenhou o rio <i>Uçaijĩ</i> nascendo numa lagoa, fator esse determinante para essa nossa interpretação. Etimologia: termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vçaijĩ</i>, equivale a <i>Uçaijĩ</i>, combinação de <i>Uça-i</i>, caranguejo pequeno e <i>jĩ</i>. água, rio. ►(Margrave, 1648) pg. 184-185 descreve duas espécies de uçás, caranguejos de mangue: UCA UNA e UCA GUACU (sic); ►(Câmara Cascudo, 1968) pg. 120, fornece outros detalhes: "SAGI:- Rio e povoação em Canguaretama (LP: hoje, no município de Baía Formosa-RN, desmembrado de Canguaretama-RN). De <i>uçá-gi</i>, rio dos uçás, dos caranguejos uçás. <i>Oedi pleura cordata</i>. ...".</p>
Vpapeba		lagoa	<p>Nome atual: Lagoa Papeba. Etimologia: termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vpapeba</i>, equivalente a <i>Upapeba</i>, combinação de <i>ipá</i> e <i>peba</i>. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 110 explicita: "PAPEBA: - ... De <i>ipá-peba</i>, lagoa rasa. ...".</p>
Vpabuna		Grupo de lagoas	<p>Nome atual: a região tem o nome de PAVUNA; a praia é denominada PRAIA DA PAVUNA; uma lagoa é denominada LAGOA DAS NEGRAS. Estas lagoas hoje ficam no litoral de Mataraca-PB, não mais pertencendo ao Rio Grande do Norte. Etimologia: termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vpabuna</i>, equivale a <i>Upabuna</i>, combinação de <i>Upá</i>, ou <i>Ipu</i>, lagoa e <i>una</i>, a cor negra. (Câmara Cascudo, 1968) pg. 110 explicita:</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
			"PABUNA:- ... De ipab-una, lagoa negra, de águas escuras. ...".
Vricara		rio	<p>Nome atual: Rio Urucará.</p> <p>Na sua nascente, margem direita, encontra-se o povoado de Urucará.</p> <p>Nota: interpretamos o mapa de Margrave atribuindo ao rio <i>Nhambitiji</i> (atual Rio Baldum) o curso que desce da junção desses rios até a Lagoa <i>Vpapeba</i>, e não ao rio <i>Vricara</i> (atual Rio Urucara), por considerarmos este tributário do Rio Baldum.</p> <p>Margrave desenhou dois rios que se juntam - hoje sabemos que são três, do sul para o norte:</p> <ul style="list-style-type: none"> Rio Primeiro, ou Rio Baldum, não mapeado por Margrave; Rio do Meio, identificado como o alto curso do <i>Nhambitiji</i>; Rio Urucará. <p>Tanto o Rio Primeiro quanto o Rio do Meio são mais volumosos e extensos que o Rio Urucará.</p> <p>Etimologia:</p> <p>termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vricara</i>, equivale a <i>Uricara</i>, possivelmente correlacionado a <i>urucuri</i>, os frutos da planta <i>urucuri iba</i>, uma palmeira.</p> <p>► (Margrave, 1648) pg.104 descreve a palmeira <i>urucuri iba</i>, do tronco da qual se prepara uma farinha comestível, a <i>farinha de pau</i>, chamada pelos indígenas de <i>urucuri-vi</i>.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1968) pg. 131-132 dá a seguinte interpretação:</p> <p>"URUCARÁ:- Rio limite de S. José do Mipibu e Arez, desaguando na Lagoa de Papari, em Nísia Floresta. De <i>uru-quará</i>, esconderijo, buraco, refúgio dos urus. Uru é a designação comum aos galináceos na língua tupi. Grafia de 1709, Uruquará."</p>
Vrubuapirĩ		rio	<p>Nome atual: Rio ...</p> <p>Este rio foi ligado por intervenção antrópica (canal artificial) ao Rio Arari.</p> <p>Etimologia:</p> <p>termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vrubuapirĩ</i>, equivale a <i>Urubuapirĩ</i>, a combinação de <i>urubu</i>, literalmente a ave que desprende mau cheiro, ave necrófaga, o urubu, possivelmente <i>pira</i>, peixe, ou <i>piri</i>, junco, taboa, e <i>ĩ</i>, rio.</p> <p>► (Margrave, 1648) pg. 207-208 descreve o URUBU, comentando "Sua carne fede como a de um cadáver, porquanto se alimenta de carniça; ...".</p>

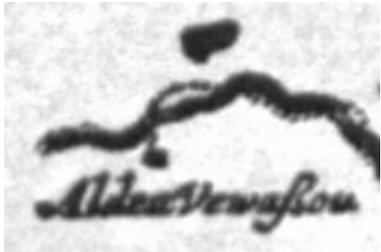
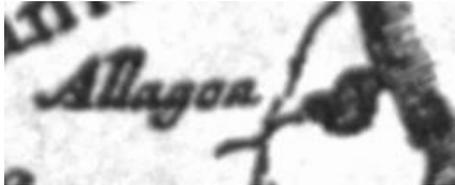
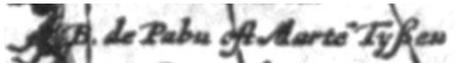
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Vrubunguaba		lagoa	<p>Nome atual: Lagoa Araraquara, ou Lagoa da Coca Cola.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vrubunguaba</i>, equivale a <i>Urubunguaba</i>, a combinação de <i>urubu</i>, literalmente a ave que desprende mau cheiro, ave necrófaga, o urubu, e possivelmente <i>uguaba</i>, cálice, copo, local onde se bebe. Dessa forma, local onde o urubu bebe, bebida (no sentido de local) do urubu.</p> <p>► (Margrave, 1648) pg. 207-208 descreve o URUBU, comentando "Sua carne fede como a de um cadáver, porquanto se alimenta de carniça; ...".</p> <p>► O dicionário do Pe. Manoel de Moraes in (Margrave, 1648) pg.276 traduz <i>iguaba</i>, cálice.</p>
Vrubuuguaba		aldeia de índios abandonada	<p>Aldeia de índios (brasilianos) com sinal de abandonada.</p> <p>Possivelmente localização: zona urbana da Nísia Floresta-RN, nas cercanias do túmulo da poetisa que a cidade homenageia adotando seu nome.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vrubuuguaba</i>, equivale a <i>Urubuuguaba</i>, a combinação de <i>urubu</i>, literalmente a ave que desprende mau cheiro, ave necrófaga, o urubu, e <i>uguaba</i>, cálice, copo, local onde se bebe. Dessa forma, local onde o urubu bebe, bebida (no sentido de local) do urubu.</p> <p>► (Margrave, 1648) pg. 207-208 descreve o URUBU, comentando "Sua carne fede como a de um cadáver, porquanto se alimenta de carniça; ...".</p> <p>► O dicionário do Pe. Manoel de Moraes in (Margrave, 1648) pg.276 traduz <i>iguaba</i>, cálice.</p>
Vruguaguacu		rio	<p>Nome atual: Rio da Prata.</p> <p>A lagoa mostrada no mapa de Margrave é a Lagoa de Uruaçu, e nas suas margens está o povoado de Uruaçu.</p> <p>Etimologia: termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vruguaguacu</i>, equivale a <i>Uruguaguacu</i>, a combinação de <i>urugua</i>, o caracol, e <i>guaçu</i>, grande.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1968), pg. 131, dá mais subsídios: "URUÁ:- ... Uruá é um molusco gasterópode, do gênero Ampulária. De <i>iuru-á</i>, boca aberta. ..."; "URUAÇU:- Povoado em Macaíba. De <i>iuru-a-açu</i>, uruá grande. "Tingujada", onde ocorreu o massacre de 1645 é região de Uruaçu. "Huoacu" em 1609."</p>

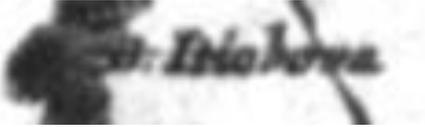
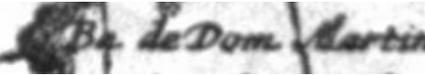
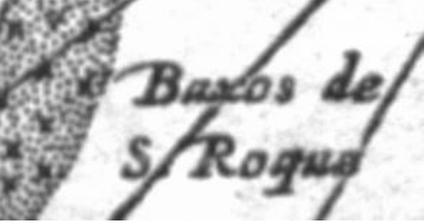
ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA PREFEITURA DO RIO GRANDE NO MAPA BRA (ou PB-RG)			
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Vrumoa		rio	<p>Nome atual: Rio Limonal.</p> <p>Etimologia:</p> <p>termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vrumoa</i>, equivale a <i>Urumoa</i>. Possivelmente poderia estar associado a jurumu, planta conhecida como abobreira, cujo fruto é a abóbora ou jirimum.</p> <p>► (Margrave, 1648) pg. 44 descreve a IURIMU, comentando "O fruto cozido ou assado na cinza, é de bom sabor".</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1968), informa, com outra abordagem etimológica: pg. 97 - "JIRIMUM:- "... De <i>juru-m-un</i>, pescoço escuro. Variedade de abóboras grandes, <i>Cucurbita maxima</i>, D. (TS). Designava as abóboras nativas, diferenciando-as das trazidas pelos portugueses. Registo a prosódia popular e normal."</p> <p>pg. 132 - "URUMUÁ:- Ver IRIMUÁ.";</p> <p>pg. 93 - "IRIMUA: - Lugar em Goianinha e Arez, dito comumente Limonal. De irumo-guaba, a comida junto, a vida em companhia, a convivência, a sociedade, a companhia, o grêmio (TS). Irumoguá, Irunamoguá. URUMOÁ era a aldeia do chefe indígena Jacumaúba ou jacunaúma em 1605.</p>
Vuíçagui		rio	<p>Nome atual: riacho ...</p> <p>termo de origem tupi - no mapa de Margrave, a letra U inicial dos topônimos é grafado com um V maiúsculo, assim <i>Vuíçagui</i>, equivale a <i>Uuíçagui</i>. Possivelmente a combinação de <i>Uuî</i>, ..., e <i>çagui</i>, o mamífero sagüim.</p> <p>► (Margrave, 1648) pg. 227 descreve o CAGUI maior e menor. O CAGUI pequeno é o mico leão dourado.</p>

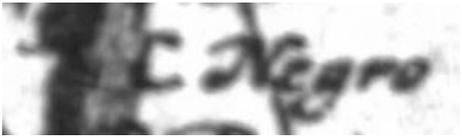
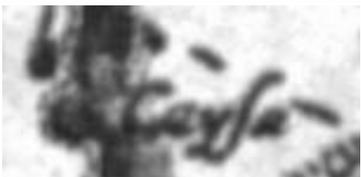
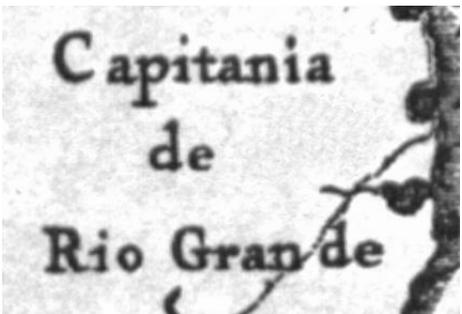
**ANEXO 2 - TOPÔNIMOS DA CAPITANIA DO RIO GRANDE
NO MAPA MARITIMA BRASILIAE UNIVERSAE (MBU).**

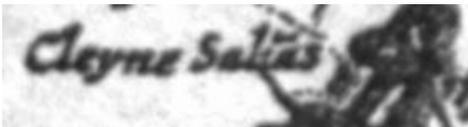
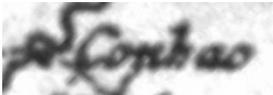
Viés: ETIMOLOGIA.

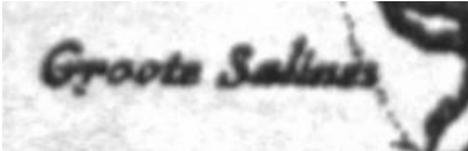
ANEXO 2 - TOPÔNIMOS DA CAPITANIA DE RIO GRANDE NO MAPA MARITIMA BRASILIAE UNIVERSAE (MBU)

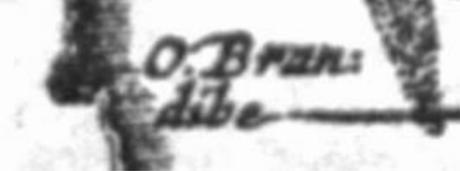
TOPÔNIMO	Redação no MAPA	NATUREZA	COMENTÁRIO
Aldea Vewaßou		Acampamento tapuia	"Aldea d tapijya", acampamento tapuia, conhecido como Aldeia do Açú. Possivelmente localiza-se possivelmente nas cercanias da cidade do povoado Cuó, município de Ipangaçu-RN. Etimologia: <i>Aldea</i> - termo de origem portuguesa, significando Aldeia, todavia, por se supor ser tapuia, deve ser um acampamento de uso frequente, dentro da rotina anual dos tarairiús, possivelmente para a pesca na lagoa Ponta Gorda e na Piató (possível Lagoa Bachtag, ou Bacwatigh); <i>Vewaßou</i> - termo de origem nativa, possivelmente Ueussou, Ueuçu (tapuia ou tupi), que tem relação com o nome do Rio Açú.
Allagoa		rio com lagoa	Nome atual: Rio de Touros, no qual fica a Lagoa de Touros. Nomes históricos: Porto de Touros, Uguasu, Uguaçu, VVuvvug. ► (Medeiros, 1997) informa: pg. 73 - "Em uma ponta de terra vizinha à cidade de Touros, existia antigamente uma pedra chamada pelos indígenas de Çuuguaçu, que lembrava a cabeça de um veado ("Çuú - veado; Guaçu = verdadeiro, legítimo). ... Ao chegarem os portugueses àquela região, acharam semelhança entre aquela pedra e a cabeça de um touro, daí ter surgido entre eles o topônimo Pedra de Touro. Ao rio que corria nas vizinhanças da pedra Çuúguaçu, os silvícolas designavam pelo mesmo nome, o qual era entendido pelos portugueses como Uguaçu. Tal curso d'água corresponde ao atual Rio de Touros, Jiqui ou Maceió, que banha a cidade de Touros." pg. 74 - "Na historiografia seiscentista, novamente o rio Uguaçu é citado por ocasião do desembarque do mestre-de-campo Luís Barbalho Bezerra, ocorrido no Porto de Uguaçu, perto ao de Touros, no dia 7 (sic - deve ser 17 ou 18) de fevereiro de 1640. ...". Etimologia: <i>Allagoa</i> - termo de origem portuguesa, arcaico de alagoa, lagoa.
B. de Pabu oft Marte Tyßen		baía	Nome atual: Baía de Genipabu. Nomes históricos: Baía Marten Tyssen, Genepaboe. Etimologia: <i>B.</i> , abreviatura de baía, é termo português, significando enseada marítima. <i>Pabu</i> possivelmente é termo tupi, e o nome atual, Genipabu, pode estabelecer a associação com a <i>jeniparandiba</i> , aliás jeniparanduba pelos portugueses, a árvore conhecida como jenipapeiro, cujo fruto é o jenipapo. (Margrave, 1648) pg. 109 descreve a <i>japarandiba</i> . oft - termo de origem neerlandesa, significando ou; <i>Marte Tyßen</i> - termo de origem neerlandesa, o nome de Marten Thijsg, almirante neerlandês e comandante do navio Vereenighde Provintien.

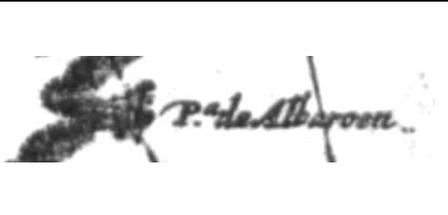
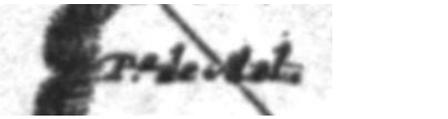
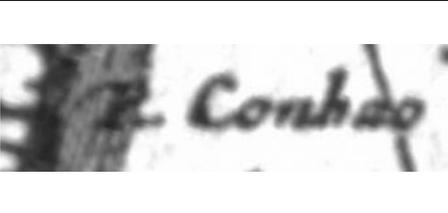
B. Itiabova		baía	<p>Nome atual: possivelmente Icapui-CE. Nomes históricos: <i>Baye Jtiobara</i> no mapa em (Prevost, 1757) pg. 258. Notas: Essa é a única baía que existe entre a delta do Rio Mossoró (R. Sira Salina) e Ponta Gorda (P^a de Albaroon, também conhecida atualmente como Ponta de Ubarana); Está no litoral do Ceará, e foi incluída por adotarmos o Rio Jaguaribe (R Scorgoriba) como limite histórico entre as capitanias do Rio Grande e Siara (Ceará). Etimologia: <i>B.</i> - abreviatura de baía, é termo português, significando enseada marítima. <i>Itiabova</i> - possivelmente é termo tupi. Infelizmente ainda não identificamos seu significado.</p>
Ba de Dom. Martin		baía	<p>Nome atual: possivelmente a baía de Maxaranguape-RN. Etimologia: <i>Ba. de</i> - abreviatura de baía de, termos portugueses; <i>Dom.</i> - abreviatura de Domingos, nome de uma pessoa, termo de origem portuguesa; <i>Martin</i> - termo de origem portuguesa, o sobrenome de Domingos Martin. Ainda não outras encontramos referências esta figura histórica além da abaixo citada. ► (Galvão, 1977) pg. 79 há referência sucinta: "Na enseada de Domingos Martim, proximidades de Genipabu, desembarcou a esquadra e aí ficou de 27 de Dezembro de 1631 a 4 de Janeiro de 1632."</p>
Baxos de S. Roque		arrecifes	<p>Nome atual: Arrecifes ou Baixos de São Roque. Estes arrecifes receberam seu nome pela proximidade com o Cabo de São Roque. Etimologia: <i>Baxos</i> - termo de origem portuguesa, arcaico de baixos ou área de recifes, perigosa para a navegação marítima; <i>de S. Roque</i> - termo de origem portuguesa, significando de São Roque, santo católico cujo dia é comemorado em 16 de agosto. Os exploradores ibéricos tinham o costume denominar os acidentes geográficos com o nome do santo do dia de sua descoberta. ► (Pereira da Costa, 1951) Vol. 1, pg. 51-52, ano 1501: " ... el-rei D. Manuel, ... tomou ele a resolução de aprestar uma esquadra para reconhecer particularmente a terra descoberta, de forma a ministrar-lhe seguros dados sobre a sua extensão, importância e outros particulares. A frota destinada a esse fim compunha-se de três caravelas, e partiu de Lisboa no dia 14 de maio deste ano, sob o comando de um chefe que — conjecturas mais admissíveis— indicam ser D. Nuno Manuel, mas assessorado por Américo Vespúcio, marinheiro profecto e conhecedor dessas paragens americanas, pelas viagens que anteriormente fizera ao serviço de Castela; ... Descobrimo terra no dia 16 de agosto, um promontório a que se impôs o nome de S. Roque, ...".</p>

Baxos Salina		arrecifes	Nome atual: Recifes de Guamaré. Etimologia: <i>Baxos</i> - termo de origem portuguesa, arcaico de baixos ou área de recifes, perigosa para a navegação marítima; <i>Salina</i> - termo de origem portuguesa, significando uma área de extração de sal. Os baixos foram batizados com esse nome pela proximidade com as salinas de Guamaré (R. de Gramama) e do delta do Rio Açu.
		região	Nome atual: Região Nordeste do Brasil, compreendendo os Estados: Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará. Etimologia: termo escrito em latim, BRASIL SOB REGIME BATAVO.
C. Negro		cabo	Cabo Negro, mais conhecido como Ponta Negra. No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, está assinalado como "Pta. da Lacha ou Pta. Negra". Etimologia: <i>C.</i> - abreviatura de cabo, ponta ou pontal marítimo, termo de origem portuguesa; <i>Negro</i> - termo de origem portuguesa, a cor preta, negra.
Caija		baía	Nome atual: baía em Caiçara do Norte-RN. Etimologia: <i>Caija</i> - Caissa, é corruptela de <i>caiçara</i> , termo de origem tupi. ► (Câmara Cascudo, 1968) esclarece: "CAIÇARA:- ... De <i>caá-içara</i> , pau tostado, queimado; o cercado, o tapume, a estacada (TS). ... Valia curral. ...".
Capitania de Rio Grande		Capitania	A Capitania do Rio Grande constituiu o segundo lote de capitanias hereditárias doado por Dom João III de Portugal em 1531 e em 1570 reverteu à posse da Coroa. No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, a divisa ao sul está no litoral na altura das Lagoas de Upabuna (entre o rio Camaratuba e o rio Guajú). No litoral norte este limite não está desenhado e assume-se, com base em outras fontes, que estaria na foz do rio Jaguaribe. ► http://www.cerescaico.ufrn.br/rnnaweb/historia/colonia/capitania.htm acesso em 14/4/2010: "A Capitania do Rio Grande, com cem léguas, foi doada a João de Barros, feitor das Casas de Mina e da Índia, a qual foi aglutinada com cinquenta léguas doadas a Aires da Cunha e setenta e cinco léguas doadas a Fernão Álvares de Andrade, perfazendo um total de duzentos e vinte e cinco léguas de terras, cujos limites não são muito claros, em função do desaparecimento da Carta de Doação (CASCUDO, 1984)." Etimologia: <i>Capitania</i> - termo de origem portuguesa, significando a região doada pelo rei de Portugal para ser administrada em seu nome por um capitão-mor; <i>de Rio Grande</i> - termo de origem portuguesa, significando <i>do</i> Rio Grande.

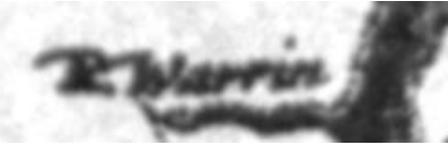
Cleyne Salias		salina	<p>Nome atual: possivelmente designa a região de salinas a oeste da cidade de Macau-RN, nas cabeceiras do Rio da Casqueira. ou até mesmo a Salina Sertãozinho, na Camboa do Sertãozinho, na cabeceira deste rio. Nessa área, que já foi servida com um ramal ferroviário, há a Salina da Salema, Salina Rio Grande, Salina Cristal, Salina Xaréu, Salina Tamoio e Salina Sertãozinho, na Camboa do Sertãozinho, na cabeceira deste rio..</p> <p>Vide mapa IBGE Geocódigo 2404507 GUAMARÉ disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/GUAMARE.pdf acesso em 14/4/2010.</p> <p>Etimologia: <i>Cleyne Salias</i> - corruptela de Cleyne Salinas. <i>Cleyne</i> - termo de origem neerlandesa, <i>Kleine</i>, significando pequenas; <i>Salias</i> - termo de origem portuguesa, <i>salinas</i>, local onde se produz sal (NaCl).</p>
Conhao		casa	<p>Nome atual: Engenho Cunhaú.</p> <p>No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, há neste local o engenho de roda d'água com igreja "N S. de Candas", o Engenho Cunhaú, em cuja capela ocorreu a chacina do Cunhaú.</p> <p>► (Medeiros, 1998) pg. 105-108, "16 DE JULHO DE 1645: O MASSACRE DO ENGENHO CUNHAÚ", narra os fatos deste episódio.</p> <p>Etimologia: <i>Conhao</i> - termo com escrita corrompida da palavra <i>Cunhaú</i>, esta de origem tupi.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1968), pg. 85, explana: "CUNHAÚ:- Nome do Rio Curimataú atravessando Canguaretama. ... De <i>cunhã-u</i>, bebedouro, aguada das mulheres. Povoação em Canguaretama, tornada histórica pelo sacrifício de moradores às mãos dos janduí, chefiados pelo delegado holandês Jacob Rabi, em 16 de julho de 1645, massacrados dentro da igreja por ocasião da missa dominical, celebrada pelo Padre André do Soveral, também assassinado, aos 73 anos."</p>
Fort Ceulen		fortaleza	<p>Nome atual: Forte dos Reis Magos.</p> <p>Conhecida popularmente como Fortaleza dos Reis Magos.</p> <p>Construção iniciada por ordem do Capitão-Mor de Pernambuco, Manoel de Mascarenhas Homem, em 1598, no dia 6 de janeiro, dia consagrado aos Santos Reis, sobre os arrecifes situados nas redondezas da chamada Boca da Barra.</p> <p>No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, está assinalado como "Ca[steel Keulen".</p> <p>Etimologia: <i>Fort</i> - termo de origem neerlandesa, significando forte, fortificação, fortaleza; <i>Ceulen</i> - termo de origem neerlandesa, é o nome do diretor da WIC, Mathijs Van Keulen, que, como a autoridade máxima, participou na batalha que tomou este forte no dia 12/12/1633, estabelecendo o domínio neerlandês no Rio Grande.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 244: "Na primeira curva está o CASTEEL KEULEN, castelo de Keulen (67), a fortaleza dos Reis Magos, vencida a 12 de dezembro de 1633 e rebatizada com o prestigioso nome de um dos Delegados da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais."</p> <p>► (Galvão, 1977), Parte III, KASTEEL KEULEN, pg. 77-122 trata a fundo a história do Forte sob dominação</p>

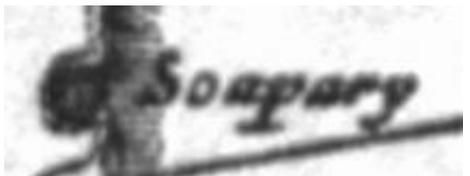
			neerlandesa.
Groote Salines		salinas	<p>Nome atual: Salinas de Macau, pois possivelmente, por ser termo no plural, designa coletivamente a região salineira no delta do Rio Açu, também conhecido como Rio Piranhas.</p> <p>Esta é a maior região de produção de sal marinho no Brasil.</p> <p>Macau-RN é o município onde estão estas salinas.</p> <p>Vide mapa IBGE Geocódigo 2407203 MACAU disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/MACAU.pdf acesso em 14/4/2010.</p> <p>Etimologia:</p> <p><i>Groote Salines</i> - corruptela de Groote Salinas, salinas grandes;</p> <p><i>Groote</i>- termo de origem neerlandesa, significando grandes, enormes;</p> <p><i>Salines</i> - termo de origem portuguesa, <i>salinas</i>, local onde se produz sal (NaCl).</p>
Natal		cidade	<p>Nome atual: Natal-RN.</p> <p>Etimologia:</p> <p>termo de origem portuguesa, Natal, dia 25 de dezembro, comemorativo do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956) pg. 245 :</p> <p>" Na margem direita do Potengi, pouco mais de dois quilômetros da barra, fundaram, a 25 de dezembro de 1599, a CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE.</p> <p>O brabantino Adriano Verdonck visitou a "Cidade do Rio Grande chamada Cidade de Natal" em princípios de 1630."</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1947) - este livro é o paradigma para a história da Cidade do Natal;</p> <p>► (Emerenciano, et alii, 2007), é um e-book com muitas informações históricas interessantes. Está disponível em http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/NATAL_NAO_HA_TAL.pdf acesso em 14/4/2010.</p>

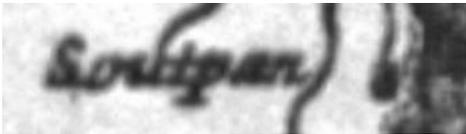
<p>O Brandibe</p>		<p>Nome atual: Ponta Santo Cristo, em São Miguel do Gostoso - RN. nomes históricos: Ubaranduba, Obrandiba, Obranduba. Examinando o mapa de Margrave, selecionamos dois locais como candidatos a ser Ubaranduba, ambos pontos notáveis e bastante salientes no litoral nordeste do RN: Praia do Marco e São Miguel do Gostoso. A latitude do primeiro é 5° 4' 32,5" e a do segundo 5° 7' 00".</p> <p>Ubaranduba é citada em (Laet, 1637), pg. 236, no relatório de Jacob Jansz, piloto do navio Nieuw-Nederland, sobre a "Costa setentrional do Brasil": "17 (de novembro). ... Estivemos 21 léguas do Rio Grande, na altura de 5 graus e 7 minutos, em frente da Ponta de Ubaranduba, segundo a terminologia dos selvagens ...". O texto original grafa "Obrandiba".</p> <p>Ubaranduba também é citada na "Histoire Générale des Voyages, ou, Nouvelle Collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre, ...", Tome Quatorzieme, A Paris, Chez Didot, Librairie, Quai des Augustins, à la Bible d'or, M. DCC. LVII, pg. 142: "De la Baie de Petitigua, suivant Figueredo, la Côte continue de s'étendre à l'Ouest, tantôt haute, tantôt plus basse, & couverte de Bois en divers endroits, jusqu'à Omerco, qui en est à 25 lieues: il paroît, dit le même Ecrivain, que ce lieu faisoit autrefois la séparation des Portugais & des Castellans. Les Hollandois comptent six lieues de Pequetinga a la Pointe de Chugasu, ou Ugassumha, & font observer que les Ecueils de Saint Roc finissent près de cette Pointe. Elle est suivie, disent-ils d'une autre Pointe, qu'ils nomment Ubaranduba. Figueredo compte, d'Omarco à Guamaráé, quinze lieues d'une Côte basse, entremêlée de quelques Collines de sable, derriere lesquelles on découvre sort loin, dans le Continent, de hautes Montagnes que les Indiens, nomment Buturuna. "</p> <p>Nota-se que Ubaranduba e "Omerco", ou "Omarco", são dois locais distintos. Omerco parece ser grafia errada de Omarco, "o marco", em suma, a ponta na Praia do Marco. A combinação desta citação com a do relatório compilado por Laet estabelecem este local, a ponta do Santo Cristo, como o mais provável para "O. Brandibe".</p> <p>Ubaranduba foi o porto onde os holandeses desembarcaram em 1531 uma comitiva para negociar a aliança holandesa com Janduí, rei da nação Tarairiú. ►(Câmara Cascudo, 1955), pg. 61-62 cita: "Em 3 de outubro de 1631 apresentou-se ao Conselho Político do Brasil Holandês um indígena chamado Marcial ou Marciliano, fugitivo dos acampamentos portugueses, informando que seus companheiros estavam desejosos de uma aliança com os invasores. Dizia-se enviado pelos soberanos cariris Janduí e Oquenuçu. O Conselho deliberou enviar um iate para colher informações nas terras do Rio Grande, onde a dupla governava. Marcial trouxera vários indígenas que tinham ido à Holanda, em 1625, na esquadra de Hendrikszoon. Essa expedição consta do iate "Niew Nederland", do capitão Elbert Smient, comandante das chalupas e um outro navio pequeno, sob a direção de Joost Closter. Embarcaram Marcial e seu séquito além do judeu Samuel Cochin, a quem o Conselho dera instruções reservadas e tinha acomodações especiais no iate. Largaram do Recife a 13 de outubro de 1631. No dia seguinte tentaram abordar uma nau portuguesa que para fugir abeirou-se da Baía da Traição, protegida por duas baterias ali existentes. A 15 velejaram por fora do Rio Grande, evitando os canhões do Reis Magos. Foram além, até fundear, 21 léguas ao norte do Potengi, num lugar Ubranduba, Uberanduba para Laet. Desceram aí Marcial, André Tacou, Araroba e Francisco Matauwe, indígenas diplomatas, sequiosos pelo resultado da embaixada. A 10 de novembro, Smient pôs gente em terra apesar do mar revolto e da costa parcelada. Durante a noite, atraídos pelo clarão de uma fogueira, caíram sobre um acampamento. Encontraram o português João Pereira que conduzia, presos para o Rio Grande, destinados a venda, André Tacou e mais oito companheiros, além de 17 mulheres e crianças. Mataram João Pereira, libertando os indígenas. O português levava papéis preciosos como informações para a conquista do Ceará. Elbert Smient, a 18 de novembro, voltou ao Recife, e Joost Closter ficou para prosseguir a jornada. E viajou, perigosamente, entre rochas e cachopos submersos, até o rio Jaguaribe. No litoral cearense, numa ponta chamada Opese, soltou os cariris, plenipotenciários do povo janduí. Acometidos por um troço de portugueses armados de escopetas, os indígenas foram vencidos e Joost Colster amedrontado, fez-se de velas para as Antilhas, sendo posteriormente submetido a conselho de guerra e expulso do serviço da Companhia. Smient, chegando ao Recife a 25 de novembro; deu conta do recado, apresentando indígenas que recolhera à bordo em Ubranduba e Goana (Goiana, em Pernambuco) ou no litoral norte-rio-grandense onde havia outra Goana, hoje Goianinha."</p>
-------------------	---	--

P ^a de Albaroen		ponta	Nome atual: Ponta Gorda, também conhecida como Ponta de Ubarana. Atualmente está no litoral do Ceará, e foi incluída por adotarmos neste trabalho o Rio Jaguaribe (R Scorgoriba) como limite histórico entre as capitânicas do Rio Grande e Siara (Ceará). Etimologia: <i>P^a. de</i> - abreviatura de ponta de, é termo português, significando ponta ou cabo marítimo. <i>Albaroen</i> - possivelmente é corruptela do termo tupi <i>ubarana</i> , uma espécie de peixe. (Margrave, 1648) pg. 154 descreve a UBARANA.
P ^a de Mello		ponta	Nome atual: Ponta do Mel. Nome histórico: Cucaratuba. ► (Prevost, 1757) - Histoire Générale des Voyages, Tomo 14, pg. 142: "Ils ajoutent que Punta do mel se nomme Cucaratuba parmi les Indiens; ...". Etimologia: <i>P^a de</i> - abreviatura de ponta, termo de origem portuguesa, pontal marítimo ou cabo; <i>Mello</i> - arcaico ou corruptela de mel, o produto das abelhas, possivelmente pelo tom rosado das dunas e das falésias na região. As dunas da área atualmente são denominadas Dunas do Rosado.
P ^a de Mal.		ponta	Nome atual: Ponta do Cristóvão. Etimologia: <i>P^a de</i> - abreviatura de ponta, termo de origem portuguesa, pontal marítimo ou cabo; <i>Mal.</i> - termo pouco legível no nosso mapa - ainda não identificado.
Picquetinge		enseada	Nome atual: Pititinga. Etimologia: <i>Picquetinge</i> - termo com redação corrompida, <i>piquitinga</i> , termo de origem tupi. ► (Câmara Cascudo, 1968), pg. 116: "PITITINGA:- povoação e praia em Touros. De pi-ti-tin-ga, a pele alva-alva, muito alva ou prateada. É uma espécie de sardinha de sabor delicado (TS). Altera-se par Piquitinga. Creio tratar-se da mesma <i>Manjuba</i> , a <i>Menidia brasiliensis</i> , Cuv & Val." ► (Margrave, 1648) , pg. 159 descreve a PIQUITINGA.
R. Conhao		rio	Nome atual: Rio Curimataú. Sua barra é atualmente conhecida como Barra do Cunháú. <i>R.</i> - sigla de Rio, termo de origem portuguesa; <i>Conhao</i> - termo com escrita corrompida da palavra <i>Cunhaú</i> , esta de origem tupi. ► (Câmara Cascudo, 1968), pg. 85, explana: "CUNHAÚ:- Nome do Rio Curimataú atravessando Canguaretama. ... De <i>cunhã-u</i> , bebedouro, aguada das mulheres. ...".

R. de Gramama		rio	<p>Nome atual: Rio de Guamaré. Neste local quatro rios compartilham a foz no oceano: Rio Aratuá, Rio Camurupim, Rio Pisa Sal (também conhecido como Rio Volta do Sertão) e Rio Galinhos (com seus afluentes Rio Pratagi e Rio do Tomás), formando uma extensa baía com manguezal.</p> <p>Etimologia: <i>R. de</i> - sigla de <i>Rio de</i>, termo de origem portuguesa; <i>Gramama</i> - termo com redação estropiada, de origem tupi. ► (Câmara Cascudo, 1968): pg. 89 - "GUAMARÉ:- Povoação em Macau*. Município em 1963. Possível alteração prosódica de ÀGUA-MARÉ, com intercorrências do tupi GRAMARÉ, GRAMORÉ. Ver GRAMARÉ na segunda parte. Guamaré no LIVRO QUE DÁ REZÃO DO ESTADO DO BRASIL, 1612. Ver GRAMARÉ." pg. 88 - "GRAMARÉ:- ... De guami-ré, o sabor das provisões, o gosto dos mantimentos; lugar onde se come a matalotagem, valendo o mesmo que CUCAÚ. ...".</p>
R. Iuan Laftoje		rio	<p>Nome atual: área na Praia da Barreta, antiga foz do Rio Trairi. <i>A barreta</i> é a abertura na linha de recifes para o escoamento da foz sul do Rio Trairi (foz do rio Tareirí no mapa de Margrave).</p> <p>Etimologia: <i>R. de</i> - sigla de <i>Rio de</i>, termo de origem portuguesa; Iuan Laftoje - termo de origem portuguesa, com a redação estropiada do nome do proprietário do estabelecimento de pesca que estava nesta área, João Lostão Navarro. No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, na sua foz há um grupo de casas de um empreendimento de pesca de João Lostau Navarro, morto em 16 de julho de 1645 no massacre de Uruaçu, executado pelos holandeses e seus aliados. Mais detalhes em http://www.cerescaico.ufrn.br/rnnaweb/historia/colonia/massacres-p.htm http://www.dei.rn.gov.br/arearestrita/sistema_de_suplementos/arquivossuplementos/arq461bd0e3130b5.pdf</p>
R. Periny		rio	<p>Nome atual: Rio Pirangi. No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, na sua foz há o "Pto. dos busios Píranhi", Porto dos Búzios.</p> <p>Etimologia: <i>R. de</i> - sigla de <i>Rio</i>, termo de origem portuguesa; <i>Periny</i> - termo com escrita estropiada, <i>Piranhĩ</i>, termo de origem tupi, combinando <i>piranha</i>, o voraz peixe fluvial, e <i>ĩ</i>, rio. ► (Margrave, 1648) pg. 164-165 descreve a <i>piraya</i> e <i>piranha</i>. ► (Câmara Cascudo, 1968) pg. 115 explana: "PIRANGI:- ... De <i>pirã-gi-pe</i>, no rio das piranhas. Em documento de 1564 encontra-se referência ho dito porto dos Buzios que pella lingua dos indios se chama PYRAMGYPEPE. ... PIRANHAS:- ... De <i>pir-ãi</i>, o que corta a pelo, o esfaimado e feroz peixe fluvial, <i>Pygocentrus</i> e <i>Serrasalmus</i>."</p>

R. Scorgoriba		rio	<p>Nome atual: Rio Jaguaribe.</p> <p>Nomes históricos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ (Prevost, 1757) mapa à pg. 258: <i>Port des Panthery</i>; ▶ (Moreno, 1612), mapa à pg. 83: <i>Pº das onças</i>. <p>Está no litoral do Ceará, e foi incluído por adotarmos neste trabalho o Rio Jaguaribe (R Scorgoriba) como limite histórico entre as capitanias do Rio Grande e Siara (Ceará).</p> <p>Etimologia:</p> <p><i>R.</i> - abreviatura de rio, termo da língua portuguesa;</p> <p><i>Scorgoriba</i> - corruptela de <i>Jaguaribe</i>, termo tupi, combinação de jaguara, o mamífero conhecido como onça ou jaguar, e <i>ybe</i>, locativo. Jaguaribe, assim, significa no rio da onça, na aguada da onça. (Margrave, 1648) pg. 235 descreve a Jaguara.</p>
R. Sira Salina		rio	<p>Nome atual: Rio Mossoró.</p> <p>Nomes históricos: Amargoso, Hupanema, Upanema.</p> <p>Etimologia:</p> <p><i>R.</i> - abreviatura de rio, termo da língua portuguesa;</p> <p><i>Sira</i> - não sabemos o significado. Siará, Ceará?;</p> <p><i>Salina</i> - termo de origem portuguesa, salina, local onde se produz sal (NaCl).</p>
R. Warrin		rio	<p>Nome atual: ...</p> <p>Possivelmente é o rio que atualmente está obstruído pelas Dunas do Rosado. Por trás das dunas, onde está barrado, o rio forma uma lagoa, nas proximidades da qual estão as localidades de Canto da Lagoa, Correntes e Cacimbas - veja mapa IBGE Geocódigo 2410256 PORTO DO MANGUE-RN, disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/PORTO%20DO%20MANGUE.pdf acesso em 16/04/2010.</p> <p>▶ Não deve ser o Rio das Conchas, que banha a cidade de Porto do Mangue, pois há um mapa em (Prevost, 1757) pg. 258, que mostra o <i>R. Warin</i> desembocando no oceano entre <i>Pointe du Miel</i> e a foz do <i>R. des Conchas</i>.</p> <p>Etimologia:</p> <p><i>R.</i> - abreviatura de rio, termo da língua portuguesa;</p> <p><i>Warrin</i> - termo com grafia estropiada, não identificado. Pela sonoridade, pode estar relacionado com <i>Wararugĩ</i>, <i>Wararugi</i>, <i>Warerugh</i>, <i>Guarerú</i>, <i>Guararuy</i>, nomes do rio Otschunog, o mesmo <i>Ociunon</i> ou <i>Ocyonon</i> associado por alguns autores ao Rio Açú. Pode ter sido um antigo braço do delta do rio Açú.</p>
Rio Grande		rio	<p>Nome atual: Rio Potengi.</p> <p>Dá o nome à Capitania, Prefeitura, Província e atualmente ao Estado do Rio Grande do Norte.</p> <p>No mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE, de Margrave, está assinalado na sua foz o porto "Potijj ou Rio grande".</p> <p>Etimologia:</p> <p><i>Rio Grande</i>: termo de origem portuguesa, significando um rio de grande volume de água.</p>

Salina Grande		salina	<p>Nome atual: ...</p> <p>Interpretamos este topônimo (termo no singular) como o de uma salina nas proximidades da cidade de Macau-RN, próxima ao litoral. Recebeu esse nome para diferenciá-la da Cleyne Salias e as das três <i>Soutpan</i> na região. Consideramos o topônimo Groote Salines (termo no plural) como o nome coletivo para essas salinas no delta do Rio Açu, também conhecido como Rio Piranhas (e com os nomes históricos: Rio de Salinas, R. das salinas, Caru-Bretuma, Uguassu).</p> <p>Macau-RN é o município maior produtor de sal marinho no Brasil, com muitas salinas.</p> <p>Vide mapa IBGE Geocódigo 2407203 MACAU disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/MACAU.pdf acesso em 14/4/2010.</p> <p>Etimologia:</p> <p><i>Salina</i> - termo de origem portuguesa, salina, local onde se produz sal (NaCl);</p> <p><i>Grande</i> - termo de origem portuguesa, significando grande, enorme.</p> <p>Ainda quanto ao Rio Açu:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ (Medeiros, 1998), pg. 63 associa o Rio Açu ao Wararugi, o Ociunon dos tapuias. ▶ Plínio Ayrosa, em (Margrave, 1648), no GLOSSÁRIO, pg. XCIX: <p>"WARERUGH - (Guarerú). <i>Guarerú</i>, segundo SAMPAIO, é o vaso da água, a vasilha, a tina para água. O topônimo, no entretanto, admite outras interpretações. MARCGRAVE dá este rio como o mesmo <i>Otschunog</i>. Graças aos informes de JOHANNES LAET, podemos verificar que, não só neste caso como em outros vários, os acidentes geográficos aparecem nas crônicas holandesas com dois nomes: um em língua geral ou tupi e outro em língua tapuia, embora com a mais desconcertante grafia. O rio <i>Otschunog</i> de MARCGRAVE é o mesmo <i>Ociunon</i> ou <i>Ocyonon</i> de LAET. Este mesmo autor grafa também <i>Wararugi</i>, evidentemente <i>Guararuy</i>".</p>
Soapary		baía	<p>Nome atual: Ponta do Calcanhar e enseada de Cajueiro, Touros-RN.</p> <p>Nome histórico: Ponta de Goapari, Goaripari ou Guaripari.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ (Sousa, 1587) pg.49-50 cita a Ponta de Goaripari. <p>Etimologia:</p> <p><i>Soapary</i> termo com escrita estropiada, originalmente <i>Goapary</i>, termo de origem tupi.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aceitando-se equivalência a <i>guapari</i>, que identifica uma árvore, isso nos remeteria à árvore <i>Guarapariba</i> descrita em (Margrave, 1648) pg. 108; - Aceitando-se equivalência a <i>guarapari</i>, segundo a Wikipédia, há duas interpretações: <i>guara-parim</i>, garça manca, ou <i>guara-pari</i>, <i>guará</i>, pássaro, e <i>pari</i>, armadilha, desta forma, armadilha de passaro. De http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarapari acesso em 15/04/2010.
Soutpan		salina	<p>Nome atual: possivelmente nas cercanias dos lugares denominados OFICINAS e GARCIA.</p> <p>É a <i>Soutpan</i>, das três no mapa, a situada mais ao sul, na margem esquerda do Rio Açu.</p> <p>Vide mapa IBGE Geocódigo 2402501 CARNAUBAIS-RN, disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/CARNAUBAIS.pdf acesso em 14/4/2010.</p> <p>Etimologia:</p> <p><i>soutpan</i> - termo de origem neerlandesa, significando salina, local onde se produz sal (NaCl).</p>

Soutpan		salina	<p>Nome atual: possivelmente a Salina Diamante Branco É a <i>Soutpan</i>, das três no mapa, a situada mais a oriente, na cabeceira do Rio Galinhos, reconhecido por ser o rio mais próximo ao litoral e que corre para oeste. Vide mapa IBGE Geocódigo 2404101 MACAU-RN, disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/MACAU.pdf acesso em 14/4/2010. Etimologia: <i>soutpan</i> - termo de origem neerlandesa, significando salina, local onde se produz sal (NaCl).</p>
Soutpan		salina	<p>Nome atual: possivelmente na área da salina Esperança, entre o RIO DO CIFRÃO e o braço oeste do RIO AÇU. É a <i>Soutpan</i>, das três no mapa, a situada na margem direita do Rio Açú. Vide mapa IBGE Geocódigo 2402501 CARNAUBAIS-RN, disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/MME2007/RN/CARNAUBAIS.pdf acesso em 14/4/2010. Etimologia: <i>soutpan</i> - termo de origem neerlandesa, significando salina, local onde se produz sal (NaCl).</p>

ANEXO 3 - ONDE VER E OBTER IMAGENS DOS MAPAS DE JORGE MARGRAVE

ANEXO 3 - ONDE VER E OBTER IMAGENS dos mapas de JORGE MARGRAVE:

Fontes de mapas BRA, SER, PE-M, PE-IT e PB-RG

- 1) As edições do livro de Gaspar Barleus (Caspar van Baerle ou Barlaeus.), *História dos feitos recentemente praticados nos últimos oito anos no Brasil* (*Rerum per octennium in Brasilia . . . historia*), constituem a fonte mais difundida dos mapas das Prefeituras.
- Versões originais desse livro (em latim), imagens e mapas coloridos:
 - Biblioteca do Instituto Ricardo Brennand - IRB, em Recife-PE, em vários formatos, inclusive versões de bolso. Esta possivelmente é a biblioteca brasileira mais rica em exemplares originais desse livro no Brasil. Visite o IRB em <http://www.institutoricardobrennand.org.br/index2.html>
 - Biblioteca Nacional (Brasil), no Rio de Janeiro. A BN disponibiliza na web a imagem desse livro em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/barleus/index.htm ;
 - Versões traduzidas para o português, imagens em preto e branco:
 - A primeira edição foi a de 1940, tradução do prof. Claudio Brandão, editada pelo Ministério da Educação, Rio de Janeiro-RJ, em formato 26 cm por 39 cm;
 - e-book desta edição disponível em http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/03973800/039738_COMPLETO.pdf
 - Há varias reedições desse livro, em vários formatos, normalmente disponíveis na maioria das bibliotecas.

2) Na web:

<i>Tabela de sites que publicam imagens com qualidade ou resolução média</i>			
MAPA	COR	SITE	ACESSO
BRA	sépia	http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200175f	7/4/2010
PB-RG	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:NESA01:L08-0600	7/4/2010
PB-RG	sépia	http://purl.pt/4067/1/	7/4/2010
PB-RG	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:KONB01:1049B13_097	7/4/2010
PB-RG	colorido +detalhes	http://picasaweb.google.com/myoldmaps/PraefecturaeDeParaibaEtRioGrande1665JohannesBlaeu#	7/4/2010
PB-RG	colorido	http://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/detail/JCB~1~1~552~230072:Praefecturae-de-Paraiba,-et-Rio-Gra?sort=IMAGE_DATE%2Csubject_groups&qvq=q:rio+grande:sort:IMAGE_DATE,subject_groups;lc:JCB~1~1&mi=5&trs=33	8/4/2010
PB-RG	colorido	http://www.memoriachilena.cl//temas/documento_detalle.asp?id=MC0033166	8/4/2010
PB-RG	preto & branco	http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/02460006/002460_IMAGEM_006.jpg	8/4/2010
PE-IT	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:NESA01:L08-0580	7/4/2010
PE-IT	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:KONB01:1049B13_095	7/4/2010
PE-IT	colorido +detalhes	http://picasaweb.google.com/myoldmaps/PraefecturaeParanambucaeParsBorealisUnaCumPraefecturaDeltamaraca1665JohannesBlaeu#	7/4/2010
PE-IT	colorido	http://www.memoriachilena.cl//temas/documento_detalle.asp?id=MC0033164	8/4/2010
PE-IT	sépia	http://purl.pt/4068/1/	7/4/2010
PE-IT	colorido	http://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/detail/JCB~1~1~550~230070:Praefecturae-Paranambucae-Pars-Bore?sort=IMAGE_DATE%2Csubject_groups&qvq=q:praefectura:sort:IMAGE_DATE,subject_groups;lc:JCB~1~1&mi=0&trs=1	8/4/2010
PE-IT	preto & branco	http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/02460005/002460_IMAGEM_005.jpg	8/4/2010
PE-M	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:NESA01:L08-0590	7/4/2010
PE-M	sépia	http://purl.pt/4069/2/	7/4/2010
PE-M	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:KONB01:1049B13_096	7/4/2010
PE-M	colorido +detalhes	http://picasaweb.google.com/myoldmaps/PraefecturaeParanambucaeParsMeridionalis1642JohannesBlaeu#	7/4/2010
PE-M	colorido	http://www.memoriachilena.cl//temas/documento_detalle.asp?id=MC0033165	8/4/2010
PE-M	colorido	http://www.lunacommons.org/luna/servlet/detail/JCB~1~1~551~230071:Praefecturae-paranambucae-pars-meri?qvq=q:praefecturae;lc:AMICO~1~1,BardBar~1~1,ChineseArt-ENG~1~1,CORNELL~3~1,CORNELL~9~1,ESTATE~2~1,FBC~100~1,HOOVER~1~1,JCB~1~1,LTUHSS~20~20,MOAC~100~1,PRATTPT~12~12,PRATTPT~13~13,PRATTPT~21~21,PRATTPT~9~9,RUMSEY~8~1,RUMSEY~9~1,Stanford~6~1&mi=3&trs=4	8/4/2010

<i>Tabela de sites que publicam imagens com qualidade ou resolução média</i>			
MAPA	COR	SITE	ACESSO
PE-M	preto & branco	http://www.lunacommons.org/luna/servlet/detail/JCB~1~1~446~190001:Præfecturae-paranambucaae-pars-meri?qvq=q:praefecturae:lc:AMICO~1~1,BardBar~1~1,ChineseArt-ENG~1~1,CORNELL~3~1,CORNELL~9~1,ESTATE~2~1,FBC~100~1,HOOVER~1~1,JCB~1~1,LTUHSS~20~20,MOAC~100~1,PRATTPRT~12~12,PRATTPRT~13~13,PRATTPRT~21~21,PRATTPRT~9~9,RUMSEY~8~1,RUMSEY~9~1,Stanford~6~1&mi=2&trs=4	8/4/2010
PE-M	preto & branco	http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/02460004/002460_IMA_GEM_004.jpg	8/4/2010
SER	sépie	http://purl.pt/4070/2/	7/4/2010
SER	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:KONB01:1049B13_094	7/4/2010
SER	colorido	http://resolver.kb.nl/resolve?urn=urn:gvn:NESA01:L08-0570	7/4/2010
SER	colorido +detalhes	http://picasaweb.google.com/myoldmaps/PrFecturaDeCirLVelSeregippeDelReyCumItPuMaJohannesBlaeu1663#	7/4/2010
SER	Preto & branco	http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/02460003/002460_IMA_GEM_003.jpg	8/4/2010
SER	colorido	http://www.memoriachilena.cl//temas/documento_detalle.asp?id=MC0033163	8/4/2010

ANEXO 4 - GLOSSÁRIO

ANEXO 4 - GLOSSÁRIO	
Sigla	Descrição
BQPPB	<p>BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS; * Formato: mapa mural, mapa de parede, <i>wandekaart, tableau</i>; * <i>tableau</i> colorido (conhecido apenas um exemplar do século XVII ainda não colorido); * Contem explanações técnicas, legenda, dedicatórias, e vinhetas de Frans Post, e dois mapas, o BRASILIA e o MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ; * Mapa de grandes dimensões: <ul style="list-style-type: none"> □ Klencke (British Museum): 1,7 m altura por 2 m largura; □ Blaeu: 163,7 cm largura por 102,0 cm altura, ou 148,8 cm de altura incluindo o texto sobre o Brasil. * Fonte para os mapas SE, PE-M, PE-IT e PB-RG, os quais são recortes ou secções deste mapa; * Edições: <p>Gonsalves de Mello (Cartografia Holandesa do Recife, PHNG/IPHAN/MEC, Recife, 1982, pg. 21) nos informa: <i>"Foi publicada pela primeira vez em Amsterdam por Joan Blaeu em 1647; reeditado naquela cidade por Huych Allard em 1659, e por Clement de Jonghe em 1664. Em 1923 a casa editora da Haia, Martinus Nijhoff, reeditou-o, quer em folhas soltas quer coladas em linho, formando tableau."</i> A edição de 1923 tinha exemplares coloridos e em preto e branco.</p> * Edição brasileira, em preto e branco: <p>BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS, organização de Leonardo Dantas Silva., apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Editora Nega Fulô, 1978. Reprodução fac-similar in folio das ilustrações publicadas em 1923 pela casa editora da Haia, Martinus Nijhoff.</p>
BRA	<p>BRASILIA</p> <ul style="list-style-type: none"> * É o mapa principal do BQPPB; * O BRASILIA é o mapa principal, em menor escala, representando o Brasil Holandês, de forma contínua o território, do rio Vaza Barris, em Sergipe del Rei, ao rio Ceará Mirim, no Rio Grande; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada.
MBU	<p>MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ</p> <ul style="list-style-type: none"> * É o mapa em maior escala, mostrando o território do Brasil entre <i>S. Sebastian</i> (Fortaleza de São Sebastião, às margens do rio Ceará, em Fortaleza-CE) e o <i>R. de S Francisco</i> (rio de São Francisco, foz na Baía de São Francisco ou Babitonga, em São Francisco do Sul- SC) e escala de 1 : 16.000.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Está no canto inferior esquerdo do BQPPB.
SE	<p>SERGIPE</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: PRÆFECTURA DE CIRÏÏÏI vel SEREGIPE DEL REY cum Itâpuáma; * Formato: prancha; * Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BB acima): base 53 cm, altura 41 cm; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Mapa da CAPITANIA DE ÇÏRÏÏÏ (Sergipe), com versões coloridas ou não; * Limites desse mapa: <ul style="list-style-type: none"> □ Sul: rio <i>Potiîpeba</i> ou <i>Rio de Vasarbarries</i> (rio Vaza Barris); □ Norte: rio <i>Parapîtinga</i> ou <i>Rio de S.Francifco</i> (rio São Francisco); * Disponível em versões coloridas ou não; * Título e escala na base direita, em latim; * Decorado no topo com a vinheta da tiara com frutos do Brasil, no centro com a vinheta com três animais (onça, capivara e tapir), e, no oceano, navios a vela, dois deles engajados numa batalha, e um barco a remo; * Publicado no livro de Gaspar Barleus (Caspar van Baerle ou Barlaeus.), <i>História dos feitos recentemente praticados nos últimos oito anos no Brasil</i> (<i>Rerum per octennium in Brasilia . . . historia</i>), primeira edição em 1647, e em todas edições subsequentes, inclusive suas edições brasileiras; * Edições posteriores: inserido no <i>Atlas Maior</i>, de Joan Blaeu, de 1665, e outros; * Publicado no Brasil, juntamente com os outros três mapas das Prefeituras (Pernambuco Meridional, Pernambuco Boreal com Itamaracá, Paraíba com Rio Grande) no Recife, <i>in carta</i>, na pasta: <p><i>O Brasil que Nassau conheceu</i>. Organização de Leonardo Dantas Silva., apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: SEC, Departamento de Cultura, 1979. (Coleção pernambucana; 1a fase, v. 20). Reprodução fac-similar in folio das ilustrações da 1. ed. da obra de Gaspar Barlaeus, impressa em Amsterdã (1647), 58 gravuras, 27 assinadas por Frans Post (1612-1680) e 15 datadas de 1645.</p>

ANEXO 4 - GLOSSÁRIO	
Sigla	Descrição
PE-M	<p>PERNAMBUCO MERIDIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS; * Formato prancha; * Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BB acima): base 43 cm, altura 41 cm; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Mapa do sul da CAPITANIA DE PARANAMBUCÆ, hoje Estado de Alagoas; * Disponível em versões coloridas ou não; * Limites desse mapa: <ul style="list-style-type: none"> ▫ Sul: rio <i>Parapitanga</i> ou <i>Rio de S. Francisco</i> (rio São Francisco), que é o limite entre as Capitânicas de Pernambuco e a de Sergipe del Rei; ▫ Norte: rio <i>Guaraíguaçú</i> ou <i>R. d S. Ant. Grande</i> (rio Santo Antônio Grande); * Título e escala no topo direito, em latim; * Decorado com a parte esquerda da vinheta da cena de pesca com rede, e, no oceano, navios a vela, uma baleia e um barco a remo; * Publicações: idem SE acima.
PE-IT	<p>PERNAMBUCO BOREAL E ITAMARACÁ</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÁ; * Formato prancha; * Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BB acima): base 53 cm, altura 41 cm; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Disponível em versões coloridas ou não; * Mapa do norte da CAPITANIA DE PARANAMBUCA e da CAPITANIA DE ITÂMARACÁ, território hoje pertencente ao norte do Estado de Alagoas e ao Estado de Pernambuco. O limite atual entre esses Estados é no rio <i>Piráçununga</i> (hoje, rio Persinunga). A Capitania de Itamaracá foi absorvida pelo Estado de Pernambuco. * Limites nesse mapa: <ul style="list-style-type: none"> ▫ A CAPITANIA DE PARANAMBUCA: <ul style="list-style-type: none"> ▫ Sul: rio <i>Guaraíguaçú</i> ou <i>R. d S. Ant. Grande</i> (rio Santo Antônio Grande); ▫ Norte: <i>Zuyder gadt</i> (Canal de Santa Cruz) e a linha <i>Os marcos</i> (na parte leste desta linha demarcatória estava chantado um marco de pedra, que hoje está no IHGPE - Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, no Recife.). ▫ A CAPITANIA DE ITÂMARACÁ: <ul style="list-style-type: none"> ▫ Sul: <i>Zuyder gadt</i> (Canal de Santa Cruz) e a linha <i>Os marcos</i> (já comentada). ▫ Norte: linha <i>Os marcos</i> (linha demarcatória cujo marco leste fica na foz do rio <i>Capiibárimirĩ</i> (rio Goiana) e o marco oeste ao sul do rio <i>Cupecura</i> (atual rio Cupissura). * Título e escala no topo esquerdo, em latim; * Na base, a NOTULARUM EXPLICATIO, nota explicativa ou quadro de legendas, com a convenção para os símbolos e entes geográficos desenhados no mapa, redigida em latim e português; * O oceano está decorado com barcos a vela e a vinheta da cena do primeiro combate da batalha naval Oquendo vs Pater, em 12/01/1640; * No topo, está decorado com a vinheta do engenho de açúcar com roda d'água, parte direita, quase completa; * Decorado com os brasões das capitânicas PERNAMBUCA e I. TAMARICA; * Publicações: idem SE acima.

ANEXO 4 - GLOSSÁRIO	
Sigla	Descrição
PB-RG	<p>PARAÍBA E RIO GRANDE</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE; * Formato prancha; * Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BB acima): base 53 cm, altura 41 cm; * Escala de 1 : 2.600.000 (± 100.000) - edição brasileira acima citada. * Disponível em versões coloridas ou não; * Mapa da CAPITANIA DE PARAIBA, hoje Estado da Paraíba, e da CAPITANIA DE RIO GRANDE, atual Estado do Rio Grande do Norte * Com versões coloridas ou não; * Limites nesse mapa: <ul style="list-style-type: none"> □ A CAPITANIA DE PARAIBA: <ul style="list-style-type: none"> ▣ Sul: linha <i>Os marcos</i> (linha demarcatória cujo marco leste fica na foz do rio <i>Capibárimirĩ</i> (rio Goiana) e o marco oeste ao sul do rio <i>Cupecura</i> (atual rio Cupissura); ▣ Norte: <i>Os marcos</i>, linha demarcatória cujo marco leste fica nas cercanias das lagoas <i>Vpabuna</i> (uma dessas lagoas hoje é denominada Lagoa das Negras e a praia se chama Praia da Pavuna) e o marco oeste está, ou estava, na região atualmente conhecida como "Os Marcos", próximo às margens do rio <i>Guaicĩ</i> (localmente chamado de Rio da Canoa, efetivamente é o alto curso do rio Guajú, da nascente até receber o rio <i>Íriuna</i> (hoje, rio da Volta); □ A CAPITANIA DE RIO GRANDE: <ul style="list-style-type: none"> ▣ Sul: a linha <i>Os marcos</i>, acima comentada; ▣ Norte: o rio <i>Ciaramirĩ</i> (rio Ceará Mirim); * Título e escala na base direita; * O oceano está decorado três cenas do segundo ao quarto embates da batalha naval Oquendo vs Pater, respectivamente ocorridos em 13/01/1640, 14/01/1640 e 17/01/1640; * Vinhetas: <ul style="list-style-type: none"> ▣ Topo direito, fração direita da cena do engenho de açúcar; ▣ Topo esquerdo, a cena da vila com igreja e tropa composta de neerlandeses e brasileiros em marcha, bandeira desfraldada. * Decorado com os brasões da PARAIBA e RIO GRANDE; * Publicações: idem SE acima.

ANEXO 5 - IMAGENS DOS MAPAS

PB-RG	PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE
PE-IT	PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÂ
PE-M	PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS
SE	PRÆFECTURA DE CIRÎÏÏI vel SEREGIPE DEL REY cum Itâpuáma



Imagem 20 - Mapa PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE (PB-RG).



Imagem 21 - Mapa PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÂ (PE-IT).



Imagem 22 - Mapa PRÆFECTURA PARANAMBUCAE PARS MERIDIONALIS (PE-M).



Imagem 23 - Mapa PRÆFECTURA DE CIRÍI vel SEREGIPE DEL REY cum Itâpuâma (SE).

ANEXO 6 - BIBLIOGRAFIA

Bibliografia:

(Antonil, 1711)

Antonil, André João - CULTURA E OPULÊNCIA DO BRASIL POR SUAS DROGAS E MINAS, Introdução e Notas por André Mansuy Diniz Silva, EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil, 2007.

(Barbosa, 2000)

Barbosa, José Elias Borges; AS NAÇÕES INDÍGENAS DA PARAÍBA, in Anais do Ciclo de Debates sobre a Paraíba na Participação dos 500 anos de Brasil, IHGP, Secretaria de Educação e Cultura do Estado, João Pessoa-PB, 2000.

Disponível em

<http://ihgp.net/pb500i.htm>

acesso em 20/04/2010.

(Câmara Cascudo, 1947)

Câmara Cascudo, Luís da - HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, UFRN/INL/MEC, Civilização Brasileira, 2ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1980.

(Câmara Cascudo, 1955)

Câmara Cascudo, Luís da - HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE, Fundação José Augusto, Natal-RN, Achiamé-2ª Edição, 1984.

(Câmara Cascudo, 1956)

Câmara Cascudo, Luís da - GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDES, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro-RJ, 1ª Edição, 1956.

(Câmara Cascudo, 1968)

Câmara Cascudo, Luís da - NOMES DA TERRA, Fundação José Augusto, Natal-RN, 1ª Edição, 1968.

(Dussen, 1640)

DUSSEN, Adriaen Van der - RELATÓRIO SOBRE O ESTADO DAS CAPITANIAS CONQUISTADAS NO BRASIL, REDIGIDO PELO SENHOR ADRIAEN VAN DER DUSSEN, DATADO DE 10 DE DEZEMBRO DE 1639 E APRESENTADO AO CONSELHO DOS XIX NA CÂMARA DE AMSTERDAM EM 4 DE ABRIL DE 1640, in Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, 1981, DOCUMENTO 6.

(Emerenciano, et alii, 2007)

Emerenciano, João Gothardo Dantas, et alii - NATAL NÃO-HÁ-TAL: ASPECTOS DA HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, Prefeitura Municipal de Natal, Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007.

e-book disponível em

http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/NATAL_NAO_HA_TAL.pdf

acesso em 14/4/2010.

(Galvão, 1977)

Galvão, Hélio - HISTÓRIA DA FORTALEZA DA BARRA DO RIO GRANDE, MEC/CFC, Rio de Janeiro - RJ, Brasil, 2ª edição, 1979.

(Gonsalves de Mello, 1976)

Gonsalves de Mello, José Antônio - A CARTOGRAFIA HOLANDESA DO RECIFE, Parque Histórico nacional dos Guararapes, IPHAN/MEC, Recife-PE, 1976.

(Hamel; Bullestrate; Bas - 1646)

HAMEL, H.; BULLESTRATE, Adriaen Van; BAS, P. Jansen - RELATÓRIO APRESENTADO POR ESCRITO AOS NOBRES E PODEROSOS SENHORES DEPUTADOS DO CONSELHO DOS XIX, E ENTREGUE PELOS SENHORES H. HAMEL, ADRIAEN VAN BULLESTRATE E P. JANSEN BAS, SOBRE A SITUAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DOS REFERIDOS PAÍSES, TAL COMO SE ENCONTRAVAM AO TEMPO DE SEU GOVERNO E DE SUA PARTIDA DALI, em 20 DE AGOSTO DE 1646, in Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDES, vol. 2 - A ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, 1985, DOCUMENTO 5.

(Herckmans, 1639)

Herckmans, Elias - DESCRIÇÃO GERAL DA CAPITANIA DA PARAIBA, Prefeitura de Santa Rita, Santa Rita-PB, Brasil, 1982.

(Laet, 1637)

Laet, João de *Roteiro de um Brasil desconhecido - Descrição das costas do Brasil - Manuscrito da John Carter Brown Library, transcrito, traduzido e anotado por B. N. TEENSMA, Kapa Editorial, 2007.

(Lopes, 1999)

Lopes, Fátima Martins - MISSÕES RELIGIOSAS: ÍNDIOS, COLONOS E MISSIONÁRIOS NA COLONIZAÇÃO DA CAPITANIA DO RIO GRANDE DO NORTE, dissertação de mestrado, UFPE, Recife-PE, 1999.

(Margrave, 1640)

Margrave, Jorge - ITINERARIO, in Câmara Cascudo, Luís da - GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDES, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro-RJ, 1ª Edição, 1956, pg. 199-204, nas ADENDAS, fonte primária - Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, n.º 31, p. 311, Recife 1886.

Nota: o texto é de um manuscrito cuja autoria é atribuída a Margrave pelo prof. Teensma, B. N. .

(Margrave, 1648)

Margrave, Jorge - HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL, Tradução do Mons. Dr. José Procópio de Magalhães, Museu Paulista, São Paulo-SP, 1942.

(Margrave, 1648 BQPPB)

BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS, organização de Leonardo Dantas Silva., apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Editora Nega Fulô, 1978. Reprodução fac-similar in folio das ilustrações publicadas em 1923 pela casa editora da Haia, Martinus Nijhoff.

(Medeiros, 1989)

Medeiros Filho, Olavo de - NO RASTRO DOS FLAMENGOS, Fundação José Augusto, Natal-RN, Brasil, 1989.

(Medeiros, 1997)

Medeiros Filho, Olavo de - ACONTECEU NA CAPITANIA DO RIO GRANDE, IHGRN, Depto. Estadual de Imprensa, Natal-RN, Brasil, 1997.

(Medeiros, 1998)

Medeiros Filho, Olavo de - OS HOLANDESES NA CAPITANIA DO RIO GRANDE, IHGRN, Depto. Estadual de Imprensa, Natal-RN, Brasil, 1998.

(Moreno, 1612)

Moreno, Diogo de Campos - LIVRO QUE DÁ RAZÃO DO ESTADO DO BRASIL, com mapas de João Teixeira Albernaz, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1968.

(Nassau-Siegen; Dussen; Keullen - 1638)

NASSAU-SIEGEN, J. Maurice; DUSSEN, Adriaen Van der; KEULLEN, Mathijs Van - BREVE DISCURSO SOBRE O ESTADO DAS QUATRO CAPITANIAS CONQUISTADAS NO BRAZIL, PELOS HOLANDESES, 14 DE JANEIRO DE 1638, in Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, 1981, DOCUMENTO 5.

(Pereira da Costa, 1951)

Pereira da Costa, Francisco Augusto - ANAIS PERNAMBUCANOS, 10 Volumes, Estudo Introdutório de José Antônio Gonsalves de Mello, Recife, FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais, Fac-símile da edição de 1951 do Arquivo Público Estadual, 1983.

(Pereira & Spencer, 2008)

Pereira, Levy e Spencer, Walner Barros - MARGRAVE - TRILHAS E CAMINHOS DO RIO GRANDE, in ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL, Mneme – Revista de Humanidades, UFRN, Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out, 2008, ISSN 1518-3394.

Disponível em

http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pd_st14/spencer_st14.pdf

acesso em 20/04/2010

(Prevost, 1757)

Histoire Générale des Voyages, ou, Nouvelle Collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre, ... ", Tome Quatorzieme, A Paris, Chez Didot, Librairie, Quai des Augustins, à la Bible d'or, M. DCC. LVII.

Disponível em

http://books.google.com.br/books/download/Histoire_g_n_rale_des_voyages_ou_Nouv.pdf?id=rK_oBAAAAAAAJ&output=pdf&sig=ACfU3U2aQncmU7dBQF_A7xHKaegEhoyCzA&source=gbs_v2_summary_r&cad=0

acesso em 20/04/2010

ou em

http://books.google.com.br/books/download/Histoire_g_n_rale_des_voyages.pdf?id=egQPAAAAQAAJ&output=pdf&sig=ACfU3U3RVTLO5UCLjoOJSWqh4EYK_ZE_6w&source=gbs_v2_summary_r&cad=0

acesso em 15/04/2010.

(Sousa, 1587)

Sousa, Gabriel Soares de - TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL em 1587, 5ª edição comemorativa dos quatrocentos anos da obra, Companhia Editora Nacional, São Paulo-SP, Brasil, 1987.

(Southey, 1810)

SOUTHEY, Robert, HISTORIA DO BRASIL, 3ª edição brasileira, traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, anotada por C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo, 2º volume, Editora Obelisco, São Paulo, 1965.

(Whitehead, 1987)

Whitehead, Peter J. - THE MARCGRAF MAP OF BRAZIL (O Mapa do Brasil de Marcgraf), in The Map Collector journal, 1 de junho de 1987, pg. 17-20, tradução de Levy Pereira.

ANEXO 7- O MAPA DO BRASIL DE MARCGRAF

Peter J. Whitehead

Tradução de Levy Pereira.

Whitehead, Peter J., The Marcgraf Map of Brazil (O Mapa do Brasil de Marcgraf), in The Map Collector journal, 1 de junho de 1987, pg. 17-20, tradução de Levy Pereira.

Onde encontrar o artigo original na internet:

o artigo original, em inglês, está disponível em

<http://www.kunstpedia.com/PDFArticles/The%20Marcgraf%20Map%20of%20Brazil.pdf>

acesso em 31/03/2010.



O conde Johan Maurits de Nassau-Siegen foi o Governador-Geral da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil de 1637 a 1644. Ele contratou Georg Marcgraf para a equipe que documentava a nova terra. Este retrato de Maurits a óleo é de autoria de Jan de Baen.

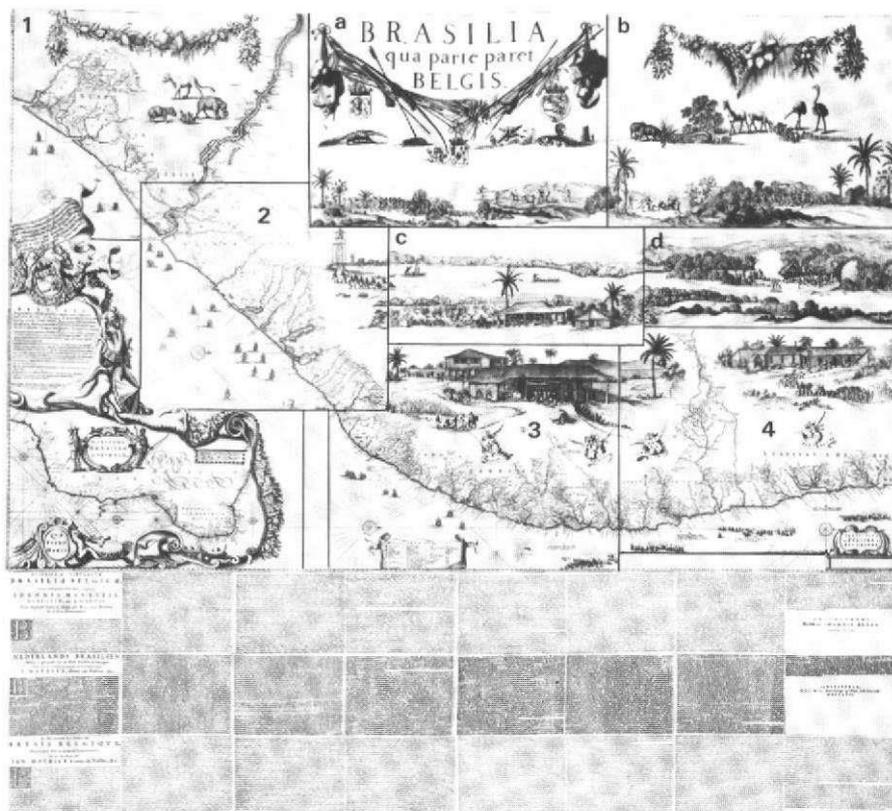
O Mapa do Brasil de Marcgraf⁽¹⁾

por Peter J. Whitehead

O Dr Whitehead é um Consultor Científico (Principal Scientific Officer) no Departamento de Zoologia do Museu Britânico (História Natural), especializado em taxonomia de peixes da família das sardinhas. Há muitos anos ele tem um interesse profundo no período do Brasil Holandês e tem publicado vários artigos a respeito desse assunto. Seu livro sobre o Brasil Holandês, em parceria com o ictiologista Martin Boeseman de Leiden, publicado recentemente, explora o registro das pinturas deste episódio da história colonial holandesa. Aqui ele examina o famoso mapa-mural do Brasil do atlas Klenck.

UM DOS grandes tesouros da coleção de mapas da Biblioteca Britânica é o enorme Atlas Klenck, com 1,7 metros de altura e abrindo para uma envergadura de quase 2 metros (5½ ft x 6½ ft), tão grande que de fato ele está numa caixa de vidro especial e precisa ser conduzido num carrinho para a Sala de Consulta (Students Room) da Biblioteca de Mapas. Ele foi presenteado a Charles II na sua ascensão ao trono em 1660 por um grupo de mercadores de Amsterdã liderados por Johannes Klenck (ou Klencke), Professor de Filosofia na Universidade. O Atlas Klenck é também notável porque ele inclui uma das somente quatro cópias conhecidas do famoso mapa mural do Brasil publicado por Joan Blaeu em 1647. Ainda que partes deste mapa tenha sido publicado na forma de livro nesse mesmo ano, e o mapa completo foi mais tarde copiado duas vezes, é a versão de Blaeu original que é a mais célebre. Não somente ele é um dos mais elegantes mapas holandeses daquele período, mas também se manteve por mais de um século o melhor guia do nordeste do Brasil.

Este mapa pode ser chamado de 'mapa de Marcgraf' por ter sido seu autor, Georg Marcgraf (1610-43), um jovem proto-naturalista alemão de Liebstadt, próximo a Dresden, o qual estava servindo como cartógrafo, astrônomo, zoólogo e botânico ao Conde Johan Maurits de Nassau-Siegen, Governador-Geral de 1637 a 1644 da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. A autoria de Marcgraf parece não ter sido registrada nos documentos Companhia das Índias Ocidentais, exceto em ocasionais declarações de que ele estava ocupado com trabalho cartográfico, mas esta é atestada no próprio mapa no texto onde se lê: *Quam proprijs observationibus ac dimensionibus, diuturna peregrinationi ase habitis, fundamentalitur superstruabat & delineabat Georgius Marggraphius Germanus, Anno Christi 1643.* Marcgraf foi um da equipe de cientistas, artistas, artesões e outros trazidos ao Brasil por Johan Maurits para explorar e registrar todos os detalhes da nova terra. Ele tinha sido um estudioso errante, visitando dez universidades diferentes em cerca de uma década, estudando medicina, matemática,



Joan Blaeu produziu sua edição na forma de quadro de parede do mapa de Marcgraf em 1647. Esta ilustração está marcada para mostrar como as nove áreas irregulares que formam o mapa foram dispostas. Allard em 1659 e de Jonghe em 1664 racionalizaram essas áreas em nove retângulos aproximadamente iguais. (Por cortesia da Biblioteca Britânica).

astronomia e botânica, mas aparentemente nunca formalmente estudou cartografia. É curioso, assim, que Marcgraf tenha sido escolhido para tão vasto projeto quando o bem conhecido cartógrafo Cornelis Golijath, um dos melhores desenhistas de mapas holandeses, estava empregado em 1638-41 para fazer o mapa geral do território neerlandês no Brasil. O mapa de Golijath nunca de fato foi publicado e é somente conhecido por via de duas cópias manuscritas feitas por Johannes Vingboons (filho de Philips Vingboons, autor do *Brasylsche Paskaert* de 1637). Uma cópia está no Atlas H. G. Bom no Instituto Arqueológico Pernambucano em Recife, enquanto que a outra está no volume 2 do Atlas Vingboons na Biblioteca Apostólica Vaticana em Rome. Em geral, o mapa Marcgraf é superior em indicações cartográficas, enquanto que o mapa Golijath/Vingboons é mais rico em nomes de lugares, e em outros detalhes. Isto parece indicar que os dois não compartilhavam suas informações. Certamente, Golijath deixou o Brasil em 1641 para assistir à coroação de João IV de Portugal (o que poderia ter dado a Marcgraf a oportunidade de substituí-lo), mas seu mapa de 1648 da área do Recife tem informação atualizada suficiente para se suspeitar que Golijath tenha retornado.^(II) Apesar de todas essas circunstâncias, o mapa de Blaeu recebeu o nome de Marcgraf e não faz menção a Golijath. Seria muito interessante descobrir a verdadeira relação entre os trabalhos desses dois homens, porém, em qualquer caso, é claro que Marcgraf não era plagiador.

O mapa de Marcgraf tem muito mais atrativos, todavia, além de sua informação cartográfica. Aquele foi um grande período para os mapas murais neerlandeses, peças elegantes para serem penduradas nos lares da burguesia, como vistos nos interiores dessas casas nos quadros de Vermeer e outros.¹ Tais mapas requeriam vinhetas, molduras decorativas, textos informativos, de fato todos aqueles elementos narrativos que podiam transformar a cartografia especializada em geografia popular. O mapa de Marcgraf não é exceção. Todo espaço disponível está preenchido com aspectos do cotidiano brasileiro. Eles mostram pequenas cenas características dos quatro grupos de habitantes - os europeus como colonizadores e senhores de terras, os negros como escravos na indústria do açúcar, os 'selvagens' Tupiás (corretamente Tarairius) com uma reputação de comerem seus inimigos, e os mais 'civilizados' Tupinambás estabelecidos em aldeias ou vilas sob supervisão neerlandesa^(III). Combinado com este programa etnográfico, há cenas da atividade econômica (um engenho de açúcar, uma casa de farinha de mandioca, pesca com rede de arrasto), animais típicos do Brasil (tamanduá, gambá, jiboia, etc.), e em uma tiara sob o principal título *BRASILIA qua parte paret BELGIS* alguns exemplares de armas indígenas e instrumentos musicais. De

fato, as vinhetas dominam tanto o mapa que a linha da costa com seus rios e nomes de localidades parecem ser de importância secundária.

As ilustrações nos primeiros mapas, e especialmente aqueles dedicados a mostrar povos nativos e seu modo de vida, estão quase sempre vários passos além da realidade, sendo idealizados de esboços pouco elaborados ou meramente adaptados de gravuras prévias. Aquelas no mapa de Marcgraf são de uma classe bem diferente. Elas foram desenhadas pelo artista holandês Frans Post (1612-80) de Haarlem, um dos mais talentosos artistas empregados no Brasil por Johan Maurits e um homem com uma quase fanática preocupação com o detalhe, como pode ser visto em muitas pinturas subsequentes que ele produziu de rascunhos trazidos de volta à Europa em 1644. Além do mais, as vinhetas não mostram episódios famosos, batalhas heroicas, 'tipos' nativos parecendo como Europeus usando penas e contas, ou animais míticos: elas ilustram a vida colonial do dia a dia. Do lado de fora do engenho de açúcar, negros tocam música e dançam, enquanto que o dono do engenho usando um chapéu de abas largas inclina-se na sacada de seu balcão, aparentemente conversando com outro montado a cavalo. Cada detalhe operacional do engenho e das casas de farinha estão cuidadosamente detalhados, de tal forma que estes poderiam provavelmente serem reconstruídos a partir desses desenhos. De excepcional interesse são as cenas dos Índios Tapuias, dançando, bebendo, caçando 'avestruzes' (presumivelmente emas), e em uma vinheta, batendo com tacapes, desmembrando e assando seus inimigos. Frans Post testemunhou tal canibalismo? Somente duas vezes os Tapuias são mostrados em suas pinturas, assim, estas vinhetas podem ser um muito precioso suplemento à documentação de Post do Brasil. Tomadas como um todo, as vinhetas provavelmente oferecem uma visão mais realística da vida numa terra exótica do que aquelas de qualquer outro mapa do período.

Ainda outro aspecto de grande interesse nesse mapa do Brasil é sua história de impressão. Ele primeiro apareceu como quatro folhas no *Rerum per octennium in Brasilia . . . historia*, o panegírico publicado em 1647 (no mesmo ano que o mapa de Blaeu) por Caspar van Baerle ou Barlaeus sobre os oito anos que Johan Maurits foi Governador-Geral do Brasil Holandês. Estes mapas mostravam sucessivamente as costas das capitanias de Sergipe, Pernambuco Meridional,

Pernambuco Boreal com Itamaracá, e Paraíba com o Rio Grande. Os últimos dois mapas incluíam as vinhetas do engenho de açúcar e da vila Tupinambá^(IV), mas as quatro vinhetas da parte de cima (a, b, c, d. Veja a ilustração) não foram usadas (exceto por uma parte da cena de pescaria com rede no segundo mapa). As ilustrações restantes no Barlaeus foram gravadas de desenhos a tinta e aquarelas por Frans Post, as quais estão agora num volume no Departamento de Impressos e Desenhos no Museu Britânico (desenhos No 197* a2; 31 e um não utilizado). Desafortunadamente, os desenhos originais para as quatro vinhetas desse mapa não são conhecidos. Possivelmente eles permaneceram com Blaeu, juntos com o desenho original para o mapa, e poderiam, assim, terem sido perdidos no incêndio nas instalações da editora Blaeu em 1672. O que pode ser parte de um desenho primitivo do mapa, ou talvez uma cópia, está no Algemeen Rijksarchief em The Hague. Ele não se conforma às divisões de Barlaeus, sobrepondo partes do primeiro e segundo mapas, mas contém a mesma explanação e atribuição a Marcgraf (aqui latinizado como Marggrafius, não Marggraphius).

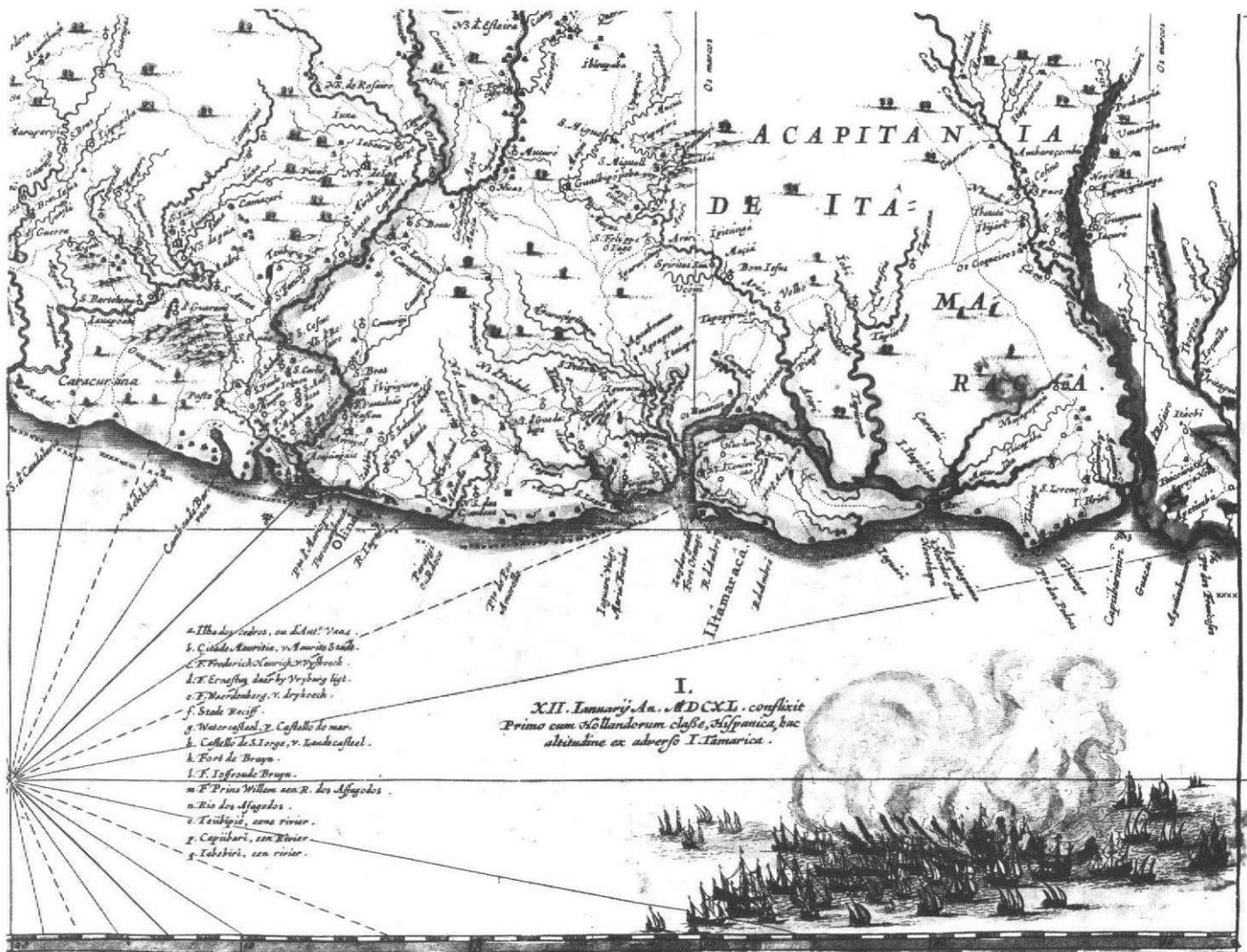
Os quatro mapas Barlaeus eram de dimensões diferentes e não incluíam as quatro vinhetas e título (parte superior direita do mapa), nem o texto explanatório e a decoração (parte inferior direita do mapa). Para fazer um mapa de parede retangular com estes, Blaeu colocou os quatro juntos, deixando bordas onde eles poderiam ser colados e adicionando no topo direito quatro folhas irregulares para as vinhetas e, na base esquerda, uma folha redimensionada, dessa forma produzindo para a montagem nove folhas de tamanhos diferentes mais duas tiras estreitas para preencher os vazios. Abaixo disso, em Latim, Holandês e Francês, ele adicionou um longo texto sobre o Brasil baseado em Barlaeus. O mapa em si tinha 163,7 cm de largura e 102,0 cm de altura (ou 148,8 cm de altura incluindo o texto sobre o Brasil). Na versão Klenck as bordas são coloridas a mão em verde, rosa e amarelo.

Inesperadamente, o Atlas Klenck não é único. Na Deutsche Staatsbibliothek em Berlim Oriental está um atlas quase idêntico, apresentado a Friedrich Wilhelm, o Grande Eleitor, por ninguém mais do que Johan Maurits em 1664 (eles eram primos e o Eleitor tinha anteriormente tido Johan Maurits a seu serviço). Um terceiro

Abaixo:

O título principal da edição Allard de 1659, diferentemente da de Blaeu, inclui explicações (da esquerda para a direita, começando no topo): *Tamanduaquaer ofte mieren eeter Zyn Tonge is langh 7 Vierendel van een ellen dickgelyckals een bas snaer* (Tamandua guae [ao invés de guaçu] ou comedor de formigas cuja língua é longa quatro e fração de ell [=69 cm] e fina como uma corda de violoncelo); *Ai ofte Luyjaert gaende s dags omtrent 20 Passen weeghs als hij zy' best doet* (ai ou bicho preguiça desloca-se por dia cerca de vinte passos quando ele faz o seu melhor); *Brasiliense muis* (rato brasileiro); *Brasiliaenen Vrijeucht over de Victori van haer batalien* (Alegria dos Brasileiros após a vitória na batalha); *de Bradery* (o churrasco); *de Struys Jacht* (a caçada de avestruzes). (Por cortesia da Biblioteca da Universidade de Leiden).





Acima:

O mapa Marcgraf Blaeu do Brasil foi primeiro publicado em 1647 no livro de Barlaeus *Rerum per octennium in Brasilia - - historia*. O detalhe mostrado aqui é do mapa da parte norte de Pernambuco e Itamaracá. (Por cortesia da Real Sociedade Geográfica, Londres)

atlas nessas dimensões está na Biblioteca Universitária em Rostock na Alemanha Oriental.²

Ambos os atlas de Berlim e Rostock incluem o mapa Marcgraf (folhas 35 e 32 respectivamente). Ainda outra cópia desse mapa Blaeu, e aparentemente o único conhecido exemplar que ainda existe como um tradicional mapa de parede, estava na posse de um negociante de Utrecht, R. C. Braeken, em 1983. Ele difere dos outros três por ter o texto em latim montado verticalmente no lado direito, o holandês substituído o em latim na base, enquanto que o em francês corre verticalmente no lado esquerdo; além disso, não é colorido.

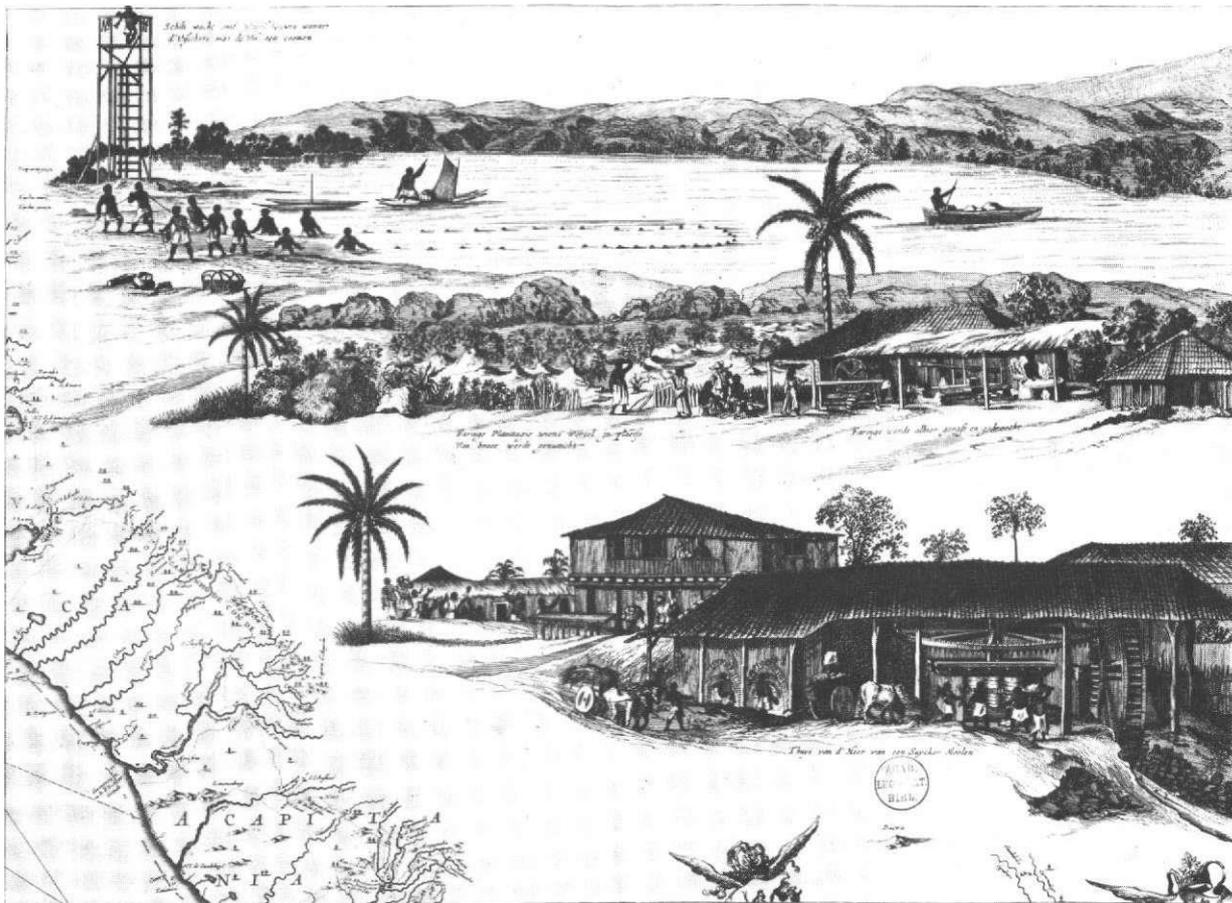
Os mapas Barlaeus podem ser considerados como primeira versão. Presumivelmente Blaeu, que era o editor do livro de Barlaeus, percebeu a possibilidade de fazer um mapa completo e aplicou as vinhetas de Frans Post. Porque ele teria permitido que o segundo mapa Barlaeus ser de largura diferente (a parte sul de Pernambuco é quase 10 cm mais estreita que os outros) é misterioso, ainda que as alturas sejam as mesmas. As áreas de superposição já estavam marcadas por linhas nas estampas Barlaeus, demonstrando que uma versão completa e unificada já estava planejada. Curiosamente, no entanto, Blaeu decidiu fazer várias pequenas alterações. Por exemplo, ele colocou um negro em cima da torre de observação supervisionando a cena de pesca com rede de arrasto, adicionou uma procissão com um palanquim, mulher com cesta e homem a cavalo embaixo no engenho de açúcar, colocou duas palmeiras extras no topo do Paraíba com Rio Grande, e incluiu explicações às batalhas navais numeradas II-IV. Com a adição de vinhetas, isto pode ser considerada como a segunda versão deste mapa.³

A edição Blaeu pode ser instantaneamente reconhecida pela grande palmeira na direita das edificações do engenho de açúcar e uma menor acima das edificações da vila Tupinambá (ambas no mapa Paraíba com Rio Grande). As edições posteriores de Allard e de Jonghe têm uma abelha melífera e um gafanhoto abaixo dos ramalhetes de flores na vinhetas do topo direito, assim como algumas explicações

para os animais e cenas. Só o Allard tem uma pequena palmeira adicionada à esquerda da cena da casa de farinha, logo abaixo dos pescadores, enquanto que a edição de Jonghe é imediatamente reconhecível pela provisão do motto *Honi soit qui mal y pense* em torno das armas do Príncipe Frederik Hendrik, o Stadholder, o qual tinha sido nomeado Cavaleiro da Ordem da Jarreteira em 1627 (são suas as armas [brasão] penduradas no lado direito da tiara abaixo do título principal).

Blaeu reutilizou os quatro mapas nas edições do seu *Atlas Major* (Latim, 1662; Holandês, 1665), usando a segunda versão, mas no demais na forma usada no livro de Barlaeus.⁴

A subsequente história da impressão do mapa de Marcgraf apresenta questões totalizantes com respeito a direitos autorais, piratarismo e a economicidade da produção em outras edições dos mapas. Doze anos após a edição de Blaeu em 1647, Huych Allard (ou Huijch Allart) de Amsterdam publicou uma nova edição do mapa. Uma cuidadosa comparação dos detalhes mostra, ainda que as linhas topográficas e os nomes dos lugares são quase idênticos, eles foram de fato regravados. Allard sensivelmente racionalizou o layout desajeitado de Blaeu fazendo nove folhas mais ou menos iguais com aproximadamente 38,5 cm por 52,7 cm. Ele estendeu a base para dar mais espaço para as batalhas navais, o que implica no alongamento da vinhetas do lado esquerdo, e ele inseriu explicações em holandês para os animais e as cenas. Parece ser possível que ele tenha regravado os dois mapas da direita (Pernambuco Boreal e Paraíba com Rio Grande) a partir de exemplares originais de Barlaeus, uma vez que a procissão no primeiro e as duas palmeiras no segundo não constam. Uma cópia incompleta do mapa Allard (faltando a folha direita superior) está na coleção Bodell Nijenhuis, p. 219, No. 60, na Biblioteca da Universidade em Leiden, enquanto que uma cópia completa foi oferecida a venda pela Sotheby's recentemente (23 de Outubro, 1986, item 141, ilustrado na p. 77 do catálogo); era opinado nesse catálogo que a data de impressão de 1659 tinha sido alterada de 1657.



As vinhetas incluem uma cena com rede de arrasto, e, abaixo, cenas com uma fazenda de mandioca e um engenho de açúcar. Allard insere as seguintes explicações (da esquerda para a direita, de cima para baixo): *Schilt wacht omt' Waerschouwen wanner d'Visschers met Vis aen coomen* (Vigia para alertar os pescadores quando vêm os peixes); *Faringe Planttagie wiens Wortei in plaetse Van broot werdt genutticht* (Fazenda de mandioca, cuja raiz era comida no lugar do pão); *Faringe werdt alhier gerast [gerasp] en gedroocht* (A farinha era produzida e secada); *Thuis van d'Heer van een Suÿcker Moolen* (Casa do dono de um engenho de açúcar). (Por cortesia da Biblioteca da Universidade de Leiden).

A terceira edição do mapa Marcgraf foi aquela publicada por Clement de Jonghe de Amsterdam em 1664. Pelo menos três cópias existem: na Biblioteca Britânica, no Museu Marítimo 'Prins Hendrik' em Rotterdam, e no Ministério das Relações Exteriores (Ministry of Foreign Relations) no Rio de Janeiro^(V). De Jonghe seguiu Allard ao usar nove pranchas mais ou menos iguais, e assim novamente alongando a vinheta esquerda, porém, há algumas diferenças curiosas. Ainda que ele tenha copiado Allard (ou Barlaeus) em omitir a procissão e também as palmeiras no topo do Paraíba com Rio Grande, ele utilizou apenas algumas das explicações de Allard (com a troca de algumas letras nas palavras), deixando de fora a maioria daquelas descrevendo as cenas. Uma vez mais, a cópia dos detalhes topográficos e dos nomes de lugares é muito exata, ainda que o gravador foi algumas vezes não tão cuidadoso, por exemplo, quando ele datou a quarta batalha naval como *An MDXL* e esqueceu inteiramente de inscrever *Rio Grande* na bandeirola abaixo das armas (brasão) daquela capitania.

Na história da cartografia há um certo número de verdadeiramente grandes mapas, grandes em função dos seus conteúdos, ou as circunstâncias singulares de sua sobrevivência, ou sua associação com algum personagem famoso numa particular fase da arte. O mapa de Marcgraf do Brasil está, talvez, numa mais modesta categoria. Contudo, sua elegância, seu equilíbrio entre as informações cartográfica e sócio etnográfica, sua força em evocar perdas da vida colonial, sua considerável precisão e o reconhecimento que lhe foi dedicado logo que editado (por inclusão no Klenck e outros atlas prestigiosos), dá-lhe um lugar especial na evolução dos mapas.

Foram Allard e de Jonghe, posteriormente, que reconheceram a necessidade para outras edições do mapa de parede completo com suas vinhetas, e lhes deve ser creditado seu grande e penosos esforços em reproduzir cada detalhe cartográfico e das imagens com exatidão. Dessa maneira, pelo menos nove exemplares chegaram até nós como um registro das habilidades de Georg Marcgraf, Frans Post, alguns incógnitos gravadores e, acima de tudo, a maravilhosa energia e entusiasmo de um governador colonial, Johan Maurits, o qual concebeu e generosamente financiou o projeto.

Uma análise mais detalhada do mapa, junto com referências bibliográficas completas, é oferecida em:

P. J. P. Whitehead & M. Boeseman, 1987. *A portrait of Dutch seventeenth century Brazil: animals, plants and people*

by the artists of Johan Maurits of Nassau. Amsterdam: Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen and North-Holland Publishing Company.

Referências:

1. Mapas de parede em pinturas flamengas muitas vezes são de tal precisão que elas podem ajudar a elucidar a história do próprio mapa (veja, por exemplo, James A. Welu, 1978. 'The map in Vermeer's art of painting', *Imago Mundi*, 30. pp 9-30. Não se sabe do mapa de Marcgraf em pinturas, mas o 'mapa de notícias' de Recife de 1630 feito por Claes Jansz. Visscher aparece no interior de uma casa flamenga numa pintura de Jacob Duck.
2. O atlas de Berlim foi emoldurado em madeira e com uma feia decoração barroca em metal, todavia, o atlas de Rostock tem a encadernação original quase idêntica à do Klenck, emoldurado com uma série de formas em diamante (preenchidas com rosas, fleurs-de-lys, cardos ou harpas na versão Klenck). Sua origem é a mesma, com o Klenck tendo na sua espinha a inscrição *Kees Dierckz, et filius D.K. compegerunt anno 1660*, e o Rostock *Kors Dierksen et filius D. Korsen compegerunt anno 1664*. Desde que os atlas Klenck e o de Berlim foram dados como presentes a homens muito proeminentes, seria esperado o mesmo para o atlas Rostock, mas sua história é desconhecida.
3. Em algumas, talvez muitas, cópias do Barlaeus um ou mais mapas da segunda versão substituíram os originais. Assim, a cópia da Biblioteca Britânica (que pertencia a Sir Joseph Banks) não tem o negro na torre de observação (mapa 2), nem a procissão com o cavaleiro e palanquim (mapa 3), enquanto que na cópia colorida do Barlaeus da Sala de Mapas da Real Sociedade Geográfica estes elementos estão presentes (segunda versão). Na cópia do Barlaeus usado por S. P. H. Naber para sua tradução holandesa (1923), o mapa 4 é da segunda versão state (palmeiras adicionais, textos para as batalhas navais II-IV).
4. Uma cópia colorida da edição holandesa (1665) foi examinada na Sala de Mapas da Real Sociedade Geográfica, intitulada *Derde deel van 't achtste stvck der aerdrycks-beschryving, welck vervat America*. O texto e os mapas ocupam os espaços S2-S7, os quatro mapas estão em sequência diferente da do Barlaeus (mapa 1-S3; mapa 3-S4; mapa 2-S5; mapa 4-S6), como corretamente indicada por Koeman (*Atlantes neerlandici*, 1:244). Eu estou em dívida com Francis Herbert da Real Sociedade Geográfica por chamar minha atenção para isto e para o Barlaeus colorido deles, e pelas muitas críticas construtivas ao meu texto.

NOTAS DO TRADUTOR:

D) Manteve-se neste texto a redação original do nome de Georg Marcgraf. No entanto, acredita-se ser mais apropriado grafar seu nome como *Jorge Margrave*, pois Georg é comumente grafado como Jorge na bibliografia nacional, e opta-se por aporuguesar seu nome para MARGRAVE, sem o C intermediário ou o F final, por entender que o seu nome traduzido para o latim, conforme está escrito na explanação técnica do mapa mural, *Georgius Marggraphius*, dá mais embasamento para essa versão, e existe a palavra *margrave* no português. O nome deste sábio alemão de Liebstadt também é encontrado grafado como:

- Georg Marcgrave;
- Jorge Marcgrave;
- Jorge Marcgraf;
- George Marcgraf;
- Georg Marcgraff;
- Georg Markgraf;
- George Markgraf;
- Georgius Marggrafius.

II) Cornelis Bastiaanszoon Golijath efetivamente retornou ao Recife. Esta informação está em Gonsalves de Mello, J. A. - A CARTOGRAFIA HOLANDESA DO RECIFE, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, IPHAN/MEC, Recife, 1982, pg. 31:

"Em julho de 1645 Golijath chegou ao Recife pela terceira vez, agora com nova profissão, a de capitão do navio Oranjeboom, da Câmara do Maas, partindo de regresso à metrópole em março de 1646. Não temos elementos para dizer se fez outras viagens ao Brasil, mas desde 1647 estava fixado em Walcheren, como consta da sua biografia por W. S. Unger. De qualquer forma mantinha-se informado dos acontecimentos do Nordeste brasileiro, que conhecia tão extensamente, pois o seu mapa do Recife, publicado em Amsterdam em 1648, indica a existência do Forte da Bateria, de Santo Antônio Novo ou de Altená, levantado pelos insurretos em outubro de 1647."

III) O Dr. Whitehead interpreta a vinheta, que está na secção 4 assinalada na ilustração do mapa mural (*tableau* ou *wandkaart*) deste artigo e que consta no mapa Paraíba com Rio Grande, como ilustração de uma cena com "*os mais 'civilizados' Tupinambás estabelecidos em aldeias ou vilas sob supervisão neerlandesa*". Creio que esses índios deveriam ser identificados como brasileiros, uma vez que estão armados com mosquetes e arcos e flechas, sem bordunas. Se as edificações efetivamente representarem uma aldeia ou vila, esta certamente seria de brasileiros, muitos dos quais estavam estabelecidos em aldeias supervisionadas por pregadores neerlandeses. Tupinambás, a exemplo os Tarairius, se estabeleciam em acampamentos por tempo relativamente curto, tendo costumes nômades, e não tinham supervisão de pregadores, contudo, dispunham de "embaixadores", como Jacob Rabbi ou Roloux Baro.

O mapa de Marcgraf assinala esses acampamentos tapuias e aldeias de brasileiros de forma distinta, utilizando símbolos, ou marcadores, diferentes. O mapa tem um quadro denominado NOTULARUM EXPLICATIO (nota explicativa, nos mapas modernos, quadro de legendas), onde há os símbolos:

 Acampamento tapuia, ou tarairiu, descrito como *Aldea d̄ Tapiya Domicilium Tapijarum*;

 Aldeias de brasileiros, descrita como *Aldea das Indias Domus Indiarum*.

Nota-se, que pelo menos na descrição em latim há uma distinção clara, *domicilium* e *domus*.

As aldeias supervisionadas por pregadores neerlandeses estão assinaladas com um símbolo específico que não consta no NOTULARUM EXPLICATIO:

 Aldeia de brasileiros supervisionada por pregadores.

† Possível variante do símbolo para aldeia de brasileiros supervisionada, usado apenas no mapa de Sergipe.

IV) Vide nota III acima.

(V) Esse exemplar do mapa BRASÍLIA QUA PARTE PARET BELGIS lastimavelmente foi furtado da mapoteca do Palácio do Itamarati em 2003, estando desaparecido até hoje (2010).